

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

GÊNESE DA RELIGIÃO SEGUNDO FREUD

MARIA CÉLIA DE MENEZES

GOIÂNIA

2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

GÊNESE DA RELIGIÃO SEGUNDO FREUD

MARIA CÉLIA DE MENEZES

GOIÂNIA

2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

GÊNESE DA RELIGIÃO SEGUNDO FREUD

MARIA CÉLIA DE MENEZES

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião como
requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Nicolau Heck

Goiânia

2003

Aos meus professores, inclusive àqueles que perdidos estão na minha infância, mas que, certamente, continuam existindo dentro de mim. Aos meus pais, Elimar de Menezes e Maria Alves Menezes; aos meus filhos, Sérgio, Paula e Renato, que dão luz à minha vida; e certamente a Deus, que possibilitou a existência de todos.

Ao meu orientador, Dr. José Nicolau Heck,
pela diplomacia e paciência bem como ao Professor
Dr. Sérgio de Araújo pela atenção e estímulo.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1.1 Freud e o seu tempo	27
1.2 Freud, o criador da psicanálise	35
1.3 Mestres que influenciaram as obras de Freud referentes ao estudo da religião e da Psicanálise em seus conceitos fundamentais	39
1.4 Como Freud usa os conceitos da psicanálise para explicar a religião	49
CAPÍTULO II	
2 Caminhos que a obra de Freud percorre para explicar a gênese da religião ..	62
2.1 Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)	69
2.2 A moral sexual civilizada e a nervosidade moderna (1908)	73
2.3 Totem e tabu (1913)	74
2.3.1 Mito científico-Assassinato do Pai.....	77
2.3.2 Origem do honrarás teu pai e tua mãe	83
2.4 Psicologia das massas (1921)	91
2.5 Futuro de uma ilusão (1927)	111
2.6 Mal estar na civilização	118
2.7 Moisés e o monoteísmo (1939)	124
CAPÍTULO III	
3.1 Importância do mito	133
3.2 Freud em relação à religião	138
3.3 Críticas a Freud	143
3.3.1 O ponto de vista de Malinoswki	146
3.3.2 O ponto de vista de Carl Gustav Jung	150
3.3.3 Ponto de vista de Gregory Zilboorg	162

CONCLUSÃO	166
REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

RESUMO

Menezes, Maria Célia de. *Gênese da Religião* segundo Freud. Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2003.

O trabalho pretende abordar a gênese da religião segundo Freud. Apesar de ser ele ateu, não discute a existência ou não de Deus. Prefere entender, segundo o aparato psíquico por ele criado, não as raízes profundas dos sentimentos religiosos, mas aquilo que o homem entende por religião, como ele mesmo disse em **Futuro de uma Ilusão**. Para isso criou um mito que explicaria o início da religião. Houve um ato inaugural, a morte do pai primitivo pelos filhos, que deflagra a religião e ao mesmo tempo a primeira lei social, a exogamia. Este momento inaugural inicia uma cadeia de novos atos que trarão conseqüências no social. A elaboração se faz em cima de reflexões freudianas sobre o assassinato do pai e a rivalidade dos irmãos, como um elemento constitutivo da cultura.

É o Édipo coletivo, que proíbe o que é mais ardentemente desejado: a morte do pai e o incesto, que dá sustentação ao Édipo individual como realidade histórica. A lei do pai primevero só se torna lei edípica quando da sua morte. Daí o pai ser mítico, representado, desde então, pelo totem. Por ser mítico, provoca referência e temor, instalando a função paterna que castra e impõe lei, possibilitando o nascimento da cultura. A passagem da força bruta à civilização instala a neurose, graças ao Édipo que se sobrepõe. A religião, como pertencente à cultura, só é possível graças a esta passagem. Assim, religião e civilização nascem de um mesmo momento inaugural: morte do pai, a repressão deste desejo, do desejo insatisfeito e da vontade de transgressão das normas. Sentimentos ambivalentes sustentam a culpa e a vontade de redimir. São eles, juntamente com a nostalgia do pai, os determinantes psíquicos da religião.

ABSTRACT

Menezes, Maria Célia de. *Genesis of Religion* according to Freud. Catholic University of Goiás: Goiânia, 2003.

The objective of this work is to approach the genesis of religion according to Sigmund Freud. In spite of being an atheist, he doesn't discuss the existence or not of god. He rather suggests according to the psychic apparatus he created, not the deep roots of religious feelings, but what man understands by religion as he himself says in **Future of an Illusion**. Hence Freud created a myth to explain the beginning of religion. There was an inaugural act, the death of a primitive father by his sons, which branches out religion and at the same time the first social law, the exogamy. Such inaugural moment gives a start to a chain of acts that will influence the social community. This work was conceived on Freudian ideas about the murderer of the father and rivalry among brother and sisters, as a constitutive cultural element. It is the collective Edipus, who forbids that which is most desired: the death one's father and the incest, which gives support to the individual Edipus with a historical reality. The law of the original father only becomes an Edipicus law, when death happens and makes the father to become a myth, represented then by the tote. By being mythic provokes reference and fear, establishing the paternity function which castrates and imposes law, making possible the origin of culture. The passage from brutal force to civilization gives birth to neurosis, thanks to Edipus who superimposes himself. Religion, as belonging to culture, is only possible thanks to that passage. So, religion and civilization are born from the same inaugural moment: the death of a father, the repression of such a desire, of a desire not accomplished and of a will of transgression of social rules. Ambivalent feelings sustain guilt and desire to redeem oneself. They are together with the nostalgia of the father the psychic determinants of religion.

INTRODUÇÃO

Desde as mais primitivas comunidades, sempre existiram indivíduos que afirmaram ter passado por experiências religiosas. O trabalho em questão não procurara analisar e nem afirmar se tais experiências são ou não verdadeiras, mas procura explicar como a religião nasceu, segundo Freud, fundador da psicanálise.

É inegável, que o crente associa a imagem de Deus à de um pai protetor e bondoso. Freud afirma que isto faz parte da própria natureza psíquica do homem que, devido à sua fragilidade diante da morte e da natureza, precisa recorrer a alguém que o acalente e lhe confirme que há sentido em sua vida. Além do mais, o ser humano, como ser pulsional, deseja realizar sua fantasia de onipotência: ser eterno e realizar todos os seus desejos. “Foi assim que se criou um cabedal de idéias, nascido da necessidade que tem o homem de tornar tolerável seu desamparo, construído com o material das lembranças do desamparo de sua própria infância e da infância da raça humana” (Freud, 1939, p.30).

Analisar a fundo como se dá a experiência religiosa, nada tem a ver com a fé pessoal de cada um. Somente, a partir do entendimento do *como* através das nossas fantasias inconscientes e das nossas necessidades, ocorre a criação da imagem de Deus, podemos adentrar no campo da objetividade e da psicanálise em especial. Os mitos religiosos nos incitam a investigar os fenômenos desta natureza que ocorreram em todas as épocas. É a partir de um deles, o mito do assassinato do pai da horda primevera, criado por Freud, que o autor articula, a partir de um fato real, segundo ele, o assassinato do pai, com a deflagração de uma série de acontecimentos que originarão a religião e as leis sociais paralelamente.

Através do *como* a morte do pai, amado e odiado pelos filhos ao mesmo tempo, pôde surgir a religião e ao mesmo tempo criar a primeira lei social, irá Freud articular as idéias em defesa do seu mito.

Apesar de Freud ver no coletivo o berço destas ações, que deflagraram tantas mudanças, não despreza o aspecto individual desta longa transformação que dinamizou as sociedades a partir de então. Freud, utilizando da sua metapsicologia, quer dar uma interpretação intrapsíquica dos acontecimentos, já que parte do raciocínio: apesar de a religião partir de um fato concreto, é no psiquismo humano que ela se produz, e é nas suas profundezas que se deve encontrar a sua explicação.

A psicogênese da religião terá, portanto, raízes não só em nível individual, como também em nível coletivo, sendo concomitantemente fruto da natureza pulsional do homem. O complexo de Édipo é por ele valorizado tanto em nível individual como coletivo, por crer que o Édipo individual não é capaz de explicar um fenômeno tão complexo como o da religião. A história da humanidade precisa de um Édipo da espécie, para dar as explicações que se fazem necessárias diante de

tão grande empreendimento; daí o seu mito. Assim, a psicologia social está vinculada à psicologia individual. Esta especificidade do pensamento freudiano é o que há de peculiar, nas pesquisas quanto à gênese da religião.

Como se vê, a partir de Freud, a gênese da religião será olhada quanto a outros aspectos: o do desejo, o da fantasia, o do afeto. O desejo, por sua vez, regulará todo o psiquismo. Como seres dependentes do Outro, nosso desejo está indelevelmente ligado a este Outro, e a toda a castração simbólica que este Outro nos oferece.

O que tem a ver a gênese da religião com este Outro? Conhecer melhor a imbricação entre os aspectos Eu/ Outro, é o convite que se faz ao leitor. Aproxime-se do trabalho para que compreenda a articulação feita por Freud entre religião, desejo e castração.

A gênese da religião, que é o tema do trabalho, tem como objeto, o pensamento freudiano. Sendo assim, o trabalho terá como objetivo geral mostrar que o homem, segundo Freud, por ser pulsional, é um ser de desejo. É graças ao desejo que o homem será vítima de uma série de emoções e sentimentos. O trabalho caminhará mostrando que a religião alcança seus objetivos utilizando de processos que a psicanálise se incube de nomeá-los como: identificação (com seus deslocamentos), sublimação, projeção, recalque, memória coletiva que são processos inconscientes. A respeito deles, Freud nos diz: “Na verdade, somos forçados a dizer de alguns destes estados latentes que o único aspecto em que diferem dos estados conscientes é precisamente a ausência de consciência” (Freud, 1967, p.194).

Freud afirma que todos os movimentos religiosos só são possíveis de ocorrerem, graças aos processos inconscientes e graças à filogênese que se repete

na ontogênese, devido à memória coletiva, que das eras ainda reverbera no homem atual.

Estudar esta visão freudiana sobre a religião, entre as muitas que já existem, traz contribuições para todos aqueles que se interessam pela gênese da religião. Concordem ou não com a opinião do autor, sempre é um acréscimo no cabedal do conhecimento daquele que se interessa pelos assuntos religiosos.

A metodologia a ser usada no trabalho se efetuará baseada em pesquisa bibliográfica, tentando-se articular os pontos de vista dos diferentes autores mencionados no estudo, com vista ao objetivo proposto.

Quanto à estrutura de elaboração da dissertação final, esta foi subdividida da seguinte forma:

Pretende-se no 1º capítulo item (1.1) "Freud e o seu tempo" apresentar um pouco da sua Viena, lugar onde morou e trabalhou por longo tempo, até se mudar para Londres, devido à primeira grande guerra. Viena, apesar de vender uma imagem de exuberante harmonia, acolhedora para todos aqueles que lhe pedem amparo, guarda no entanto nas suas entranhas, os primeiros germes que desencadearam os primeiros sinais da guerra. Viena, de Francisco José, bloqueia todo pensamento inovador, obrigando os movimentos culturais se adequarem a uma espécie de silêncio conformado. A polícia e censura, lado a lado, mantêm-se a postos, diante de atividades comprometedoras para o bem estar da nação. Esta linda cidade, apesar do seu *glamour*, do seu ar de contos de fada, esconde uma burguesia, semi-aristocrática, conservadora nos hábitos, medrosa face às inovações.

"Freud como cientista é um apatriado numa cidade cujo deleite é a arte; como pobre, apátrida numa sociedade semiburquesa, semi-aristocrática, sobretudo apátrida como judeu, em meio a um império multinacional (...) colocando o judeu, na delicada

alternativa de se assimilar por completo ou de não reencontrar lugar algum em que pisar” (MEZAN, 1985, p.62).

No item 1.2 “Freud, o criador da Psicanálise”, falaremos um pouco da sua vida como pesquisador, destacando filósofos e escritores que o auxiliaram direta ou indiretamente a construir a sua metapsicologia. Nomes de destaque serão: Nietzsche e Schopenhauer.

No item 1.3 “Mestres que influenciam as suas obras referentes ao estudo da religião e a psicanálise em seus primórdios”, trataremos das fontes de pesquisa de Freud e mestres que o influenciaram.

No seu texto “Totem e Tabu” (1913) buscou ele fontes de vários pesquisadores. Veja-se: Frazer com seus livros: “Ramo de Ouro”(1820), “Totemismo e Exogamia” (1910), “Golden Bough” (1890); William Robertson Smith com seu livro “Religion of Semites”(1889) no qual defende a idéia de ser no totemismo que a humanidade extrai o princípio da comunhão alimentar, já em “La Parenté et le Mariage dans l’Arabe Primitive”(1885), mostrará como o totemismo supõe consubstancialidade, natural ou adquirida, do homem ou do animal (ou da planta) idéias que continuam em a “Lei Primordial”. Durkheim com “Formas Elementares da Vida Religiosa” (1889). Atkinson e Darwin com a sua teoria da evolução, Baldwin Spencer e F.J. Gillen descobrem no continente africano tribos com crenças totêmicas que constituíam a base do sentimento religioso. Seus estudos foram publicados em: The Native Tribes of Central Australia e no The Northern Tribes of Central Austrália. Edward Taylor, antropólogo inglês, com o livro “Cultura Primitiva” (1922). Cabe a Mac Lennan, no entanto ser o primeiro estudioso a vincular o totemismo à história geral da humanidade. Numa série de artigos, tenta mostrar não apenas o totemismo como uma religião, mas também o fato de que dessa religião,

tenha derivado grande quantidade de crenças e de práticas encontráveis em sistemas religiosos muito mais avançados. Quanto à sua teoria metapsicológica, foi ela elaborada pouco a pouco, junto aos seus mais importantes mestres. Meynert o ajuda a pensar o homem como ser pulsional. Cria, então, o conceito de libido, energia das pulsões, separando o homem do mundo animal que possui respostas programadas. A pulsão¹ sendo fruto do desejo, pode se instalar em qualquer objeto, pelo fato de o homem não estar sujeito à pauta como os animais. Os conceitos da primeira tópica -consciente, inconsciente- serão frutos dos estudos com as histéricas. Charcot e Breuer, trabalhando com a hipnose, despertam em Freud a organização desta parte teórica. Com o passar do tempo, vai ele observando não ser possível associar o inconsciente só ao reprimido, daí passa à elaboração da sua segunda tópica na qual falará sobre: Ego, Superego, e Id. Do conceito básico do aparato psíquico dividido em tópicos, conclui não ser ele estático, podendo sofrer alterações dinâmicas e econômicas. Este aparato desta forma organizado lhe permite deduzir o aparecimento do sintoma, fruto do recalque, deslocamento e das inibições.

No item 1.4, “Como Freud usa os conceitos da psicanálise para explicar a religião”, pretende-se explicar os conceitos da sua metapsicologia por ele utilizados, quando fez a leitura da religião por eles amparado. Conceitos como pulsão de vida e de morte, repressão, neurose, identificação, sublimação serão discutidos. Este capítulo se justifica, quando se explica que os fenômenos religiosos só podem ocorrer, graças a processos inconscientes. Estes processos permitem a Freud tecer o conceito de “mente coletiva”, que são as disposições psíquicas hereditárias. São

¹ - Pulsão- Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a fonte numa excitação corporal (estado

elas que favorecem o aparecimento nas gerações seguintes de sentimentos fortes ligados a um fato marcante ocorrido em um passado longínquo que se perde em eras desconhecidas. Para Freud, houve de fato, um “big bang” que ocasionou uma série de conseqüências na psique do indivíduo.

”Um acontecimento como a eliminação do pai primevero pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade e, quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutivos a que ele deu origem.” (Freud, 1913, p.184).

Freud explica este fato por meio de um mito criado por ele, que o nomeia como “mito científico”. Os mitos segundo Freud, têm força atual; daí a necessidade de serem estudados. De acordo com este mito, na horda primevera, os filhos teriam matado o Pai em algum momento e, a partir desta morte, estabeleceu-se, de maneira indelével, na psique dos indivíduos, um sentimento de culpa indefinido. Este sentimento de culpa originará o nascimento das religiões e o aparecimento das divindades. Assim, o conceito de inconsciente, que faz parte da sua primeira tópica, ajuda a entender como a linguagem primitiva do parricídio, incesto, e sua angústia reverberam ainda no homem atual. Vai ele tecer o seu pensamento sobre o que é religião, mostrando que a fé religiosa e o seu culto não passam de uma imaginação primitiva, irracional e infantil vinda dos primórdios. Posteriormente, refletindo sobre o drama da natureza humana, explica-o pelo desejo de ser amado e protegido, pela necessidade de submissão. A figura de um líder, oferecido pela religião cristã como Moisés e Cristo, apazigua tal desamparo. A religião nutre e favorece este sentimento de desamparo infantil, portanto evita o crescimento do indivíduo, frente a si mesmo.

de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta.(Vocabulário da Psicanálise)

Conceitos como o de identificação inconsciente, narcisismo (com o deslocamento da libido para o objeto), Ego Ideal e ideal do Ego, substituição do “Ego Ideal” pelo “Ideal de Ego” ajudarão a clarear como é possível um líder religioso manter coeso um grupo. Em “Psicologia da Massa e Análise do Ego” (1921) especialmente, lançará mão destes conceitos. A idéia da religião entendida como sendo uma neurose, percorre todos os seus textos e será explicada utilizando-se dos conceitos de repressão e conflito da teoria por ele criada. A religião, por impor limites às pulsões agressivas e anti-sociais, deflagrará o recalque. Estas, uma vez abafadas, se despontarão nos sintomas, que nada mais são do que uma manifestação do recalcado travestido. Na neurose religiosa, os processos para a sua elaboração são os mesmos de uma neurose comum, tendo, no entanto, nos rituais, semelhanças com a neurose obsessiva, por meio de idéias obsedantes, ritos conjuratórios, rituais purificadores para eliminar um pouco da culpa, culpa excessiva que demanda grandes sacrifícios, e no pensamento onipotente, parentesco com a paranóia

O conceito de recalque (um dos tipos de repressão), para a crítica da religião seria impossível de ser desprezado, por ser um conceito fundamental para Freud por ver a religião como neurose coletiva.

O 2º capítulo, “Caminhos que a obra de Freud percorre para explicar a gênese da religião”, será subdividido em seis partes. Cada parte diz respeito a uma obra que contribuiu para a elaboração do seu conceito sobre religião.

Nesse momento, procurar-se-á acompanhar as idéias da gênese da religião em Freud, que é o tema do trabalho em questão.

Para isto, o trabalho iniciará com o texto “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907), item 2.1 Com ele, Freud inicia o estudo da religião associando as suas práticas com as dos mecanismos da neurose obsessiva. Em ambas, há a

presença de um superego severo, que pune o menor erro, fortalecendo o sentimento de culpa.

No item 2.2, "A Moral Sexual Civilizada e a Nervosidade Moderna" (1908), por moral sexual civilizada, deve-se entender "uma obediência moral sexual àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva atividade cultural" (Freud,1908, p.187), sendo responsável por uma série de prejuízos, na saúde psíquica dos indivíduos. Freud confirma a necessidade do recalçamento das pulsões, já que, sem o recalçamento, não entraria o homem na civilização e nem aceitaria a religião. Este seria o principal quesito para a entrada na civilização. "Em termos universais, nossa civilização se edifica sobre o sufocamento das pulsões". (Freud,1908, p.192). Neste texto, comenta ele que o vigor das forças pulsionais variam de indivíduo para indivíduo, ficando difícil de se estabelecer o quanto cada um pode sublimar. Por isso "A irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificaram-se em amplas esferas sociais" (Freud,1908,p.189). Aquele que não consegue sublimar suficientemente, torna-se um criminoso, e fora da lei de Deus. "Assim, cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo a satisfação instintual foi oferecida à divindade como sacrifício" (Freud, 1908, p.192). A grande tese de Freud foi mostrar o antagonismo entre cultura e repressão, fazendo um paralelo de maior incidência de doenças nervosas quanto maior for a repressão da pulsão sexual. Desta forma vão a religião e a civilização ganhando terreno, a despeito das limitações que elas impõem à psique do indivíduo. Confirmam também ser o desejo de transgressão tão forte que precisa que se crie a consciência para dominá-lo. Freud afirma, neste texto e nos demais, que só se proíbe o que se tem desejo de realizar, daí ser necessário o recalque. Mas até quanto poderia ser ele exigido, questiona ele.

No item 2.3 “Totem e Tabu” (1913), surge a criação do Mito científico, dando nascimento, segundo o relato deste mito, ao sentimento de culpa, favorecendo o nascimento da religião. Por trabalhar Freud sob a forma de analogia e paralelo, vai ele mostrar que, a partir do desenlace da história, com a morte do Pai, nasce também a construção do social. O complexo de Édipo por ele formulado, de acordo com a história deste mito, ancorado está na fantasia do neurótico, tendo o seu ponto de origem, na origem da civilização, decorrendo ele do sacrifício do Pai. “Sentiram remorso por ele e decidiram que não deveria repetir e que sua execução não traria vantagens” (Freud, 1913, p.178). Freud liga aqui a filogênese à ontogênese.

Neste texto, também se afirma que a psicologia social e a individual são inseparáveis, tal como o fruto dentro da casca. Esta idéia será reafirmada no seu texto social seguinte. Veja-se o caso do complexo de Édipo. Não ocorre ele só, em nível individual, mas é ampliado para o universal, pois o Pai Primevero, na sua figura totêmica, instituída pelos filhos, tanto quanto o pai biológico, impõe a lei “não casarás com sua mãe, e não matarás o animal totêmico. A regra da exogamia totêmica, uma vez decorrente da morte, promulgará a primeira organização social”.

Mezan (1985) comenta:

“Matar o pai e casar com a mãe são tendências que existem sob a forma de repressão, e esta praticamente, é instituída a partir do crime e não o inverso. A originalidade de Freud consiste em associar a emergência do complexo de Édipo e ao surgimento da sociedade civilizada por meio da mesmo ato” (Mezan, 1985 p.348).

Neste texto, também mostrará, que o desejo de matar e de cometer incesto, embora seja ele refutado por todos nós, permanece latente. A constituição do tabu, nos povos primitivos, é devido estarem eles mais intensos e atuantes do que no

homem civilizado que, graças à repressão, total ou parcial, se encontra mais “calado”. O tabu seria então, o primeiro mandamento moral da humanidade, que vai contra esses desejos desconhecidos, mas atuantes. “E o que tudo indica, o tabu vai-se transformando numa força com uma base própria, independente da crença nos demônios. Desenvolve-se nas normas do costume e da tradição e finalmente na lei” (*ibid.*, p.44).

Retornando o paralelismo freudiano, na sociedade contemporânea, a instância que representa o tabu dos primitivos é o superego. Nele, estão incluídas todas as orientações sociais, que vêm a ser uma interiorização do tabu. Até então era a própria sociedade primitiva que impunha o castigo, com a instalação do superego; é esta instância psíquica que disto se ocupa.

No item 2.4, “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921), vai ele nos falar da formação de grupo, fazendo novamente um paralelismo com a hipnose. Fenômenos semelhantes ocorrem em ambas. A partir de então, mostrará as teses de LeBon e McDougall, havendo em comum com a teoria de ambos, a crença da presença do inconsciente. No entanto, não satisfazem Freud as explicações dos dois estudiosos. Quer ele maiores esclarecimentos. LeBon, afirma ser graças à sugestão, um derivado da hipnose, acrescentada à força da personalidade do líder, que os fenômenos de massa acontecem. Freud caminha a sua teoria objetivando responder de onde vem a força desta sugestão. Daí, partirá para a conclusão de que, graças a processos psíquicos inconscientes, frutos do dinamismo pulsional, pode ocorrer não só a coesão entre os membros de um grupo, como também o seu encantamento para com o líder. A pulsão narcísica deslocando do indivíduo, alcança os objetos envolvendo-os com laços afetivos. “Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando,

uma quantidade considerável de libido narcísica se transfere para o objeto (Freud,1921, p.143). Assim, esclarece ele ser a estrutura libidinal do grupo favorecedora da coesão grupal.”A gradação diferenciada do Ego, Ego e o Ideal de Ego e a “dupla espécie de vínculo” que se estabelece promoveriam uma seqüência de fatos tais como: a identificação e a colocação do objeto no lugar do Ideal de Ego” (Freud,1921, p.164). A identificação inconsciente pode também explicar o porquê de as pessoas se assemelharem a aquelas as quais amem.Uma parte deste objeto será introjetada no indivíduo parcial ou totalmente. Na refeição totêmica, os filhos, por serem canibais, devoram o Pai com o qual se identificaram. Fazendo outro paralelo com a psicologia de grupo, vai ele explicar a similitude da refeição totêmica, quando ocorre a devoração do Pai, com o complexo de Édipo. Neste, sua resolução será quando o filho identificado com o pai o introjeta psiquicamente, vindo junto a sua lei: não casará com sua mãe, que é a representação psíquica da regra da exogamia totêmica. Mais uma vez, aparece a analogia entre vida psíquica individual e coletiva. ”A psicologia individual é também, desde o princípio e simultaneamente, uma psicologia social” (*ibid.*, p.991).

No social, graças ao Ideal de Ego, fruto do recalque de todo narcisismo infantil e da instalação do superego, vai o indivíduo ceder uma parte sua para o Ideal coletivo. Desta possibilidade, é que as religiões funcionam. Exigem elas um bom bocado deste ideal de Ego particular, já que visa a normatizar o indivíduo segundo as suas crenças que não passam de uma ilusão, para o autor.

Outro paralelo, também apresentado no texto, é o da religião como sendo uma neurose coletiva universal. Ela tem em comum com a neurose individual repressões da pulsão sexual (a civilização repousa sobre a renúncia do instinto, afirma ele), rituais obsessivos, interiorização do castigo, caso seja efetuada ou não

a ação proibida, e deslocamento por similitude. O que as separa é apenas o caráter associal da neurose individual, ficando o indivíduo fechado em si, enquanto que na religião, a neurose coletiva tem um caráter social.

Quando Freud nos fala da religião como Ilusão, já nos prepara para o seu texto seguinte “Futuro de uma Ilusão” (1939), item 2.5, onde afirmará enfaticamente ser a religião uma ilusão. Nele trabalhará com idéias do “Totem e Tabu”, retomando o Mito científico. O desamparo infantil será a fonte por onde a religião tem mais uma vez o seu êxito. Este sentimento, comum a todos nós, explicaria o sucesso das idéias religiosas. A ilusão, embora não seja um fraude, é perigosa, pois coloca o indivíduo indiferente à realidade. A razão do sucesso da crença religiosa como uma ilusão está no fato de “derivarem dos desejos humanos”(Freud,1939,p.44).E quais seriam estes desejos?O de ser amado e protegido. Nisto a religião tem sucesso, já que oferece um pai que ama e consola. O paralelismo mais uma vez se apresenta. O mito ocorreu justamente da negação do amor deste pai, que não quis reconhecer os filhos como filhos. A necessidade de amor clamando por justiça, associada ao desejo de possuir também as mulheres tanto quanto o pai, facilitou o crime. Sentimentos ambivalentes nascem, amor e ódio se confundem. O pai morto será de agora em diante respeitado e passará a ser o guardião totêmico. Na religião cristã é o amor de Cristo que protegerá. Um paralelo às avessas irá ser retomado em Moisés, pois, enquanto Cristo morre por nós na cruz, já que o crime foi a morte de um pai, Moisés é morto pelos seus filhos, repetindo, mais uma vez o crime do mito científico.

A crença religiosa tem suas conveniências.Dispensa o hábito de pensar, para aqueles que acomodados são, e come-se o prato pronto, feito por alguém com o qual se tem afinidade. Nas crenças, idealiza-se o objeto amoroso e com ele se

torna parecido, graças ao poder da identificação que faz parte da estrutura individual de cada um. Por ela é que se dá a constituição do sujeito e a sua posterior integração no social. Os orientadores religiosos cientes de sua função, oferecem a imagem de Cristo, para que os fiéis nela se espelhem, favorecendo, assim, uma maior adesão e coesão grupal.

Freud convida a todos a abandonar esta ilusão, a favor de uma atitude mais realista. Ou seja, é o homem o único capaz de fazer alguma coisa para ele mesmo. A razão, aliada à ciência, poderá dar um retorno muito maior do que as crenças religiosas. "A longo prazo, nada pode resistir à razão e a experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais(Freud, 1939, p..68)

"Mal Estar da civilização" (1930) é o texto seguinte, item 2.6. Nele, mostrará o quanto a constituição do Superego tem de pulsão agressiva, que é inata em nós. A própria força da pulsão é utilizada para formar esta instância normativa em nós. As religiões, ao mesmo tempo que lutam para domar esta fera, que é a Pulsão de Morte, força destrutiva e desruptora de laços, utilizam do superego religioso para normatizar o indivíduo conforme o seu desejo. Noções de pecado são utilizadas, associadas com severas penitências.

A pulsão de morte trabalha em conjunto com a pulsão de Vida, mas a sua atuação só se manifesta através da compulsão à repetição, da dificuldade em reconhecer a alteridade e do sintoma neurótico pelo seu aspecto repetitivo. No campo social aparece ela por meio das repetições da guerra e de todas as formas sociais que visam ao autoritarismo, onde a alteridade é menosprezada.

Na horda, o superego nasce quando da morte do pai, erguem o totem, fazendo-o seu representante. O pai simbólico terá agora mais força do que quando vivo. Na criança o superego nasce quando da resolução do complexo de Édipo,

havendo a identificação com o pai biológico, ficando com ele semelhante, pois sua lei foi introjetada. De agora em diante, a sua presença física é secundária, pois psiquicamente está ligado a ele. A lei do pai biológico sempre está acobertada pela lei do pai primevero. A história primitiva se une à atual. O superego por ser severo, e nele estarem incluídas as leis religiosas, promove o domínio das pulsões associadas. Suas leis, no entanto, nunca ofertam a paz ao crente, pelo próprio nível de severidade tanto do superego individual, como o do coletivo. A igreja católica exige que, além de amar a Deus, ame o teu inimigo como a ti mesmo. Condição nem sempre conseguida por todos, pois nunca se consegue tudo sublimar.

O final deste 2º capítulo item 2.7, diz respeito ao último texto “Moisés e o Monoteísmo”(1939). Nele retoma a ideia do assassinato do pai primevero, fazendo paralelismo com o assassinato de Moisés e de Cristo. A importância do “Pai Morto”(pai simbólico que se instala na psique individual, após a morte do pai da horda) para que haja uma abertura histórica é confirmada neste livro. Só aqueles que aceitaram ser mortos, puderam abrir uma nova fase na história da civilização, pois as pessoas não se ligam mais à sua pessoa, mas à força da sua mensagem. Moisés e Cristo são dois exemplos citados. Ambos compreenderam que, se aceitassem ser os mensageiros encarnados da verdade, pereceriam na memória coletiva, mas, no momento em que aceitam ser um símbolo das suas ideias, tornam-se imortais.

Freud mais uma vez volta ao mito do assassinato, pois foi com a morte do pai que houve a inauguração de uma nova era, com o nascimento do complexo de Édipo e o horror ao incesto e reafirma, mais uma vez, um paralelismo dos fatos. Depois da latência, período em que a sexualidade se retrai a favor de um aumento da intelectualidade, há o retorno do recalcado. Na história da humanidade isto

também ocorreu. Depois da morte de Moisés por seus filhos, houve um período de latência, quando há a volta dos bezerros de ouro. Posteriormente, há um retorno do recalcado. Volta novamente a religião mosaica dominar, reacendendo o monoteísmo que estava apenas latente, porém jamais esquecido. "As idéias de Moisés adormecem, sua fala permanece obscurecida, esmaecida nos poucos sacerdotes fiéis que restavam, mediante antigos registros. Houve (...) um longo período durante o qual não se detectou sinal algum da idéia monoteísta" (Freud, 1939, p.86).

O trabalho será finalizado com o capítulo 3º. No item 3.1, tratar-se-á da "Importância do Mito"; no item 3.2, tratar-se-á de "Freud em relação à religião". Neste momento, falaremos da religião judaica e da intelectualidade valorizada e incentivada por ela. Será levantado também um paralelo entre o conceito aristotélico de "amor próprio" e do "narcisismo" freudiano, bem como entre o conceito de livre arbítrio e determinismo psicológico. Freud sem o saber estabelece uma base empírica da vida que está de acordo com o ideal cristão. O que tem a psicanálise a oferecer e o que tem Freud em comum com a religião é o de que trata a discussão.

No item final 3.3, "Críticas a Freud" , encontraremos autores que discordam de Freud. Dois psicanalistas, Zilboorg e Jung, serão convidados a se manifestar, destacando Jung, por ter sido ele eleito por Freud, para substituí-lo, substituição não ocorrida, por desentendimento teórico entre ambos. O outro será Malinowski, antropólogo inglês que estudou também o totemismo, e discorda das afirmações feitas por Freud sobre o princípio Totêmico.

Após o percurso feito, conclui-se que Freud encanta a muitos e a outros desencanta, mas, mesmo assim, não se pode negar ter sido ele um homem criativo e a par de todo o movimento cultural da sua época, dando uma resposta inovadora sobre a gênese da religião.

CAPÍTULO I

1.1 Freud e o seu tempo

Mezan (1985), quando fala da psicanálise, a vê como fruto de cristalizações de um conjunto de teorias, que visam a elucidar o funcionamento do psiquismo humano, partindo do particular para o geral, fazendo-se universal. Mas, para que melhor possamos entender o criador e sua criatura, a psicanálise, é preciso que se compreenda toda a dimensão cultural que o cercava.

A análise começara em Viena, século XIX, cidade em que viveu e trabalhou por muitos anos.

Viena, no tempo de Francisco José I, imperador da Áustria e rei da Hungria, cujo reinado se estende de 1848 a 1916, leva a associações com Danúbio Azul, torta de chocolate, indolência e frivolidade. Viena maravilhosa do vinho, da música, do sonho, do teatro, onde belas mulheres mostravam a exuberância dos trajes e os homens a sua incontestável elegância. Nela a nobreza de sangue e a burguesia que a imita dão o tom da moda, e escolhem as preferências artísticas. A imagem que nos faz pensar Viena como uma cidade voltada para o prazer é uma imagem

estereotipada. De fato os vienenses, eram apaixonados pela música, cafés literários e teatro, tomados como modelo de “bom gosto”. A música, a ópera, as artes decorativas, em geral, constituem o núcleo da formação artística de Viena desta época. A ópera, preferida da classe burguesa, alarga o seu raio, indo alcançar as classes mais populares pela tendência a se imitar as classes nobres, porém isto não corresponde à realidade desta encantadora cidade.

No século XIX, após o congresso de Viena, os dirigentes europeus vencedores de Napoleão, reunidos em Viena (1815), restabelecem a velha ordem que a revolução rompera. Desta forma, assumiram os Habsburgos a liderança na luta contra o liberalismo e contra os movimentos nacionais na esperança de assim preservarem o equilíbrio da monarquia. Mas, as idéias pregadas pela revolução francesa não se deixam morrer e têm na figura de Metternich um porta voz fiel. Durante os trinta anos do seu governo, os monarquistas tentam abafar as idéias da revolução francesa ainda atuantes. Idéias estas que mostravam o valor da liberdade, igualdade, fraternidade, de direito a todas as raças, credos e nacionalidades.

O reinado de Francisco José I, querendo bloquear todo movimento inovador, obriga o movimento cultural a desviar-se da política para atividades menos comprometedoras, já que a censura e a polícia se ocupavam com a aniquilação de qualquer idéia liberal. No teatro, peças afirmando o valor da dinastia eram apresentadas. Enquanto Paris, ainda conservava a sua áurea de metrópole renovadora, graças as renovações do *ancien régime*, atraindo assim todas as correntes revolucionárias das artes e do espírito, Viena vive num provincianismo, renunciando a uma possível posição de metrópole européia que fora no século barroco. A resistência ao novo se manifesta não só no campo político, mas também no das artes. Viena permanecerá desatualizada em relação a muitas correntes

musicais inovadoras e já íntimas em outras capitais européias. O advento de Wagner, compositor já celebrado, e a revolução por ele introduzida na ópera, só serão descobertos por Viena, quando da criação da filarmônica de Viena em 1850. Algum atraso será, então, recuperado. Muitos nomes de importância serão ignorados, como Bruckner, Hugo Wolf e outros, enfim. O domínio musical funcionava como revelador das tendências culturais do período. O que se respirava em Viena era um clima de “contra o novo”. Só categorias habituais eram bem aceitas, o que levava o bom a ser inimigo do excelente por não ser habitual. Wagner, neste momento, destacava-se como o “artista do vazio.” O que quer isto dizer? Uma sociedade, vazia de valores e de políticos, cabia à sua música apontar este momento. Wagner era o artista, que destaca isto com grandeza, mostrando que o vazio devia-se ao refluxo da religião também. Agora, cabia à praça de ópera ser a substituta da catedral, como foco de coesão e identificação coletiva. Era, então, um novo espaço ritual na ordem do universo. Mesmo assim era o artista indigesto a Viena.

Viena de 1900, revela a sua face ainda presa às frivolidade, seduzida pelo ritmo da valsa e pela pompa das suas fachadas, que escondem muitas desigualdades sociais. Revela ela o seu gosto pelo decorativo, pelo supérfluo e pela maquiagem. O teatro da época é revelador deste sentir social que ele mostra com vigor. O teatro, encontro dos elegantes, nada mais é do que o reflexo daquilo que é a sociedade. Maneira de vestir, de se portar, falar, o gosto pelos hábitos tradicionais, ligados aos reinados precedentes, etc. Assim, o público confia ao teatro a função de árbitro daquilo que deve ser elegante ou não. Desta forma, o palco nada mais é do que uma pedagoga que orienta o público na sua *finesse*. Seria assim, o Ideal de Ego freudiano. Como se vê, Viena, apesar do seu *glamour*, do seu ar de conto de fada,

esconde uma burguesia atada aos seus hábitos, medrosa diante das inovações, atada ao seu pequeno cotidiano, tal como uma criancinha dependente da mãe. Não só a conjuntura política (aristocracia autoritária / camponeses) favorece esta fixação, como também o medo do novo dos seus cidadãos.

A Viena de Freud continua por um longo espaço de tempo feudal, tentando privilegiar, a todo custo, o direito da aristocracia, o que impede o florescimento das aspirações de novos grupos sociais, que visam a criar um relacionamento político mais adequado, com o início da industrialização. Ao invés de aceitar as desigualdades das nacionalidades, presentes no Império, o regime impõe um estado unitário e autoritário. É o estado feudal que continua dando as cartas, quando o desenvolvimento industrial começa a florescer nos têxteis (lã, algodão, linho, seda) e no setor de papéis e couro.

Mezan (1985) comenta que, só a partir de 1869, haverá a emancipação dos judeus, o que lhes possibilitará participar da integração econômica e social. Em 1888 grupos de tendência socialista se organizam no Partido Social Democrata. De um modo geral, algumas modificações tímidas são realizadas, direitos dos cidadãos eram votados pelo parlamento e uma atmosfera amena reina neste período anterior à primeira grande guerra. É o período conhecido como Belle Époque. Na superfície, há todo o encanto de um sonho, enquanto que nas entranhas começa a preparação para o grande anti-semitismo que surgirá mais tarde. É na figura de Karl Lueger, anti-semita e prefeito de Viena por longo período que grupos numerosos, por seu intermédio, manifestam o descontentamento pela pauperização crescente, escolhendo um bode expiatório, no caso, o povo judeu. Segundo esses grupos, as mazelas do capitalismo estão ligadas à burguesia e quando se fala em burguesia, fala-se em judeus. Movimentos anti-semitas aumentam, contradições políticas

também. Os pangermanistas (adeptos de outro partido político importante), ainda mais anti-semitas, pregam a dissolução da monarquia e a união das populações de língua alemã ao Reich de Berlin. Como se vê, é a capital o palco de lutas tanto no âmbito de nacionalidades, como no âmbito de lutas de classes imbricadas com a questão nacional. Mas Viena se mostra indiferente a esse caldeirão de controvérsias e mal estar político, tentando neutralizá-los. Na arte de evitar as arestas da realidade e de aceitar as contradições como fatores de uma diversidade aceitável, Viena foi mestre. Dotada de um impressionante poder de assimilação, ela neutraliza os conflitos para não ter que enfrentá-los. O brilho de Viena e sua aparente normalidade continuam atraindo os melhores elementos de várias etnias que vão em busca de suas famosas universidades. Essa função aglutinadora, Viena a aceita bem. Grupos diferentes, de várias classes, organizam-se de forma harmoniosa, o que não exclui barreiras de classe, mas Viena os reabsorve de maneira polida, ajudando a manter um clima jovial, confirmando a imagem de Belle Époque. Apesar de a cidade reunir uma variedade étnica, submetida à hegemonia germânica, Viena é uma cidade germânica, tanto pela língua como pelas tradições, profundamente conflituosa em suas entranhas sociais, apesar da sua gentileza e jovialidade.

A época de Freud é a época da atmosfera de “vazio de valores” décadas de 1870 e 1880. Os intelectuais desta época são: Victor Adler, líder do partido social-democrata; Alois Riegl, fundador da escola vienense de História da Arte; Gustav Mahler; Artur Schnitzler, cujos dramas e novelas expressam em perfeição, o clima de Belle Époque; escritores como Roberte Musil, Stefan Zweig, o filósofo Ludwig Wittgenstein, o pintor expressionista Egon Schiele, e muitos outros.

E como fica Freud, judeu e oriundo da Morávia, como morador de Viena? Mantém sentimentos ambivalentes, pois, se de um lado foi lá que estudou e fez

carreira, de outro, nela se sentiu sempre deslocado por não aceitar a burguesia “que se define pela hipocrisia e pela duplicidade, pois as suas verdades éticas servem apenas para serem exibidas e não para serem postas em práticas”(ibid p.98) reconhecendo aí também um lugar de um anti-semitismo disfarçado, porém constante. A sua resistência em abandonar Viena, quando da primeira guerra, época em que se arruinaram as condições dos judeus, deve-se ao fato de oferecer Viena uma enorme produção intelectual, da qual, pôde ele se servir à vontade. Além do mais, a maneira pela qual absolveu a cultura que a cidade lhe proporcionou, ajuda – o na construção de sua teoria. Esta seria a atmosfera favorável à psicanálise segundo ele. Os salões de Viena, não os frequenta por ser pobre; a Viena teatral, musical e apaixonante o exclui, a política não lhe interessa, a não ser o caso Defruy que suscita questões anti-semitas. Desta forma, era um apatriado.

”Freud como cientista é um apatriado numa cidade cujo deleite é a arte; como pobre, apatriado numa sociedade semiburguesa, semi-aristocrática; e sobretudo apátrida como judeu, em meio a um império multinacional(...)colocando o judeu na delicada alternativa de se assimilar por completo ou de não reencontrar lugar algum em que pisar.” (Mezan, 1985, p.62)

Freud afirma que o fato de ser judeu, ajudou-o a acostumar-se a ser da oposição e de aceitar estar sempre em dissonância com a maioria. Isso o ajudou a aceitar todas as críticas feitas à psicanálise, sendo uma minoria frente a uma maioria desproporcional que combatia suas idéias.”Numa idade pre-matura familiarizei-me com o destino de estar na oposição de ser posto sob o anátema da “maioria compacta” (Freud, 1925, p.18). O fato de ser judeu, sem contudo ser adepto do

judaísmo, ajudou-o também a construir a psicanálise, pois esta religião é dotada, segundo ele, da peculiaridade de permitir o

“uso do intelecto” não toldado por preconceitos (Freud não diz que por ser *ateu* se encontrava livre de muitos preconceitos, mas sim por ser *judeu*); ainda que sem crer nos dogmas religiosos, o indivíduo educado no meio judaico guarda uma profunda ligação com os demais judeus (a “identidade íntima”, “a secreta familiaridade”) ao mesmo tempo que tal educação o habilita a figurar nas fileiras da “oposição ” (Mezan, 1985, p. 63).

Embora fosse um *ateu* desvinculado dos rituais, contudo sua alma estava ligada ao povo judeu e o seu judaísmo era-lhe talhado conforme as suas próprias convicções. Em carta enviada à Sociedade B´neil Brit, afirma ele: “Devo confessar que nem a fé e o orgulho nacional me ligam ao judaísmo, pois sempre fui incrédulo e fui educado sem religião (...). Contudo, ainda permaneciam muitas coisas para tornar-me irresistível a atração pelos judeus e pelo judaísmo”(*ibid* p.62). É importante que se estabeleça a relação entre ateísmo e psicanálise e entre esta e sua forma de ser judeu.

Quando Freud nasceu, a situação dos judeus era dolorosa. Os judeus intelectuais, para serem bem aceitos pela sociedade vienense, deveriam negar a sua origem e assimilar o mais rápido possível a conduta européia e sua língua. Ficava ele, então, partido entre a fidelidade a seu povo e a vontade do êxito social. A industrialização e o êxodo rural haviam atingido grandes massas de judeus, fazendo-os migrarem para as cidades em busca de melhores oportunidades. Somente em 1869 é decretada a emancipação completa dos judeus com igualdade de oportunidades no trabalho e na educação, mas, mesmo assim, o anti-semitismo persistia, embora de maneira difusa, mas persistente. Freud tem nesta época treze

anos e graças a esta medida, pôde ele ingressar mais tarde na faculdade. Mezam (1985), destaca as observações de Freud feitas na sua *Autobiografia* :

"A universidade, a cujas aulas comecei assistir em 1873, proporcionou-me de início algumas profundas decepções. Antes de tudo, preocupa-me a idéia de que minha pertinência à religião israelita me coloca em situação de inferioridade frente a meus colegas, entre os quais eu era um estrangeiro (...) Nunca pude compreender por que deveria envergonhar-me de minha origem, ou como então já se costumava a dizer, de minha "raça". Por isto renunciei sem grandes emoções à conacionalidade que me era negada" (*ibid.* , p.66)

O que Freud admira na religião judaica é a sua alegria de viver "a essência do judaísmo não passa por aí, mas por uma qualidade específica, a alegria de viver e a capacidade de sentir prazer com os eventos particulares" (*ibid* p.7). É admirada também a tenacidade do povo judeu, que é herdada por ele, quando constrói sua teoria. Assim pode ser definida a familiaridade de Freud com o seu povo, somada à certeza de que pelo fato de ser judeu, as coisas eram mais difíceis para ele. O judaísmo, fonte de humilhação, é, no entanto, fonte de obstinação de Freud.

Será, com a ciência da psicanálise, que se imporá "ao outro lado," sem negar, contudo, sua raça. Durante sua vida estudantil dedica-se à leitura dos clássicos: Sófocles, Virgílio, Shakespeare, Cervantes, Goethe, Lessing e Schiller. Sua cultura musical se resume em Mozart, em poesia, teatro e romance tem preferência pelos clássicos.

1.2 Freud, o criador da psicanálise

Freud, nascido em Friburgo, na Moravia, em 1856, cria a psicanálise quase que sozinho. Em 1906, passa a reunir-se com colegas na sua sala de espera. São eles: Abraham, Ferenczi, Rannk, Steckel, Sachs, Jung, Adler. Nas quartas feiras, dá-se o encontro sistemático, quando discussões sobre psicanálise ocorrem. Estas reuniões mais tarde serão efetuadas na Sociedade Psicanalítica de Viena. Posteriormente, Jung e Adler discordarão da psicanálise freudiana e se separarão.

A vida profissional de Freud, como médico neurologista e professor de fisiologia, começa a ser reconhecida na figura de seu amigo, também médico, Ernst Bruncke. "Confiou-me um problema para solucionar na histologia do sistema nervoso; consegui resolvê-lo para a sua satisfação e levar o trabalho mais adiante por conta própria". (Freud 1925 p.20). Mais tarde, consegue entrar como assistente clínico, no Hospital Geral, onde conhece Theodor Meynert, professor de psiquiatria. "Um dia Meynert (...) propôs que eu devia dedicar-me inteiramente à anatomia do cérebro e prometeu passar-me suas atividades como conferencista, visto sentir-se velho. Declinei-me desta oferta. (*ibid* p.22). Vários estudos sobre doenças orgânicas do sistema nervoso são publicados por Freud. "A fama de meus diagnósticos trouxe-me uma afluência de médicos norte-americanos, perante os quais pronunciei conferências" (*ibid.* , p.23). Ganhando uma bolsa, parte para Paris, onde conhece Charcot, médico e pesquisador, passando a ser o tradutor de suas obras para o alemão. Trabalha com ele sobre as histerias. "O que mais me impressionou enquanto privei com Charcot foram suas últimas investigações acerca da histeria, algumas delas levadas a efeito sob meus olhos. Ele provava, por exemplo a

autenticidade das manifestações históricas (...) e a ocorrência freqüente em homens.” (*ibid* p.24)

Em 1886, fixa-se como médico em Viena, casando-se com Marta, sua noiva que o esperava. Em 1891, começa a investigar a Afasia, vindo a publicar um livro sobre este assunto. Em 1893, lança o livro “Estudos sobre Histeria” com seu amigo Dr. José Breuer, que havia conhecido na mesma época de Brucke. A teoria Breuer-Freud pode ser resumida nos dizeres: Os histéricos sofrem principalmente de reminiscência. Apesar de Freud ter modificado posteriormente o método preconizado no livro e também pelo fato da ” teoria da catarse não tinha muito a dizer sobre a teoria da sexualidade (...). Os papéis sexuais desempenhavam certa função, mas quase não se prestou mais atenção a elas(*ibid.* , p.34); o livro é um marco no desenvolvimento da psicanálise. Breuer se distancia de Freud pela falta de tempo como médico de família e como clínico e também por considerar os fenômenos histéricos mais ligados à teoria fisiológica, enquanto Freud considera que tais fenômenos estão vinculados à “ação mútua de forças e da atuação de intenções e propósitos como os que devem ser observados na vida cotidiana” (*ibid.* p.35). Mas, mesmo assim, Freud reconhece que, ”nesta relação, só eu naturalmente tive a ganhar. O desenvolvimento da psicanálise depois veio a custar-me sua amizade. Não foi fácil pagar tal preço, mas não pude fugir a isso” (*ibid.* ,p.31).

Apesar de ter criado a psicanálise quase que sozinho, como já foi dito, conceitos fundamentais da psicanálise tomam forma nos ares da filosofia. Schopenhauer, Nietzsche são citados como predecessores que anteciparam alguns conceitos básicos da psicanálise. Heck *apud* Pimentel (1995) comenta a maneira elegante que ele utilizou, para negar a proximidade intelectual do conceito do inconsciente com o conceito do esquecimento dinâmico, do filósofo Nietzsche.

"Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Nietzsche, outro filósofo cujas conjeturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida". (Freud, 1925, p.76)

Desde o momento que Freud afirma haver aproximação teórica entre ambos, não nega o fato de tê-lo lido. Heck, comentando Nietzsche, mostra o quanto o filósofo acha o homem distante dele mesmo, sendo o segredo da transmutação, daquilo que eu sou, para aquilo que eu desejaria ser, o fato de existir o esquecimento que elimina sistematicamente o passado. Há uma inibição da memória ante a vontade de se afirmar. "Tal ambigüidade antropológica tem, para ambos, raízes no subsolo pulsional, naquela esfera onde as forças determinantes do ser humano, suas pulsões e impulsos digladiam-se livremente, pois ainda não estão organizados e inibidos (Nietzsche) ou reprimidos (Freud) (Pimentel 1995, p.20). Foi com a ajuda do filósofo que Freud pôde, a partir do conhecimento analítico, elaborar os seus conhecimentos metapsicológicos. A pulsão que é vista por ele, como uma força desordenada, visando ao seu fim último, que é o prazer, em Nietzsche é entendida como estágios primitivos da espécie. O componente filogenético do filósofo, que afirma haver nos sonhos alucinações arcaico-coletivas da história da humanidade é também fonte de inspiração para Freud, pois confirma, também, a existência no sonho do passado da espécie humana. Quando postula o seu mito científico, em Totem e Tabu(1913), o faz tendo como elemento sustentador desta tese a existência da herança arcaica, que se propaga até hoje, pelo inconsciente coletivo, repleto de memória das eras.

A presença de Schopenhauer nas obras de Freud é também incontestada. Ele é o filósofo que mais colaborou para o desenrolar dos conceitos sobre recalque e inconsciente. Quando Freud afirma que o neurótico ao mesmo tempo que conhece o seu drama, ao mesmo tempo não o conhece, para o filósofo, este movimento psíquico é visto como sendo um processo em que a “função sintetizadora da consciência é subvertida por um processo catalizador que possui na “vontade” a sua instância privilegiada” (*ibid.* , p.21). Esse processo acontece à revelia do intelecto. Para Schopenhauer, quando isto ultrapassa um limite, estabelece-se a loucura. Desta maneira, o homem não é capaz de conscientemente responder a todas as suas indagações, e o foco deve ser direcionado para o inconsciente, que seria a eminência parda deste jogo entre vontade consciente e outro tipo de vontade, cujas raízes estão em camadas desconhecidas do mundo consciente. Heck sintetizando a fala do filósofo *in Der welt als wille erste betrachtung* (1976, pp.151-241) sobre a essência da consciência a remete a um substrato inconsciente: “coisa-em-si ,incognoscível à esfera consciente, determina a vontade onde ela já perdeu sua inocência primevera e se acasala com representantes conscientes” (Pimental, 1995, p.22). Apesar de afirmar que, “mesmo quando me afastei da observação, evitei cuidadosamente qualquer contato com a filosofia” (Freud, 1925, p.75), é ele quem afirma textualmente em “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise” (1917) ter sido o filósofo Schopenhauer o responsável pela valorização da ânsia sexual, bem como pelos primeiros passos da psicanálise, ao oferecer o conceito de vontade inconsciente que corresponde por sua vez ao conceito de pulsão. Apesar de ele, em “Um estudo Auto-Biográfico”, ter se contradito afirmando que

”o aulo grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer- ele não somente afirma o domínio das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo da repressão - não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos (Freud, 1925, p.76)

1.3 Mestres que influenciaram as obras de Freud referentes ao estudo da religião e da psicanálise em seus conceitos fundamentais

Uma visão panorâmica da sua vida mostrará as influências de grandes mestres, na elaboração dos seus conceitos e de seus textos.

Na elaboração de sua obra “Totem e Tabu” (1913), sofre a influência de uma plêiade de estudiosos. O Totemismo, neste momento da obra de Freud é apresentado à comunidade científica por Frazer, com seu livro o “Ramo de Ouro”(1820), que posteriormente, amplia seus estudos em “Totemismo e Exogamia” (1910), por William Robertson Smith com seu livro “Religion of Semites” e a “Lei Primordial”; por Wundt, que ressalta a correspondência entre a lei totêmica e os dez mandamentos; por Durkheim, com “Formas Elementares da Vida Religiosa”, mas coube,contudo ao escocês McLennan ser o descobridor e o apresentador do totemismo e da exogamia, à comunidade. A noção de totemismo, ligada a uma organização social determinada, tendo por base uma divisão da sociedade em clãs, comum a várias tribos indígenas, era já existente em 1800 (século XVIII). Mas quem primeiro valorizou o totemismo como uma religião responsável por um sistema de crenças e práticas que se encontram também em religiões mais avançadas foi Mac

Lennaan. Há várias teorias sobre o que seja ao totemismo e Freud terá a sua, baseada nos estudos de Darwin, Atkinson e Smith.

Freud constrói a sua tese totêmica, onde enuncia algo sobre a paternidade, representada pelo animal totem e a importância da morte do pai que deságua na criação da civilização e da religião.

A teoria de Darwin sobre a evolução humana, que atraía atenção, na época, dos estudiosos, não passa despercebida para ele. Darwin, criador da teoria da evolução, fornece-lhe o seguinte relato: a vida dos primatas é semelhante a dos símios superiores que viviam em pequenos bandos, tendo um macho como guia. Este, como déspota, obrigava seus filhos a arrumarem parceiras sexuais em outros grupos, guardando as suas só para si. Atkinson oferece a idéia da exogamia para os jovens machos, consequência prática da horda primitiva. F. W. Robertson Smith, (médico e grande empreendedor dos estudos religiosos da bíblia), em “The Religion of the Semites”, fala do quanto o totemismo, uma religião grosseira, era no entanto rica em germes para o futuro. Foi ele o responsável pela introdução da idéia de “refeição totêmica”, como parte essencial da religião totêmica, a qual futuramente Freud irá compará-la à eucaristia. Uma vez por ano o animal totêmico era abatido e devorado junto a lamentações e regozijo, mostrando a ambivalência dos sentimentos. Essa atitude contraditória, posteriormente Freud irá utilizá-la, para explicar atitudes comuns em qualquer religião. Theodor Reik e G. Róhein, o etnólogo, “seguiram a linha de raciocínio que desenvolvi em Totem e Tabu e, numa série de importantes trabalhos, ampliaram-na. Eu próprio voltei a ela mais de uma vez ,no curso de minhas investigações.” (Freud 1925 p.85). As obras de J. G. Frazer: “Golden Bough” (1890); “Totemism and exogamy” (1910) bem como os trabalhos de Andrew Lang em “The Secret of the Totem” (1905), dois outros pesquisadores de

extrema sagacidade ajudam a preencher as falhas dos demais. Frazer, no seu Totemismo, fez o levantamento de todos os traços de totemismo que se podem descobrir na história e na etnologia. Seu estudo engloba sociedades diversas quanto ao grau de cultura e natureza. Passa pelo antigo Egito, Arábia, Grécia e os eslavos do sul, bem como por tribos da Austrália e da América, sempre determinando as condições geográficas e sociais. Seu objetivo é mostrar que para além das diferenças nacionais e históricas, a religião é um dado constitutivo. "Supõe-se que o homem possui em si mesmo, em virtude de sua própria constituição e independentemente de todas as condições sociais, uma natureza religiosa e ele se propõe a delimitá-la. (Durkheim, 1858, p.131). Cabe, no entanto, a Baldwin Spencer e F. J.Gillen a descoberta, no interior do continente africano, de um número bastante significativo de tribos nas quais as crenças totêmicas constituíam a base e o fundamento do sistema religioso. O resultado desta pesquisa está no livro "The Natives Tribes of Central Australia" (1899) e o segundo livro é "The Northern Tribes of Central Australia"(1904). Outro colaborador é Edward Taylor, antropólogo inglês, livre pensador, que não vê a cultura como de origem genética, mas algo que se adquire, e, em sendo adquirida, sua origem e seu caráter são, em grande parte, inconsciente. Na sua obra "Cultura Primitiva" (1871), momento em que funda a etnologia como ciência autônoma, Taylor examina as origens da cultura e o mecanismo da sua evolução. Nos seus estudos comparativos, visa a mostrar que não há um quebra na evolução entre o homem primitivo e o contemporâneo. Para ele há um elo que une os dois momentos. "Entre os primitivos e civilizados, não há uma diferença de natureza ,mas simplesmente de grau de avanço no caminho da cultura. Para ele, ao contrário, todos os humanos eram totalmente seres de cultura" (Cuche, 1999, p.38). Não devemos esquecer de melhor esplanar a obra de

Durkheim cuja obra. “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1858) marcou época e a qual foi lida e utilizada também por Freud. Nesta obra, o autor afirma a prioridade da sociedade sobre o indivíduo. Desenvolveu a teoria da “consciência coletiva”, que é uma forma de teoria cultural. Esta consciência existe em todas as sociedades, feita das representações coletivas, dos ideais, dos sentimentos comuns a todos os seus membros. Ela transcende o indivíduo e a ele se impõe, sendo a responsável pela união e coesão sociais. Os indivíduos em comunidade, quando reunidos, sentem um estado de exaltação e o homem já não se conhece mais. Um poder exterior o arrasta e o faz pensar e agir de maneira diferente da habitual. Um ser novo surge deste entusiasmo coletivo. Assim, há dois mundos que se avizinham em situações especiais. O primeiro seria o mundo das coisas sagradas que o frenesi grupal favorece a sua entrada, o segundo seria o mundo profano. Portanto, é nesses meios sociais efervescente e dessa própria efervescência que parece ter nascido a idéia religiosa. (...) A força religiosa não é outra coisa senão a força coletiva e anônima do clã, e já que esta só é representável aos espíritos sobre a forma de totem, o emblema totêmico é como que o corpo visível do deus” (Durkheim, 1858, p.277).

Passemos à psicanálise, propriamente. Ela não foi criada de uma hora para outra. Passa ela por muitas fases de elaboração. Gradualmente, foi ela tomando corpo, tendo por motivação segundo Freud, o desejo de diminuir o sofrimento dos seus pacientes. Dos fatos clínicos foi aos poucos pinçando elementos que montam a sua teoria. As mudanças técnicas e teóricas não foram abruptas nem radicais, havendo sempre uma relação recíproca entre teoria e prática. As descobertas clínicas da neurose foram a fonte segura para a formulação da sua teoria. Ao longo do seu trabalho, vai ele organizando e reorganizando novas formas de pensá-lo. Os

trabalhos metapsicológicos de Freud estão espalhados por toda a sua obra, mas, na verdade, formulou explicitamente apenas três pontos de vista metapsicológicos: o topográfico, o dinâmico e o econômico. Embora não se atenha ao fator estrutural, sugere ser possível abandoná-lo pelo topográfico funcional.

Formando-se em medicina, dedica-se à histologia do sistema nervoso, no instituto de Anatomia Cerebral, em Viena, encontra o que gosta de estudar sobre este assunto. Até então, não menciona a relação do psiquismo com certas doenças físicas. Em uma época que se diagnosticava uma neurastenia como sendo um tumor cerebral, Freud ainda não tinha transposto a mentalidade da época, mas já se destaca, nos diagnósticos quanto à localização cerebral das doenças nervosas.

Freud, antes de formular a sua metafísica só tinha dois instrumentos de cura com os quais trabalhava: a eletroterapia e o hipnotismo. Somente mais tarde alça vôo, encontrando explicação para os fenômenos até então desconhecidos.

Durante sua vida, teve contato com personalidades que se destacavam como ele e que o ajudaram a formular a sua Metapsicologia. Vejamos algumas delas.

Inicialmente, temos a figura do médico Theodor Meynert, professor de psiquiatria de Freud.

Estudioso dos distúrbios psíquicos, conclui que as doenças psíquicas não passam de dissimulação, mentira, jogo. A tese principal de Meyer é a de que tudo tem uma causa; não havendo causa biológica para as doenças psíquicas, ficam elas então, excluídas do universo da ciência. Tal pensamento repercute em Freud da seguinte maneira: acredita ele que há causas que provocam a doença psíquica, mas não despreza as causas biológicas; são elas apenas relativizadas, por continuar a ver na biologia a referência básica do psiquismo.

Freud, acredita que o homem é um ser pulsional. Cria o conceito de libido (energia dos instintos), para explicar algo metafísico, que apoiando-se no somático, explicaria os comportamentos humanos.

Segundo o Vocabulário da Psicanálise,

“a pulsão é uma pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão) ; o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”.
(1998, p.394)

O conceito de pulsão foi introduzido em sua obra “Três Ensaio sobre Teoria da Sexualidade”, em 1905. Este conceito não passa de uma ficção criada por ele, já que as pulsões só podem ser reconhecidas pelos seus efeitos no aparato psíquico (consciente, pré-consciente, inconsciente). Quando introduz a pulsão de morte em “Além do Princípio do Prazer” (1920), afirma que todo evento mental está regulado pelo princípio do prazer, podendo-se entender com isto, um conceito que abarca dois grandes campos: pulsão de Vida e pulsão de Morte. Ligado à pulsão de morte está o Princípio do Nirvana, que busca a inércia, e, ligado à pulsão de vida, o Princípio da Constância, que busca a homeostase do Eu e do organismo. O que se observa neste dois grupos é que ambos se entrecruzam. Onde há um, há outro. Desta maneira, quando se procura a vida, alcança-se a morte e, enfim, o princípio do prazer.

Outro mestre com o qual trava conhecimento foi Jean- Martin Charcot (1825-1893), médico neurologista do hospital francês Salpêtrière. Tem ele uma visão inovadora da ciência na área psíquica. Trabalhando com a hipnose, deduz serem as

doenças psíquicas provenientes de um trauma. Envolvido em uma pesquisa para distinguir a diferença entre paralisias traumáticas e histerias de paralisias orgânicas, chega à conclusão de que há processos inconscientes em alguns tipos de paralisias que não têm explicação orgânica. Sua distinção é feita pela sua arte de induzir paralisias não orgânicas por meio da hipnose. Sua tese afirma que toda doença psíquica deve ser estudada cientificamente, mas o discurso científico não é capaz de curá-la. Freud trabalha também com a hipnose, mas de maneira diferente de Charcot, não se restringindo a meras ordens ou proibições sugestivas. "Desde o início, empreguei-a para fazer perguntas ao paciente sobre a origem de seus sintomas, que em seu estado de vigília ele podia descrever só muito imperfeitamente" (Freud, 1925 p.31).

As repercussões do pensamento de Charcot em Freud, levam-no a pensar sobre a topografia do psiquismo.

Fala em duas tópicos do psiquismo, sendo a primeira aquela que distingue: consciente, pré-consciente (um estágio intermediário) e inconsciente (ligado ao princípio do prazer, lugar das pulsões por excelência). A segunda diz respeito a outras três instâncias: id (parte inconsciente), ego (ligado ao princípio da realidade e em relação de dependência com o Id e o Superego), Superego (lugar dos preceitos morais). A criação destas unidades funcionais leva "à compreensão de conflitos inter estruturais com a formação de sintomas ou de processos intra-estruturais como a função sintética do Ego" (Greenson, 1981, p.26).

Os psicanalistas, Laplanche e Pontalis (1998) explicam onde saem as idéias de tropo (lugar), dando forma ao pensamento de Freud. Nas pesquisas da época, no século XIX, acreditava-se ser possível localizar no cérebro funções específicas cerebrais (memória, fantasia, etc), todas tendo suportes neurológicos corretamente

localizados. Freud mostra os limites e contradições deste esquema anatômico, afirmando que tais estudos têm que ser complementados com um tipo funcional de explicação. Freud, sabendo que nas patologias psíquicas há comportamentos e lembranças que não estão acessíveis ao sujeito, mas mesmo assim provocam alteração na vida consciente, cria o conceito do inconsciente, não se limitando a reconhecer lugares psíquicos distintos, mas atribui a cada lugar um modo de funcionamento próprio. Esclarecendo o que ele entende por lugar psíquico, toma de empréstimo o modelo do microscópico para explicá-lo. "Os sistemas psíquicos corresponderiam mais aos pontos virtuais do aparelho situados entre duas lentes do que as suas peças materiais". (Laplanche e Pontalis, 1998, p.507).

A segunda concepção de personalidade criada por ele, deu-se por entender, serem as coisas um tanto mais complexas do que o desejado, pois é verdade que tudo o que é reprimido é inconsciente, mas nem tudo que é inconsciente é reprimido. Todas as defesas, artimanha do Ego, são inconscientes, não podendo mais coincidir recalcado com inconsciente e Ego com consciente. "Dizemos, então, de modo mais correto, que o Ego é principalmente pré-consciente (virtualmente consciente), mas que partes do Ego são inconscientes" (Freud 1939 p.116). Desta forma, Freud dá a entender ser a consciência apenas uma qualidade transitória, podendo ora aparecer no Ego, ora no Superego. O que faz uma idéia ser consciente ou não talvez esteja no nível quantitativo da libido, calcula Freud. A compreensão de que há processos inconscientes, que nunca foram experimentados, mas também processos inatos, não vivenciados pelo indivíduo, elementos de origem filogenética vindos das eras, ajuda Freud a esclarecer o conceito de "herança arcaica", que seriam não só as maneiras padronizadas de responder ao estímulo, mas também traços de memória

da experiência de gerações passadas. Com este conceito integrará a base para explicar como o sentimento de culpa do primata, que matou o Pai, chegou até nós.

Posteriormente, conhece Joseph Breuer (1842-1925), médico e fisiologista. Terapeuta exímio, usa o método da hipnose, sugestão e Catarse nos seus tratamentos. Breuer acredita serem as doenças, de origem psíquica e provocadas por um trauma. Este se constituiria, por sua vez, numa vivência desagradável. Através da Catarse, método de tratamento por ele criado, que provoca a descarga do afeto patogênico, seria possível anular a causa que provocou o sintoma. Desta forma, a tese de Breuer é a de que as doenças psíquicas têm um dono e que o dono da própria doença é o sujeito. O que entende por cura seria a eliminação dos afetos estrangulados que provocavam o sintoma histérico. O trabalho em conjunto com Breuer, repercutiu em Freud, ajudando-o a conceber a dinâmica e a economia do psiquismo, como também o princípio da elaboração.

Posteriormente, não considerando a Catarse o método ideal para a cura, parte para outra formulação teórica que valoriza o lado emocional que se estabelece entre o paciente e o médico, sendo ele muito mais forte do que a própria hipnose a que dará o nome de Transferência. A separação entre ele e o mestre foi formalizada quando Freud agrega em suas formulações a teoria da sexualidade infantil e confirma “ a existência de uma ação múltipla de forças e da atuação de intenções e propósitos como os que devem ser observados na vida normal” (Freud, 1925, p.35)

Quanto ao aspecto Dinâmico da psique, concebido por ele, fruto da influência do mestre Breuer, está ligado ao conceito de pulsão. O inconsciente para Freud é dinâmico e não estático. Quando ele se refere ao dinamismo da pulsão, não quer centrar apenas na idéia de força, mas, principalmente, na idéia de que no seio do

psiquismo existem forças que entram em conflito umas com as outras. Deve-se lembrar que o conflito psíquico tem como mola propulsora o dualismo pulsional (consciente, inconsciente).

Laplanche e Pontalis (1998) nos relembram que o dinâmico da pulsão exige sempre uma força contrária que atua de forma permanente tanto quanto ele. Tal força, clinicamente, pode ser percebida através do recalco e da resistência que dificulta alcançar o inconsciente. Greenson (1981) observa ser o conceito de dinamismo responsável pelo surgimento de conceitos tais como: formação de sintomas, ambivalência, superdeterminação.

Quanto ao aspecto Econômico do psiquismo, está ele também ligado ao fator pulsional. A pulsão, da mesma forma que é dinâmica, tem também fator econômico, que são as variações de intensidade da libido. A energia pulsional, libido, só lhe interessa na medida em que ela pode investir totalmente ou parcialmente nos objetos. Desta forma, pode explicar pelo fator econômico mudanças no desejo sexual, quanto ao objeto, quanto à meta, quanto à fonte da excitação. Em todo sintoma, há a mobilização de forças libidinais que, por sua vez, empobrece outras áreas. No Narcisismo, por exemplo, os objetos ficam depauperados libidinalmente, enquanto o Ego se incha. Greenson (1981) chama atenção para o fato de esta hipótese ter dado nascimento às idéias de ligação, sexualização, agressividade, sublimação.

O conceito de Elaboração que Freud teoriza a partir dos estudos de Breuer, diz respeito à necessidade que tem o psiquismo de integrar “as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas” (*ibid.* ,p.143). Quando, no indivíduo, há a permanência de “grupos psíquicos separados” (no caso das patologias), é necessário integrá-los, por meio da associação. Sabendo-se que

é próprio da pulsão ter força constante, a energia pulsional deve ser transformada, ligada, associada. O estabelecimento de laços associativos, Freud o denominou de Elaboração. Esta, por sua vez, vai favorecer a compreensão interna do indivíduo.

1.4 Como Freud usa os conceitos da psicanálise para explicar a religião

Iniciaremos com o conceito de Pulsão elaborado por Freud, que o utiliza para explicar o que torna coesa a relação entre os fiéis, entre os fiéis e Cristo, entre os fiéis e seus representantes.

Para o autor, o homem é eminentemente um ser pulsional. Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921) questiona o porquê de, em grupo, haver a intensificação das emoções e inibição do intelecto. Para muitos estudiosos da psicologia das massas, tal como para Le Bon, a explicação se resumiria na força da sugestão. Para ele a sugestão mútua entre os membros de um grupo, associada ao prestígio do líder, são suficientes para esclarecer a diminuição do intelecto e o aumento das emoções nas massas.

Para Freud o que ficou a ser respondido é a causa da natureza da sugestão, e para explicar os processos que a movem utiliza o conceito de libido, nome extraído da teoria das emoções. Somente a força da libido é capaz de manter um grupo unido. Nas religiões, o fator que mantém a união entre os membros são os instintos inibidos em seu objetivo sexual, os instintos amorosos.

Para a psicanálise todas as tendências afetuosas vêm das pulsões. Tendo em sua origem, relação e objetivo com o amor sexual, o Eros de Platão se estende a algo muito mais amplo, que pode ser compreendido pelo tipo de amor descrito pelo

apóstolo Paulo, na sua epístola aos Coríntos, ou seja, ao amor *caritas* (amor caridoso).

Para o indivíduo comum, aceitar a relação do amor *fratias* (amor entre irmãos) com o amor sexual é difícil, pois, normalmente, tem-se vergonha do sexo.

Freud tenta explicar a essência da mente grupal, em qualquer grupo religioso ou não, na suposição de que há relações amorosas que se escondem atrás da sugestão.

Somente através do Eros, que tem força de coesão, pode um grupo manter-se unido. Além do mais, a facilidade com que um indivíduo se deixa levar pela sugestão grupal está muito mais relacionada pela consideração entre eles do que por qualquer outro fator aleatório. "Se o indivíduo de um grupo permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles (...) afinal de contas, talvez o faça por² "ihnen zu Liebe" (Freud, 1921 p.118).

Tanto na igreja quanto no exército, sempre há a ilusão de que há um chefe que tem amor igual para com todos. Esta crença ajuda a manter a coesão grupal, tanto que os membros de um grupo se chamam de irmãos. Na igreja, os fiéis vêem Cristo como um irmão mais velho ou um pai substituto e são amorosamente tratados. No exército os soldados vêem no comandante - chefe a figura de um pai. que ama a todos e os chama de camaradas.

"As provas da psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas, que perdura por certo tempo - casamento, amizade, relações entre pais e filhos - contém um sentimento de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão" (Freud, 1921, p.128). Com

esta fala mostra ele que, apesar de o afeto amoroso existir, também há nele mesclados sentimentos hostis. Estes sentimentos hostis, na sua obra *Mal Estar da Civilização* (1930) serão explicados como sendo frutos do impulso de destruição inato em nós. Deste entendimento, concluirá ele a existência da Ambivalência, movimentação psíquica, em que sentimentos de amor e ódio coexistem em relação às pessoas que amamos.

A força dos instintos amorosos é usada por Freud para explicar o porquê de nas igrejas eles se expressarem de maneira grandiosa, exigindo uma ética mais apurada em relação aos demais grupos. Isto quer dizer que, além da identificação com Cristo, é exigido que cada um se identifique com seu irmão. Ame ao seu próximo como a ti mesmo é o segundo mandamento da lei de Deus. Assim, “há de se acrescentar a identificação ali onde a escolha objetal já se realizou, e o amor objetal onde há identificação” (Freud, 1921, p.170).

O conceito de Inconsciente que faz parte da sua primeira tópica ajuda a entender como a linguagem primitiva de parricídio, incesto e suas angustias reverberam ainda no homem atual. Vai ele tecer o seu pensamento sobre a religião, mostrando que a fé religiosa e o seu culto não passam de uma imaginação primitiva, irracional e infantil, vinda dos primórdios.

Freud nos apresenta o inconsciente como sendo uma instância psíquica que abrange uma porção maior do que o nosso já conhecido consciente. A mesma proporção de grandeza de um em relação ao outro pode ser exemplificada pela proporção entre oceanos e terra que domina o nosso planeta Terra. Como dirá, posteriormente, Lacan (psicanalista francês): “O Ego é calo do Id.” Desta maneira, a psicanálise se afasta da psicologia da consciência descritiva adquirindo um novo conteúdo, já que ela sustenta que há um pensar inconsciente e um desejar não

aprendido. Tal afirmação é um novo paradigma bastante insustentável em uma época racionalista em que não se acreditava que as grandes lacunas da consciência poderiam ser decorrentes da infiltração de outros atos mentais desconhecidos inexplicáveis para a consciência. Ora, a idéia de sobredeterminação inconsciente traz à tona um novo paradigma que contrariando a idéia de ser “a consciência a rainha da casa,” apresenta-nos uma surpreendente idéia de serem os processos inconscientes a “eminência parda” que regula aquilo que chamamos de consciência, que implica o raciocínio lógico dedutivo-indutivo, a crítica e a noção de tempo-espaço. Desta forma, nem tudo que acontece na mente é conhecido pela consciência, nem toda alogicidade acontece só no noturno dos nossos sonhos, mas também no cotidiano de nossas vidas, sendo isto constrangedor para quem acredita ser o dono de si mesmo.

No seu texto, *O Inconsciente*(1915), fala que seu conteúdo se constrói por impulsos fundamentais, experiências desagradáveis que trazem desconforto para o ego, experiências percebidas subliminarmente, disposições afetivas hereditárias (inconsciente arcaico).

Como seres pulsionais temos no núcleo do inconsciente representações pulsionais que procuram descarregar-se, apesar de a censura pré-consciente, proibir a realização de toda gama de desejos que não coincidam com o princípio de realidade. No entanto, apesar de haver repressão, vários artifícios são utilizados por tais moções instituais para realizar o seu intento de descarga, já que é próprio da pulsão, o pulsar constante que busca a ação e o prazer. Deste modo, condensação, deslocamento, realização indireta são utilizados para burlar toda sorte de censura. Na religião, quando o indivíduo, a seu “convite”, não consegue sublimar a pulsão

dada a sua força, que varia de indivíduo para indivíduo, vai ele exprimi-la de maneira enganosa, por intermédio dos sintomas, como em uma neurose.

Outro conceito de grande valor, para se explicar como o indivíduo pode, a partir do amor por si mesmo, amar outras pessoas, está no conceito de Narcisismo, ligado ao aspecto econômico das pulsões.

A libido, inicialmente, encontra-se localizada no indivíduo. É o momento do auto-erotismo, do narcisismo primário. No desenvolvimento da personalidade, a libido vai lentamente alcançando objetos que satisfaçam as necessidades do Eu, para, só depois, manter com eles vínculos afetivos que se mantêm para além das necessidades.

Após, Freud define o narcisismo secundário como sendo o momento em que concomitantemente à escolha do objeto, a libido nele investida retorna ao Eu, havendo uma identificação com o outro e não mais uma identificação com a imagem isolada.

No narcisismo primário, o bebê se sente onipotente e auto-suficiente. A isto se dá o nome de Eu Ideal mas, posteriormente, devido às exigências parentais, há o aparecimento das leis formando o Supereu que é o lugar da censura e da consciência moral. Este espaço é o do dito dos pais enquanto porta-voz das normas sociais."A formação de um ideal aumenta as exigências do Ego, constituindo um fator mais poderoso a favor da repressão" (Freud, *ibid.* , p. 112).

A estrutura de uma personalidade é construída em cima de limites, de bordas. O indivíduo para viver em sociedade carece de fronteiras bem estabelecidas. É preciso que do Eu Ideal passe a criança para o Ideal do Eu (desejo social), sendo este o momento adequado para sentir a presença de limites estruturantes dado pelo outro através das normas culturais sócio-religiosas."A instituição da consciência foi,

no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, subseqüentemente, da sociedade” (Freud, *ibid.* , p.113).

É de fundamental importância a parte da personalidade do indivíduo que se volta para o ideal desejado pelo social, pois abdicará ele de uma parte infantil da sua personalidade, que recebia todos os agrados parentais quando bebê, desvencilhando-se da onipotência infantil, entrando,então, em contato com a realidade que o espera. Freud já admitia a importância deste Ideal quando afirma constituir ele um “importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo” (Freud *ibid.* , p.119), já que nele há não só o ideal comum de uma família, como de uma classe ou uma nação.

O ideal de Ego é importante na estrutura psíquica do indivíduo pois com ele se alcança a civilização e por meio dele também os indivíduos se prendem a uma religião e nela se mantêm atrelados. Freud mesmo postulou em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” que o objeto, representado pelo líder religioso, é colocado no lugar do Ideal do Ego particular, valorizando-o em detrimento da própria pessoa, tal como num estado de enamoramento.

Para a psicanálise, no desenvolvimento da humanidade somente a força do amor tem capacidade de transformar o egoísmo em altruísmo. Desta forma, tem o amor fator civilizatório, pois no grupo há a possibilidade de que o narcisismo primário se amenize, já que a libido se lança a outros objetos que não são a própria pessoa. Para Freud, a religião favorece a diminuição do narcisismo e o incremento da pulsão amorosa.

Para que o Ideal de Ego, na figura do líder religioso, permaneça na estrutura psíquica do indivíduo, outro movimento psíquico deve ocorrer. Freud chamou-o de Identificação.

Para Freud, a Identificação, é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (*ibid*, p.133). Pode-se com isto entender que ela se inicia na mais tenra idade, quando a criança, necessitada dos amparos maternos para sobreviver, se ligara ao primeiro elemento provedor desejoso de tê-lo. Sendo assim, nesta fase, a Identificação está ligada inicialmente ao narcisismo primário. A identificação, neste momento, comporta-se como um derivado da primeira fase da organização libidinal, quando o indivíduo deseja o outro de uma maneira canibalística. Assim se diz, pois os canibais têm por hábito devorar aquelas pessoas que admiram. Apossando -se delas, terão a qualidade, ou a força que almejam. Desta forma, na Identificação há um esforço “para moldar o próprio Ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (*ibid.* , p.135).

Freud trabalhou, a partir de 1914, na sua obra o Narcisismo, com formação da identidade que se organiza lentamente, desde a mais tenra idade. Inicialmente, não se pode falar em identidade sem falar em identificação.

As Identificações são os elementos constituintes das primeiras formações elementares do Eu.

Os processos de imitação, contato mental eram conhecidos desde longa data, mas para Freud há um elemento comum em qualquer movimentação psíquica que é o Inconsciente. Entende ele que a identificação é mais do que uma simples imitação, onde as coisas funcionam “tudo como se”. Há nela processos inconscientes.

O ser humano tem na sua personalidade várias identificações, pois várias são as influências que recebe no decorrer de sua vida. No decorrer da sua teoria, o conceito de identificação assume importância, fazendo dele mais que um mecanismo mental, mas o processo pelo qual o ser humano se constitui. Seguindo o

seu pensamento, posteriormente aparece o complexo de Édipo, quando o indivíduo se identifica com o progenitor do sexo oposto. De agora em diante, a constituição do sujeito assume um papel sexual definitivo (se é que se pode dizer definitivo em termos de sexualidade), conforme ou não o esperado socialmente.

Mais tarde, em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921), afirmará que na identificação há “um colocar no lugar de”. Desta forma, qualquer objeto pode ser colocado no lugar de. O conceito de identificação é útil para explicar a formação das religiões. Segundo este conceito, nos movimentos de massa quem é escolhido para ocupar este espaço são os grandes líderes com os quais as pessoas se identificam justamente por meio deste processo de “colocar no lugar de”, ficando com ele parecido. Na religião católica, os fiéis são convidados a se identificarem com Cristo e entre os irmãos.

A importância do Mito é crucial na obra freudiana, pois crê ele que a passagem da psicologia de grupo para a psicologia individual para ser entendida é preciso que se entenda o seu mito científico, o do crime primordial. Tal mito é desenvolvido em sua obra Totem e Tabu (1913). O grande líder, pai primevero, por não reconhecer o direito dos seus membros de satisfazerem os seus instintos sexuais, força-os a abstinência e, conseqüentemente, aos laços emocionais com ele e uns com os outros. Enriquez comenta que na horda só havia relações de força e relações sexuais não controladas. O grande líder não reconhecia os filhos por não se sentir pai, o que levaria a pensar haver já nascido a civilização. Por sua vez, a fragilidade dos irmãos vai levá-los ao crime e à união grupal. “Inventando a primeira relação de solidariedade, reconhecendo o outro enquanto outro e enquanto semelhante, esses seres podem se reconhecer como irmãos” (Enriquez,1990, p.330). A união entre os filhos não seria possível se não houvesse os processos

identificatórios entre os irmãos, que os fez pensarem em conjunto por se sentirem iguais.

A identificação não se limita entre os irmãos. No mito do crime primordial, podem os filhos, após a morte do pai, se identificarem com ele, por meio do banquete totêmico. Neste acontecimento, comem a carne e bebem do sangue do Pai. Ocorre, então, a identificação total com o pai morto, surgindo daí o complexo paterno que embora seja um processo individual, por se repetir em todos, torna-se universal. O mito para Freud é o começo da lei moral e das religiões.

Freud irá comentar que a religião cristã, com a sua comunhão, constitui uma repetição do ato culposo e um desejo de junto do pai permanecer, pois acreditam estarem comendo o corpo do Cristo que se fez único com o Pai. No ritual da comunhão, os fiéis se unem ao pai, com ele se identificando em força, pois o introjeta em carne e sangue, devorando-o como os irmãos da horda o fizeram quando da refeição totêmica.

A relação da neurose obsessiva com a religião é advinda dos estudos sobre a histeria.

Foi com Jean-Martin Charcot (1825-1893), neurologista do hospital francês Salpêtrière, como já foi mencionado, que Freud inicia os estudos dos sintomas histéricos. Começa, nesta época, a se considerar a histeria como sendo uma doença com sintomas definidos e precisos. Freud compreendendo ser a neurose histérica uma “doença por representação”, inicia a fundamentação dos conceitos tópicos, propiciando, posteriormente, a definição dos demais tipos de neurose. Quando se fala em neurose, o que deve ser lembrado é o caráter econômico e dinâmico das pulsões que favorece o aparecimento do recalque.

O Recalque, outro conceito por ele formulado, proveniente da teoria tópica do aparato psíquico, graças às forças dinâmicas e econômicas, é utilizado para explicar a gênese religiosa. Ocorre quando a satisfação de uma pulsão é impedida de se realizar, devido ao princípio da realidade que a vê como perigosa ante outras exigências e fonte de possíveis sofrimentos para o Ego. Acrescenta que "Pode ser considerado um processo psíquico universal, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo" (Vocabulário da Psicanálise, 1998, p.430). Zilles (1991) comenta que, para a crítica da religião, seria impossível desprezar tal conceito, uma vez que a repressão é o conceito fundamental em Freud, por ver a religião como uma neurose coletiva e todo movimento neurótico incluir repressão. Em "Totem e Tabu" (1913) falará: "Como resultado da repressão que foi forçada e que envolve uma perda da memória- uma amnésia- os motivos da proibição (que é consciente) permanecem desconhecidos e todos os esforços para eliminá-los por processos intelectuais têm de falhar" (Freud 1913, p.50). Deve-se esclarecer ser o recalque um dos tipos de repressão, sendo este o caso.

Quanto à neurose obsessiva, ele a classifica desde o momento em que certos sintomas específicos aparecem, tais como: idéias obsedantes, compulsão a realizar atos que se repetem sem razão, ritos conjuratórios, etc. Quanto ao modo de pensar, há certas especificidades que marcam este tipo de neurose. É o caso da ruminação mental, dúvidas, escrúpulos, prejudicando o pensar e o desenvolvimento de outras ações. O neurótico obsessivo tem excesso de culpa, o seu superego é profundamente exigente, não lhe perdoando nenhuma falta cometida. Um paralelo se estabelece. Tal como um fervoroso crente, sente-se oprimido ante as exigências pulsionais e profundamente, culpado diante do seu desejo de transgredi-las. Um

conflito se instala entre desejo e culpa. Dúvidas e pensamentos obsessivos ocorrem, somados a rituais que procuram amenizar a sua angústia. Na religião, rituais purificadores, promessas, sacrifícios são também realizados, objetivando perdão para os pecados e alívio da culpa generalizada. Vê-se que o que ocorre na psicologia individual também ocorre na coletiva. Os crentes estão divididos entre desejo e culpa, tanto quanto os neuróticos.

Freud, apoiando-se no seu “Mito Científico”, acredita na hereditariedade de uma alma coletiva. Bitter (1967) comenta que para Freud os mitos têm força atual e que demandam explicação, daí a necessidade de estudá-los por meios científicos. Portanto, a instituição do crime reverbera até hoje em cada indivíduo. A passagem de uma religião do Pai para uma religião do Filho, deve-se ao sentimento de culpa. O sentimento de culpa coletivo está presente em cada um, exigindo a presença de um Messias inocente que, ao se sacrificar, toma para si próprio a culpa de todos. A confissão do assassinato do pai é a fonte desta sensação de algo ruim cometido. Para o cristão, é difícil viver sem culpa, sendo assim inventaram o pecado original.

É impossível viver-se sem dívida. Deste modo os cristãos foram obrigados a reinventá-la sob o nome de pecado original. Eles foram levados não somente a reinstaurar os sentimentos de culpa mas ainda, a dotá-lo de características pessoais e vislumbrar todas as possibilidades, tornando assim, os indivíduos culpados de tudo (mesmo das suas intenções) e, deste modo, obrigando-os a se acusarem continuamente de tais más ações. Eles introduziram a idéia de confissão e da culpa permanente”. (Enriquez ,1990, p.138)

Como se vê, a associação culpa neurótica e culpa religiosa têm suas raízes na história dos primórdios. Veja-se outro paralelo: na horda, os filhos matam o pai por desejar o seu amor e não tê-lo; o homem contemporâneo tal como o primata,

necessita do amparo e proteção do pai, não mata o pai concretamente, mas simbolicamente o faz para entrar na idade adulta, na resolução do complexo de Édipo.

Freud, ao afirmar ser a religião uma neurose coletiva, vai também tecer outros conceitos, como a idéia de Regressão que leva à idéia de desamparo infantil. Acompanhemos, a sua elaboração conceitual, para que possamos entender melhor a conjugação religião-neurose.

Há pontos em comum entre a infância e a neurose religiosa coletiva “los deseos tienen prioridad, la fase religiosa se caracteriza por la fuerza de los deseos infantiles” (Bitter 1967 p.76). Utilizando do conceito de Regressão (retorno inverso do caminho da pulsão), mostra o quanto os comportamentos neuróticos têm em comum com a religião, pois em ambos há um desejo de amparo. Na infância, busca a criança amparo do pai, por se sentir extremamente dependente; na fase adulta, há a mesma postura diante do desamparo, que faz parte do drama humano; na religião cristã, busca-se o Filho representante do Pai. A religião nutre e favorece este sentimento infantil de dependência. Freud, por ver no homem um ser pulsional, acredita que há uma regressão à fase infantil do desenvolvimento infantil.

A Sublimação, conceito extraído da teoria das pulsões, mostra o quanto elas podem ser dinâmicas, podendo deslocar a sua meta originária, que é sexual, sem, no entanto, perder intensidade. Quando se fala em sublimação, fala-se em afastamento do sexual, não excluindo o prazer, tendo isto a ver como uma modalidade de uma inibição. Em “O Narcisismo” (1914), Freud afirma ser ela um processo que se relaciona com a libido objetual. As atividades intelectuais, artísticas e religiosas são exemplo de sublimação. Na religião por meio dos ideais religiosos, representados pelo grande líder religioso, o Cristo, o indivíduo, além de se sentir amparado pelo

grande Pai, tem seu sofrimento diminuído, uma vez que participa do grande Ideal coletivo aceito por todos. Um paralelo se organiza novamente entre psicologia individual e coletiva, pois de uma religião particular, associal, que é a neurose, passa para uma neurose coletiva aceita socialmente, que é a religião.

CAPÍTULO II

2. Caminhos que a obra de Freud percorre para explicar a gênese da religião

Pode-se observar que, durante o período cultural de Freud, outros pensadores já tinham a sua resposta quanto às origens do pensamento religioso. Entre os muitos estudiosos da época, destaca-se Durkheim, sociólogo e estudioso das religiões. Após ter lido, tal como Freud, os trabalhos de Robert Smith nos quais o totemismo é compreendido como consubstancialidade, natural ou adquirida, entre o homem o animal ou planta, parte para uma segunda etapa na sua linha de pensamento. De agora em diante, os fenômenos religiosos ocupam o seu tempo. Em “As Formas Elementares de Vida Religiosa,” afirmará, então, que é justamente nas tribos mais primitivas que se encontrará o germe das futuras religiões. A partir dos fenômenos religiosos por elas apresentados, é o Totemismo religião mais primitiva, que fornece a base de todas as manifestações religiosas posteriores. Os

fenômenos religiosos contêm desde o princípio, mas em estado confuso, todos os elementos que deram nascimento às diversas manifestações da vida coletiva. Estes elementos, ao longo das eras, se dissociaram, ou se combinaram de maneiras variadas entre eles mesmos. São dos mitos e lendas que saíram a ciência e a poesia, é da ornamentação religiosa e das cerimônias do culto que nasceram as artes plásticas, bem como o direito e a moral nasceram também das práticas rituais. Como se observa, Durkheim dá valor àquilo que é imanente. Diferentemente de outros autores que consideram as representações como um substrato meramente biológico, deduzindo, daí, ser a vida psíquica nada mais do que respostas de estímulos cerebrais, Durkheim contrapõe a esta idéia outra que considera a vida psíquica como um conjunto de representações inconscientes, não tendo base nos centros nervosos. Ao contrário, elas são de origem social e, mesmo mantendo laço estreito com o substrato biológico, em certa medida são independentes. Está, aí, a originalidade das representações entendida por ele. A consciência social é interligada a uma série de elementos sociais, isto é, há um substrato material, e só a partir daí podem adquirir alguma autonomia, tendo vida própria, dando nascimento à consciência coletiva. Constata ele que a sociedade é muito mais do que um corpo organizado visando a funções vitais, tendo uma alma que é representada pelo conjunto de idéias coletivas. E estas idéias não são meras representações intelectuais abstratas, possuem força e eficácia. Elas dão origem à ideologia. Desta forma, todos os grandes movimentos sociais, tais como a Renascença e a Revolução Francesa, por exemplo, surgem como movimentos que dão origem a novos ideais. Durkheim vai nas suas obras tecendo a idéia da necessidade da sociologia de se ocupar com as “mentalidades”, visto serem elas frutos da objetividade social.

As representações coletivas, dirá Durkheim, nada mais são do que movimentos autônomos e constitutivos do tecido social. Sendo assim, pode-se entender que as sociedades, para existirem, produzem representações que lhes são estruturalmente necessárias, o que significa ser a ideologia constitutiva de todo processo social. Ao conjugar Deus-sociedade, o autor ontologicamente realiza uma divinização da sociedade, e considera serem as representações religiosas não meras ilusões. A igreja só é material de interesse quando ela é compreendida como instituição social, isto é, espaço no interior do qual se manifesta a consciência coletiva. E a moral é dada pelo Deus-sociedade, representada na coesão, quanto às opiniões, dos seus membros individuais, que,unidos,formam um grande todo compacto.

“O homem que cumpre o seu dever reencontra, nas manifestações de todo tipo pelas quais se exprimem, a simpatia, a afeição que os seus semelhantes têm por ele, uma expressão de reconforto da qual, no mais das vezes, não se dá conta, mas que o sustenta. O sentimento que a sociedade tem dele realça o sentimento que ele tem de si mesmo. Estando em harmonia moral com seus contemporâneos, sente mais confiança, coragem e ousadia na ação, assim como o fiel que acredita sentir os olhares do seu deus voltados benevolmente para ele. Produz-se, assim, uma espécie de sustentação contínua do nosso ser moral (...) Esse *tonus* moral depende de causa externa; mas não percebemos onde está essa causa nem o que ela é. Também a concebemos, normalmente, sob a forma de força moral que, mesmo nos sendo imanente, representa em nós algo além de nós mesmos: trata-se da consciência moral de que, aliás, o comum dos homens jamais fez uma representação algo distinta senão com a ajuda de símbolos religiosos”. (Durkheim, 1989, p.266)

Freud, estudioso e sintonizado com a linguagem do seu tempo, está atento a todas estas observações sobre a religião. Utiliza muito das informações que recebe, mas discorda fundamentalmente deste enfoque sociológico de Durkheim, pois estudará os fenômenos religiosos com a ferramenta que criara: a Psicanálise. É com a sua metapsicologia que lerá todas as manifestações religiosas. O que se tem a destacar deste olhar freudiano é a importância que a Psicanálise dá ao indivíduo. Independente de ele ser um ser social e sofrer as inferências socio-históricas do seu tempo, o indivíduo, segundo a psicanálise, tem o seu valor à parte.

A origem da religião, para Freud, está localizada em um trauma: o assassinato do pai e a culpa conseguinte. Todos os textos religiosos não são de origem sobre-humana, mas produções do espírito humano, que foram desencadeadas a partir deste momento traumático. Ao fazer um paralelo entre psicologia individual e social reconhece como as duas estão imbricadas, mas não deixa ele de levar em consideração o valor da interpretação do indivíduo quanto a fatos da história pessoal e coletiva, que, em sendo universais, são de antemão pessoais e matizados de interpretação afetivo-pessoal. Em algum momento da vida, os seres humanos passaram pelo complexo de Édipo, nascido de um big-bang: o assassinato do pai. O momento da origem das idéias religiosas ocorre quando do crime do pai primevero, sentimentos de culpa afloram nos filhos assassinos. De agora em diante, a identificação se fará de maneira atuante na horda. Na história particular de cada um, por intermédio do complexo de Édipo, ela também ocorrerá, mas, desta vez, com o pai biológico. Graças à identificação, pode-se colocar no lugar do outro e seguir a sua "trilha". É importante que se destaque que as identificações que são sempre inconscientes ocorrerem com as representações ideativas e não com o indivíduo em si.

Nasio (1993) insiste em esclarecer que as identificações não se dão no espaço tridimensional com que estamos acostumados a nos relacionar, "estamos em outro lugar, no lugar impessoal e inconsciente desse outro indivíduo singularíssimo, heterogêneo, qualificado por Freud de "id psíquico"(Nasio 1993 p.100).Apesar de existir o conceito de objeto como sendo o outro, psicanaliticamente o conceito é diferente.

Na identificação, objeto, aqui ,não quer dizer o outro conhecido por nós, mas

"O termo objeto designa, verdadeiramente, uma representação inconsciente *prévia* à existência de outrem, uma representação que já se acha ali e na qual virá escorar-se a realidade externa da pessoa do outro ou de qualquer dos seus atributos vivos" (Nasio, 1993, p.103)

Como se vê, o que destaca na teoria de Freud sobre a religião, em relação a outros estudiosos, é a capacidade humana de ter em sua psique representações inconscientes *prévias*, o objeto, possibilitando, a partir daí, o nascimento da religião e concomitantemente a resolução do complexo de Édipo, gerando uma série de efeitos na psique do indivíduo, que vai estruturá-lo como tal. Sem a identificação, é impossível ao indivíduo se sentir uno com o seu deus, e irmanado de amor com o seu próximo. O objeto, sendo um lugar impessoal, no entanto, as representações ideativas ocorrem de maneira pessoal. Pode-se identificar parcialmente com apenas um traço distintivo do outro, com a imagem global do outro, com a imagem local ou com apenas com uma emoção ligada a este outro. A identificação total ocorre com o Pai primitivo, dando- se pela sua absorção. Seria a identificação mítica. Cada filho se apropriando de uma parte deste pai.

Sendo assim, não é a força da sociedade-deus (conforme Durkheim afirma) que cria as representações, mas a existência *prévia* do objeto, como representação psíquica.

Droguett (2000) nos fala da peculiaridade da psicanálise em relação às outras psicologias. Demarca ela seu espaço, graças à ambigüidade que ela estabelece a partir do mito do pai primevero. Esta ambigüidade diz respeito ao objetivo e ao subjetivo, que está relacionado com outra ambigüidade: experiência religiosa e moral que nascem a partir do mesmo fato: o assassinato do Pai. A experiência religiosa faz referência à experiência íntima com Deus, e a moral tem relação com a lei. Ambas nascidas do mesmo momento: o assassinato do pai, mito científico de Freud. O importante a se destacar é que, apesar da objetividade dos fatos em si: transcendência em relação ao próprio indivíduo e ao mundo, norma ou lei objetiva, "a experiência ético-religiosa é fundamentalmente um fenômeno de caráter subjetivo e sua verdadeira natureza, como corresponde a toda vivência humana, é basicamente psicológica" (Droguett, 2000, p.24). A leitura que um indivíduo faz da realidade é puramente pessoal. Assim, a psicanálise aborda o estudo da religião com suas possíveis conseqüências na psique do indivíduo, "através do seu caráter subjetivo e, portanto, submetido às leis do funcionamento psíquico" (Droguett 2000 p.25). A internalização, outra particularidade da identificação inconsciente, da realidade objetiva transcendente, que sob o ponto de vista metafísico e teológico, está fora do indivíduo, "sob o ponto de vista psicológico, está dentro dele. E é justamente com este Deus internalizado que, de forma imediata, tem lugar a experiência religiosa" (Droguett ,2000, p.25).

Quando o psicanalista Nasio (1993) nos fala da identificação e destaca o objeto como um lugar psíquico, o pensamento de Droguett se encaixa à *merveille*

com suas explicações, pois aponta ele para a importância da imago. Destaca a diferença entre imagem, réplica exata da realidade, e imago. Na imago, “versão deformada da realidade- na medida em que o componente emocional exerce um papel preponderante (Droguett, 2000, p.25), há em destaque, mais uma vez, o fator pessoal. Uma das experiências que mais possuem elementos emocionais é justamente a ético-religiosa.

”Parece evidente que, quanto mais deformada seja a imago que um indivíduo tenha de Deus, sua atitude religiosa- pela irrealidade do seu objeto de referência- apresentará um caráter claramente imaturo; podendo, inclusive, chegar a ter traços claramente patológicos. O mesmo cabe à experiência ética”. (Droguett, 2000, p.26)

Deste exposto, confirma a psicanálise o caráter fundamentalmente subjetivo da experiência psicológica. Daí, que, conforme a internalização da imago-deus que cada indivíduo tem, há correspondência com um tipo de consciência moral(superego rígido ou mais flexível), como também com um tipo de experiência religiosa que vive. Mezan (1985) também destaca o valor do individual na psicanálise. Para ele o que está no centro da psicanálise são os mecanismos que o indivíduo utiliza para se adaptar à comunidade na qual ele está inserido. São mecanismos que, embora sejam universais, possuem “uma margem de manobra própria capaz de distingui-lo dos demais membros deste círculo” (Mezan 1985) Sabendo-se que a vida psíquica do indivíduo é determinada por fatores internos e externos, a psicanálise se propõe a estudar como estes fatores- mundo externo e interno- se combinam e se determinam ou como entram em choque.

Inicia-se agora o estudo crítico dos textos freudianos comprometidos com o estudo da origem da religião e sua interpretação com o enfoque psicanalítico.

2.1 Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)

No decorrer do trabalho, procuraremos esclarecer a gênese da religião, de raiz antropológica, que é o tema do trabalho.

Na reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena (fevereiro de 1907), Freud informa ter enviado uma contribuição para o primeiro número de um periódico dirigido por Bresler, no qual participa como co-editor. Esta contribuição é o texto “Atos Obsessivos e Práticas Religiosas” (1907). O que tem de marcante neste texto é o fato de ele ser o *debut* de Freud sobre assuntos relacionados à psicologia da religião associados aos mecanismos da neurose obsessiva. Constitui um passo importante em direção a um estudo mais aprofundado que se dará em “Totem e Tabu” (1912/13), cinco anos depois.

Abre Freud o texto, afirmando ter alcançado uma compreensão interna (*insight*) sobre a origem do cerimonial neurótico e, por analogia, a partir deste conhecimento, ter estabelecido inferências sobre os processos psicológicos religiosos. Nestes há processos psíquicos semelhantes aos da neurose obsessiva.

Inicialmente entende-se por qualquer tipo de cerimonial “um conjunto de condições que devem ser preenchidas para que seja permitida alguma coisa ainda não de todo proibida, da mesma forma que uma cerimonia na igreja significa para o crente uma permissão para desfrutar os prazeres sexuais, que de outra maneira seriam pecaminosos” (1907, p.128).

As semelhanças psíquicas, que Freud estabelece entre os dois cerimoniais, está no fato de haver a presença da consciência que acusa o menor erro quando o

cerimonial ou ato sagrado não é realizado conforme a lei interna ordena. Além do mais quando da realização dos mesmos, há a exclusão de todos os outros atos, para que as minúcias exigidas sejam efetuadas com precisão. O sentimento de culpa é outra afinidade que existe na psique do neurótico como do crente, dando a este a sensação de ser pecador.

"O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo apenas miseráveis pecadores; e as práticas devotas (tais como orações, invocações, etc.) com que precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter o valor de medidas protetoras ou de defesa" (1907, p.127)

Mas a grande semelhança entre ambos é a renúncia aos instintos não compatíveis com a realidade. O Eu que entra em contato com a realidade mostra o quanto é perigoso dela se afastar. Sendo assim, a renúncia aos instintos "perigosos" tanto para a religião como para a civilização é um requisito indispensável para o bem estar comum, sendo para o crente a oportunidade para alcançar uma vida melhor pó-s morte.

"Há sempre a repressão de um impulso instintual (um componente do instinto sexual) presente na constituição do sujeito e que pôde se expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo posteriormente à repressão. No decurso da repressão do instinto cria-se uma consciência especial, dirigida contra os objetivos do instinto" (Freud 1907, p.127)

A repressão dos instintos é condição indispensável na formação tanto da neurose religiosa, quanto da neurose obsessiva. Desta forma, tanto os cerimoniais

religiosos quanto os obsessivos representam uma proteção contra as tentações vindas dos instintos recalçados que insistem em se apresentar, apesar do recurso da repressão. Como este recurso da psique tem apenas êxito parcial, os cerimoniais com o tempo são insuficientes ante as tentações que são repetitivas, pois é próprio da pulsão, o pulsar constante. Sendo assim, com o tempo surgem nos neuróticos as proibições, "cuja finalidade é manter a distância as situações que podem originar tentações" (Freud, 1907, p.128). Quanto à esfera religiosa, as recaídas no pecado que são constantes, exigem uma nova forma de atividade religiosa: "Os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva" (Freud, 1907, p.129).

O importante a se observar é que tanto nos rituais religiosos quanto nos obsessivos, não há correlação clara entre os pensamentos inconscientes e estes rituais que os representam. Isto ocorre graças a um mecanismo psíquico chamado ³deslocamento, que possibilita a substituição do pensamento real inconsciente para um fato extremamente banal, que se transforma no representante do pensamento inconsciente, originador do conflito psíquico. Desta forma, entende-se que estes atos cerimoniais nada mais são do que uma formação de compromisso⁴ entre o desejo inconsciente de realizar o ato proibido e a realização dos mesmos, por meio de um ato completamente sem sentido, mas que, no entanto, não passa da realização do desejo inconsciente, de maneira travestida.

"O caráter de conciliação que os atos obsessivos possuem em sua qualidade de sintomas neuróticos não é tão evidente nas práticas religiosas correspondentes. Mas também nestas descobrimos esse aspecto das neuroses quando lembramos a

³ Deslocamento- "Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser susceptível de se destacar dela para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa"(Vocabulário da psicanálise)

frequência com que são cometidos, justamente em nome da religião e aparentemente por sua causa, todos os atos proibidos pela mesma- ou seja, as expressões dos instintos por ela reprimidos” (Freud ,1907, p.130)

Filoramo (1999) ao comentar este texto freudiano, faz um resumo condensado do mesmo mostrando os pontos de analogia ente a neurose religiosa e a neurose obsessiva vistos por Freud.

”Na base de ambos estaria a repressão, a renúncia a determinados impulsos; o idêntico efeito de repressão e sublimação, que em ambos os casos levaria à formação de um sentimento de culpa e de angustia, a ele ligado; a atuação, em ambos os casos, do mecanismo da transferência, que induz a colocar num segundo plano, atrás do biombo do cerimonial, o conteúdo do pensamento. (Filoramo ,1999, p.176)

Mas Freud relembra que, apesar das semelhanças, há entre a neurose obsessiva e a neurose religiosa universal, diferenças marcantes, sendo uma delas quanto à natureza das pulsões que são recalçadas. “A principal diferença residiria na natureza desses instintos, que na neurose são exclusivamente sexuais em sua origem, enquanto na religião procedem de fontes egoístas” (Freud,1907, p.130). Outro fator de separação são as características cerimoniais. Na neurose obsessiva, elas são particulares, variando de indivíduo para indivíduo, tolas e absurdas, sem significação aparente. Já nos cerimoniais religiosos há uma estereotipia (quanto às orações, o curvar-se para o leste, etc.).Estes são de natureza pública, tendo significação e simbologia.

⁴ Formação de compromisso- Forma que o recalçado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente. As representações recalçadas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis”(Vocabulário da Psicanálise)

Mas, apesar das separações entre ambas, Freud afirma que

“diante desses paralelos e analogias, podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva como o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva” (Freud, 1907, p.130)

2.2 A Moral Sexual Civilizada e a Nervosidade Moderna (1908)

No texto seguinte sobre sociedade “A Moral sexual civilizada e a nervosidade moderna” (1908), continua Freud mostrando a existência do recalçamento das pulsões sexuais a partir do qual o homem entra na civilização e aceita a religião. O recalçamento seria como que um mal necessário para a entrada na civilização, já que “em termos universais, nossa civilização se edifica sobre o sufocamento das pulsões” (Freud, 1908, p.192). Isto, no entanto, não é bom, pois, de uma hora para outra, pode vir a desabar a construção do edifício da civilização e da religião, já que tudo o que é construído em cima do recalque não oferece garantia, uma vez que a tendência da pulsão é sempre se manifestar. Haja vista, o vigor das forças pulsionais que variam de indivíduo para indivíduo, ficando difícil de estabelecer o quanto cada indivíduo pode sublimar dos seus instintos. O desejo de transgredir é tão forte que é preciso que se estabeleça a consciência para segurá-lo (superego). Freud afirma, neste texto e nos demais textos, que só se proíbe o que se tem propensão a ser desrespeitado. Valoriza, então, a pulsão sexual, por ter ela vigor e força constante, trazendo conseqüências à vida humana, quando se tenta totalmente restringi-la. Responsabiliza a moral sexual da sua época pelo aumento “da doença nervosa moderna, isto é, da doença nervosa que se difunde rapidamente

na sociedade contemporânea” (Freud, 1908, p.188). Embora a renúncia dos instintos ajude a construir a civilização, ”Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício.” (*ibid.* , p.192). As exigências da renúncia pulsional são tão grandes que cada vez mais, torna-se mais difícil para o cidadão atingir os objetivos por elas propostos, prejudicando conseqüentemente a civilização. Esta é a grande tese de Freud nesta obra, mostrando como o antagonismo, cultura e repressão, prejudicam o indivíduo e a sociedade como um todo. Mostra ele assim, a ligação entre “alta incidência da doença nervosa” e a “moral civilizada”. Desta forma passa a neurose a ser um indicador da desarmonia entre pulsão e civilização. A religião, como uma das instituições mais exigentes, quanto às restrições pulsionais, passa a ser uma das responsáveis pelo aumento das neuroses.

Quando se fala em gênese da religião tem-se que obrigatoriamente cair no mito do Assassinato do Pai, pois dele vem a idéia da origem da civilização e da religião. Portanto, “Totem e Tabu” (1913) será neste momento apresentado, por nele se localizar a explicação do mito científico.

2.3 Totem e Tabu (1913)

Zilboorg (1969) comenta ser a partir do aspecto histórico que Freud estuda o indivíduo e chega às suas conclusões em nível universal. Cria o mito científico, o assassinato do Pai, por gostar de trabalhar e inventar ao mesmo tempo, como ele mesmo afirmou a um amigo.

O mito científico de Freud, como todo mito, sustenta-se na ambigüidade, já que não é uma teoria científica que busca comprovar detalhes. Quando Freud imagina este mito, ele não tenta sustentá-lo a partir do conceito das pulsões, ele tenta acomodá-lo sobre a tese da hereditariedade psíquica. Há uma “alma coletiva” que atravessa as gerações, comenta ele. Este mito seria uma das explicações, entre outras, para a origem da civilização, complexo de Édipo e religião.

Entende Freud, que o social não pode surgir dos sentimentos individuais e, sim, das disposições psíquicas que são passadas de geração a geração, não tendo a tradição força suficiente para tanto. Eis aí um ponto que não deve ser perdido de vista, pois a sua teoria gira em torno da força e presença onipotente do Inconsciente. O homem atual abriga em si de maneira recalcada disposições idênticas aos dos povos mais primitivos, haja vista a vida psíquica dos neuróticos, cuja única diferença consiste em estas disposições encontrarem-se inibidas em suas ações.

“Mas os neuróticos são, acima de tudo, inibidos em suas ações: neles o pensamento constitui um substituto completo do ato. Os homens primitivos, por outro lado, são *desinibidos*: o pensamento transforma-se diretamente em ação” (Totem e Tabu, 1913, p.191).

Freud caminha o seu pensamento tecendo paralelos e comparações como observa Mezan (1985). Para ele, o estudo da vida mental dos povos primitivos, que a antropologia da época apresentava, é de extrema importância na elaboração do paralelo que se estabelece entre a vida mental destes povos e a dos contemporâneos. “Nela há um retrato bem conservado de um primitivo estágio do nosso próprio desenvolvimento” (*ibid.*, p. 20). O estudo da neurose individual e da coletiva, que é a religião, para ele pode ser mais bem compreendido quando se usa deste paralelismo. Desta forma, Antropologia social e psicanálise se complementarão.

Freud sabe que um retorno à origem dos tempos é impossível, já que o estágio primitivo de organização humana jamais poderá ser localizado. Em vista disto, contenta ele com os estudos dos Aborígenes da Austrália, que serão a sua fonte de pesquisa, por serem os mais atrasados que se tem conhecimento no momento, e, apesar disto, evitam relações incestuosas. Têm eles também, no sistema totêmico, a fonte de orientação moral e religiosa, no lugar das instituições religiosas e sociais atuais. Mas o que é um Totem? De um modo geral, é um animal ou planta ou mais raramente um fenômeno natural, que é eleito como o espírito guardião da tribo ou clã. Ele é o ancestral comum de todos e os guarda igualmente tal como um familiar consanguíneo. Daí, não se come a sua carne a não ser em dias especiais de refeição comunal.

O totemismo despertou a atenção de Freud por ter percebido que associada a ele, há a presença de uma instituição denominada Exogamia. "Misterioso", é o termo que usa para qualificar a ligação do totemismo com as razões da exogamia e desta com a idéia de incesto. "Qualquer explicação satisfatória deverá ser, ao mesmo tempo, histórica e psicológica. Deverá dizer-nos sob quais condições essa instituição peculiar se desenvolveu e a quais necessidades psíquicas do homem dá expressão" (*ibid.* , p.133). De acordo com a exogamia, deve o homem casar com mulheres de totem diferente do seu, sendo severamente punidos quando é desrespeitada a lei. Isto chamou sua atenção, começando, então, a estudar a causa e a relação da exogamia totêmica e as suas conseqüências na vida mental dos povos primitivos, que reverberam ainda hoje na nossa. Zilboorg comenta haver em Freud, uma preocupação crescente de estabelecer o vínculo entre o indivíduo e certos aspectos da civilização. "Centralizou nos mecanismos psicológicos da cultura

e religião, na medida em que tais mecanismos pudessem ser encontrados operantes no indivíduo como unidade autônoma” Zilboorg (1969 p.34).

Veja-se o desenrolar do mito científico de Freud, por meio do qual pretende fazer uma ponte entre o filogenético e o ontológico. De uma expressão da natureza, o mito passará a ser imposto à nossa cultura.

2.3.1 Mito Científico - Assassinato do Pai

O Pai totêmico foi ele entendido como o criador do mundo, pois dele provieram os filhos. Era ele o ideal de todos os filhos, sendo ao mesmo tempo, temido e honrado.

Atém-se, no entanto, na parte narcísica do líder tribal. Vê nele a presença da individualidade, iniciando, assim, as primeiras comparações entre psicologia individual e coletiva que caminham sempre juntas.

O líder, narcísico e onipotente, desejava que o grupo o atendesse prontamente, vendo em cada participante apenas um elemento que satisfizesse os seus desejos. Estes, por sua vez, só querem ser amados e reconhecidos pelo pai. Este egocentrismo paterno, gerará conseqüências nos filhos futuramente, tanto em nível de psique, que será esclarecido mais adiante, como em nível social .

O grande líder, pai primevero, por não reconhecer o direito dos seus membros de satisfazerem os seus instintos sexuais, força-os a abstinência e, conseqüentemente aos laços emocionais com ele e uns com os outros.

Seus filhos, em grupo, posteriormente o matam, já que este não permitia o relacionamento deles com as mulheres, tomando-as só para si. Os filhos, ao

assassiná-lo, realizam os seus desejos assassinos recalcados, mas, ao mesmo tempo, reforçam a sua repressão.

No lugar do pai morto é erigido um totem que o representa. O pai real não mais existe, mas agora há no seu lugar um símbolo. De agora em diante um espaço de poder é delimitado. Daí a importância do totem na sociedade totêmica. “A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva—com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado” (*ibid.* , p.169). Seguindo o pensar de Freud, entende-se que, ao matar o pai, deflagra-se nos filhos o sentimento de ambivalência, sendo o remorso nada mais que “a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso” (*ibid.* , p.171). Do remorso vem o sentimento de culpa do qual toda religião se alimenta.

Mezam (1950) comenta que, independente de se acreditar ou não neste mito, é fato de que com ele é possível imaginar, a partir dos conhecimentos antropológicos da época, uma origem para as leis universais que proibem o assassinato e o incesto. Estes mesmos desejos em nível individual ainda existem, percebe Freud e foi o desejo de encontrar a sua localização na história dos primórdios que o leva a formular sua hipótese.

Freud nos fala agora da anulação do ato. Como não repetir infinitamente novos assassinatos como este? Proclamou-se, então, como necessária a renúncia dos frutos conquistados com a morte do Pai; ninguém terá a mais. “Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres” (*ibid.* , p.172). Os dois tabus

advindos da criação do totemismo, não matar o pai e não copular com a mãe, correspondem aos dois desejos que se encontram no complexo de Édipo, cuja relação com o mito de Édipo será mais bem comentado posteriormente.

Júnior (1999) comenta ser o sistema totêmico a primeira forma de religião, a primeira encarnação da moral e da culpabilidade. É o sentimento de culpa que deu origem à religião, e o núcleo desta consciência de culpa é o complexo de Édipo. Estas são idéias-chaves do texto. Zilboorg (1969) irá nos lembrar que o nascimento da consciência só pode ser fruto da nossa carência em relação ao Outro, caso contrário, “não haveria consciência; restaria apenas medo e agressividade animal” (Zilboorg 1969 p.49). Na horda, este sentimento de culpa leva a uma espécie de contrato com o animal que representa o totem. O clã a ele pertencente se compromete a protegê-lo e a não desrespeitar a sua vida, isto é, de não repetir com ele o ato que custara a vida do pai verdadeiro. A renovação dos ideais, propostos pelo clã, de agora em diante serão renovados, através da refeição totêmica que se estabelecerá desde então.”A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião” (Freud 1913 p.170). De agora em diante, a obediência, que fora negada, será doravante estabelecida.

O pai primevero, que pela força da sua personalidade narcísica e pelo vínculo erótico que os filhos estabelecem com ele, representa o anseio de todos, tem o seu poder aumentado pelo jogo que se estabelece entre dominação e submissão, sedução e desejo de ser seduzido entre as massas e o grande líder idealizado. Enriquez (1990) comenta que não se pode falar nem em inocência original e nem em

violação original, ambas estão mescladas. De uma certa forma, a história do pai e dos filhos está entrelaçada.

Quando da sua morte, é a sua ausência que o torna ainda mais presente. Isto se dá pelo fato de ter o símbolo mais força para instituir as leis: a da exogamia, e a da representação paterna. Esta idéia, de o símbolo sobreviver ao indivíduo depois de morto e tornar a sua idéia ainda mais forte, é exemplificado de maneira satisfatória na figura de Moisés e Cristo.

Os filhos, percebendo que o modelo paterno não pode ser seguido, por ser um modelo déspota, entendem que, as mulheres não podem pertencer a ninguém em especial. Desta forma institui-se o tabu do incesto como uma versão psíquica da regra da exogamia totêmica. Esta tomada de decisão por parte dos filhos é de suma importância, pois, caso contrário, se repetiria infinitamente o que antes fora uma realidade. Uma das características do sistema totêmico seria, então, o fato de ser "uma lei contra as relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento" (*ibid.* , p.22). Somente a união e a identificação entre os irmãos permitiram o assassinato, e, ao devorarem o pai primevero, deram início ao nascimento da primeira refeição totêmica. O curioso é que esta vem a ser a primeira festa em que se comemora um crime e, ao mesmo tempo, tenta-se dele se redimir, pois a culpa existe, pela ambivalência com a vítima. "O sacrifício perante o Deus clã, o Pai é, na realidade, representado duas vezes como o deus e como a vítima animal totêmico" (*ibid.* , p.178). O sacrifício repetiria a morte, e a refeição da carne do animal totêmico repetiria a identidade entre ele e a tribo. "Sentiram remorso por ele e decidiram que não se deveria repetir e que sua execução não traria vantagens" (Freud 1913 p.178). Freud irá comentar em "Futuro de uma Ilusão" (1927) que a religião cristã, com a sua comunhão, constitui uma

repetição do ato culposo e um desejo de junto do pai permanecer, pois acreditam estarem comendo o corpo do Cristo que se fez único com o Pai.

A gênese da cultura, com os seus interditos que reverberam no desejo da humanidade, foi explicada por Freud neste texto, quando tenta mostrar a interligação do totemismo, e sua implicação sexual, com a cultura. Palmer(2001) comenta que, ao utilizar as mesmas categorias da neurose para explicar a religião, Freud sexualiza a religião e “estabelece o princípio central da sua teoria: o princípio segundo o qual se podem explicar os primórdios da religião em termos de complexo de Édipo” (Palmer, 2001, p.31). Da importância de se considerar o totemismo como sendo a origem da religião, deduz ele que só é possível chegar a tal conclusão, quando se atenta que um dos tabus do totemismo é o de não se comer o animal totêmico. Este animal representativo de um clã ou de uma fratria, segundo os conceitos psicanalíticos, nada mais é do que uma substituição inconsciente da figura do Pai morto, com uma conseqüente identificação a ele. O animal representaria assim o Pai e mais uma vez suas mulheres teriam que ser respeitadas.

”Podiam tentar, na relação com esse pai substituto, apaziguar o causticante sentimento de culpa, provocar uma espécie de reconciliação. O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai - proteção, cuidado e indulgência - enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é a não repetir o ato que causara a destruição do pai”.

(*ibid.* p.173)

De um acordo imaginário entre os filhos com o pai morto, serão estabelecidos obediência e sacrifícios para diminuir a culpa. “O Sacrifício reside no fato de se oferecer satisfações ao pai pelo ultraje que lhe foi infligido no mesmo ato em que aquele ato feito é comemorado.” (*ibid.* p.178). Um paralelismo torna a

ocorrer nas religiões atuais: culpa advinda “de um não sei onde”, conjugada com sacrifícios não passam de uma tentativa de solucionar o mesmo problema, vindo das eras. As organizações religiosas estão ainda empapadas do sentimento similar, da refeição totêmica.

”No desenvolvimento posterior das religiões, os dois fatores propulsores, o sentimento de culpa do filho e sua rebeldia, nunca se tenha extinguido(...) todos os tipos de reconciliação efetuados entre estas duas forças mentais opostas mais cedo ou mais tarde ruíram, sob a influência combinada, sem dúvida, dos fatos históricos, das mudanças culturais e das modificações psíquicas internas.” (*ibid* p.181)

Constata-se que o totemismo, da mesma forma que implica remorso, implica também recordação do triunfo sobre o Pai, haja vista os festivais que, matando o animal totêmico, o lamentam, para, logo após, haver um período no qual a obediência é por um tempo adiada. A derrota torna-se o pano de fundo para o triunfo supremo. No cristianismo, tal sentimento antiestético também existe de maneira travestida.

2.3.2 Origem do honrarás teu Pai e tua Mãe

O “complexo de Édipo foi descoberto através da auto-análise do autor. Impulsos carinhosos em relação à mãe e hostis em relação ao pai, foram por ele observados. A lenda do rei Édipo é invocada como modelo mitológico do seu mito. Estes sentimentos, pessoais, conflituosos, em relação aos progenitores, Freud os ultrapassará em nível universal. Mera fantasia é o complexo de Édipo saída das eras

primeveras. Mas é importante que se tenha em mente que o crime não corresponde aos desejos edipianos ao contrário.

“Matar o pai e casar com a mãe são tendências que existem no inconsciente sob a forma de repressão, e esta, praticamente, é instituída a partir do crime, e não o inverso. A originalidade da tese de Freud consiste em associar a emergência do complexo de Édipo e o surgimento da sociedade civilizada por meio do mesmo ato” (Mezan 1985,348).

Freud, à medida que desenvolve as idéias de homicídio com fundamento antropológico, tenta reduzir o conflito familiar, Complexo de Édipo, a uma referência analógica com a filogênese. Desta forma, a ontogênese (que diz respeito ao desenvolvimento do organismo individual) reproduz as etapas da filogênese (desenvolvimento da espécie). Aquilo que ocorreu com o primata também ocorre em nível familiar. O individual passa a ser universal, pois é próprio do indivíduo enquanto unidade autônoma e pulsional, desejar o primeiro elemento que lhe dá sustentação psíquica, ou seja, aquele que lhe permite por seu intermédio se reconhecer como pessoa. O fenômeno do totemismo, que Freud comenta em “Totem e Tabu”, tem a sua importância para a psicanálise, não por se restringir a um sistema de parentesco, mas pela presença da exogamia nele contida. Tal modo de pensar freudiano prenuncia uma afirmativa válida para a psicanálise de extremo valor, ou seja, a universalidade do Édipo, a significação paterna do totem, bem como a ambivalência dos sentimentos em relação a ele. Palmer (2001) fala da Teoria da Recapitulação, mostrando que o passado repete-se na história de cada um. O complexo de Édipo, do menino de agora, nada mais é do que uma recapitulação do mesmo amor e ódio do primata em relação ao Pai primevero. Em termos religiosos, a culpa e o amor da horda, persistem atualmente. Agora, tais sentimentos são

projetados na figura de deus-pai. Sendo assim, pode-se afirmar que a origem da religião está na relação ambivalente do filho com o pai, vindo das eras, tendo como núcleo o complexo de Édipo.

Freud diferentemente de alguns pensadores da época associa o Totemismo diretamente com a Exogamia, pois da mesma forma que a religião tem sua gênese na culpa e no remorso comuns à comunidade dos irmãos, “a moralidade fundamentava-se parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa” (*ibid.*, p.175). A moralidade diz respeito à implantação da exogamia, que coloca um freio no incesto e ordem nas pulsões sexuais, que, nos primitivos, é muito mais forte do que no homem contemporâneo. A organização moral foi lentamente implantada entre os primatas, vindo depois a se constituir como um dom psíquico. Entre eles, a implantação da primeira lei da moralidade foi calcada inicialmente de forma violenta, para só depois ir se estabilizando, após várias seqüências de quedas e reajustes. Estas proibições primeiras deram origem ao que se denomina proibições-tabus, proibições ligadas aos mais fortes desejos, daí a necessidade de serem severamente proibidas, pois “em seu inconsciente não existe nada que mais gostassem de fazer do que violá-lo, mas temem fazê-lo; temem precisamente porque gostariam, e o medo é mais forte que o desejo” (*ibid.* p.51). As proibições tabus dos primatas são comparadas por Freud com as proibições que os neuróticos obsessivos se impõem por motivos por eles mesmo ignorados. Em ambos, há fenômeno psíquico semelhante, ou seja, a sensação de que algo ruim acontecerá, caso não realize os rituais, associada à ambivalência dos sentimentos (querer e não poder). O querer realizar aquilo que se proíbe é tão grande em nível inconsciente que na sociedade primata seus membros são severamente punidos, caso o desrespeitem, pois eles serão fonte de imitação.

Pode-se perguntar qual a relação do vínculo, observância ou não observância do tabu, fazer ou não fazer uma coisa do neurótico, com o provocar algo de bom ou de ruim? Freud explica esta relação com a “onipotência do pensamento”, existente no neurótico e no primata. O Animismo, idéia importada pelo antropólogo inglês Taylo, pode explicar esta relação. Segundo Palmer (2001), o Animismo, embora não seja uma religião, é um sistema primitivo de pensamento “e contém os alicerces sobre os quais se constroem posteriormente religiões. (...)É’ a crença de que todos os objetos animados e inanimados do mundo são “animados” por inúmeros seres espirituais” (Palmer,2001, p.37). Sempre há meios de se dominarem estes seres, podendo-se fazer isto por meio da feitiçaria ou da magia. Na onipotência do pensamento, tem-se a ilusão de poder dominar a realidade pelo pensamento, o que significa um afrouxamento da realidade, existente tanto no neurótico como no seu “distante” irmão primata que o habita. O pensamento não é livre, sua expressão é sua realização. É interessante que se observe que a onipotência do pensamento é outro caso de ambivalência. Só se controla aquilo que se tem desejo de realizar, que é sempre oposto à proibição-totem tanto no primata quanto no neurótico. Neste, as proibições dizem respeito aos mandamentos provenientes da morte do Pai, que psiquicamente dizem respeito ao complexo de Édipo. ”A ação mental que constrói um mundo fantástico em que o pensamento controla a realidade é alimentada pela exigência de proibir aquilo que, ao mesmo tempo, satisfaz;” (Palmer, 2001, p.37). Daí se conclui que o complexo de Édipo está associado com à crença totêmica, pois o totem da mesma forma que protege pune também, tal como o pai biológico. A conexão da religião com o animismo está no fato de que em ambas há a fuga da realidade. Nos rituais religiosos, pretende-se controlar as vontades dos deuses, como na magia. ”Em outra palavras, a religião é

filha do Animismo não só por herdar a crença na existência de seres espirituais (...) mas também porque ela também aplica artes mágicas ao controle da natureza e para aplacar forças espirituais, agora externalizadas na forma de deuses”. (Palmer, 2001, p.38). A religião eqüivale a uma neurose universal, contendo elementos vindos da magia tão comum nos povos primitivos, bem como elementos comuns aos neuróticos obsessivos. A supervalorização dos pensamentos é comum a ambos, tal como na religião.

Veja-se outro paralelo que Freud estabelece para explicar efeitos similares que ocorrem quando da morte do Pai, tanto em nível religioso quanto em nível da construção da lei da exogamia.

O crime estrutura a comunidade de iguais. Renunciando à herança do Pai, surge o seguinte pensamento de justiça em relação às mulheres: já que todos não podem, um também não poderá. A democracia exogâmica se ampliou, reforçando a moral. Não casarás com sua mãe se estende para não casarás com sua irmã até mesmo com parentes mais próximos. Todas as mulheres, do mesmo clã do homem, devem ser respeitadas para que a ordem se estabeleça e a situação anterior ao do crime não mais se repita. Isto favoreceu a construção da sociedade totêmica, onde os direitos eram iguais e onde todos também se encontravam unidos pela lembrança da expiação da morte paterna coletiva. Nova família foi organizada. Nela há vários pais, tornando o macho, o chefe da família. Assim, pela morte do pai, estabeleceu-se um contrato entre os irmãos: um não tendo, o outro também não terá. A democracia, não se localiza só em nível exogâmico, ela será ampliada em nível do “não matarás.” Posteriormente à proibição “não matarás seu pai” se estendera a “não matarás seu irmão”, e a “não matarás o seu próximo”, pensamento este que se encontra reforçado nas religiões.

Freud, sustenta a idéia de que, de uma certa forma sabemos que matamos o pai, daí a culpa. O temor do pai biológico pela criança é semelhante ao temor do pai da massa, pai narcísico que desdenha os filhos por não sentir-se pai. Renunciar ao desejo de ter a mãe, advindo do complexo de Édipo, nascido do crime, é renunciar aos desejos instintuais, por influência da fúria do pai. Como seres pulsionais, é custoso adiar os desejos que muitas vezes não respeitam o princípio da realidade. Casar com a mãe e matar o pai é o desejo mais antigo da humanidade, diz Freud. A ele tem-se que renunciar, para se entrar na civilização, na ética. A lei na religião racional são os dez mandamentos de Deus, a lei do complexo de Édipo é “não casarás com a sua mãe” oriunda dos princípios exogâmicos, confunde-se com o quarto mandamento da lei de Deus.

A respeito do Pai morto diz Mezan (1985) “O mito associa a este processo, pelo qual o pai morto passa a ser o fundamento do vínculo social, uma mutação na estrutura psíquica dos membros da horda, isto é, o advento da estrutura edipiana e do sentimento inconsciente de culpabilidade” (Mezan, 1985, p.349). É interessante observar que justamente na ausência é que se concretiza o social e uma comunidade de iguais. Foi preciso um terceiro elemento, o “pai morto”, para que a ausência se tornasse ainda mais atuante.

Zilboorg (1969) fala do paralelismo psicológico, entre cultura (quanto à sua formação totêmica) e religião, em Freud. Na medida em que constelações psíquicas idênticas ocorrem tanto no social, como no indivíduo, como unidade autônoma, nele são elas chamadas de neurose individual; na civilização são chamadas de neurose de civilização. No indivíduo deve ser tratada e na civilização deve ser rejeitada.

Como se vê, a castração simbólica, tanto ocorre na psicologia social como na individual. O respeito ao Pai que castra é importante, pois sem referência paterna

nenhuma cultura existe. Enriquez (1990) nos fala que toda civilização é conflituosa e neurótica, por passar, desde a sua constituição, por processos de castração. O grande drama da humanidade é a tensão que se estabelece entre o desejo e proibição do desejo de copular com a mãe. Este conflito marca a similaridade dos fatos que se estabelecem no grupo totêmico e no âmbito particular de cada um. Mais uma vez, estabelece-se o paralelo entre psicologia social e individual.

Repare-se, mais uma vez, como Freud utiliza o paralelismo de pensamento quando trabalha seus conceitos. A noção de Alteridade pode ser encontrada na história passada e na atual, esta repetindo aquela. Para que haja grupo, é preciso que haja a alteridade, como já disse Enriquez (1990), que se presentifica no reconhecimento de um outro, já que o grupo não se reúne num vazio. É na relação com este outro que o grupo se constituirá, que a organização social ocorrerá. "Com a introdução das divindades paternas, uma sociedade sem pai gradualmente transformou-se numa sociedade organizada em bases patriarcais" (Freud, 1913, p.178). Na horda, foi o ódio ao pai, elemento de alteridade, que uniu os irmãos, formando um grupo, levando-os também à castração, pela instituição da exogamia. Na relação familiar patriarcal, é o pai (figura de alteridade), que instaura a castração. Este outro, castra a criança ante os desejos edipianos, instaurando a lei, "não casarás com sua mãe," lei esta já instalada pela exogamia, pelos irmãos reunidos da horda. Desta forma, Freud vai mostrando que é a partir do individual que o social vai sendo tecido e da importância do reconhecimento da Alteridade como elemento castrador.

O complexo de Édipo explica não só o funcionamento familiar, mas também o social, pois estabelece uma fronteira entre a natureza e a cultura. Freud vai acrescentar como garantia de castração, fruto do complexo paterno, o superego,

pois ele introjetará simbolicamente, a figura paterna no indivíduo, garantindo a validade da castração de uma vez para sempre.

Pode-se observar, como fica mais clara a idéia de ser neurótica a obra civilizatória, pois ela se constrói sobre a repressão das pulsões. Mais uma vez, estabelece-se um paralelismo: Ao mundo psíquico individual se acrescenta não só o superego individual, mas também o superego social, que não só representa as leis da sociedade a qual pertence, mas traz em si também uma “alma coletiva”. O superego religioso, um dos pontos-chaves da repressão sobre indivíduo, faz parte do superego coletivo vindo das eras. Mas, apesar de todos estes limites impostos pelo social, a psicologia individual sempre insiste em se apresentar, sempre resiste à psicologia social, já que a onipotência narcísica, uma das fases do desenvolvimento humano, sempre insiste em se manifestar, a despeito de todas as castrações pelas quais o indivíduo vai passando vida afora.

A relação que Freud faz aqui entre o neurótico e o primata, apoia-se também no fato de que em ambos uma “verdade histórica” ocorreu. No primata houve um fato desencadeador (o crime). Já o neurótico obsessivo, metuculoso e virtuoso, em seu desenvolvimento infantil, passou realmente por uma fase perversa. Foi realmente maldoso, fato este que lhe possibilitou em um período posterior, apresentar uma moralidade excessiva (formação reativa) como resposta a este período. Não “estão-se defendendo apenas da realidade *psíquica* e se punindo através de impulsos que foram apenas *sentidos*” (*ibid* p.190). A verdade histórica entre ambos se estabelece da seguinte forma: aquele atravessou-a nos seus primeiros anos da infância; o primata atravessou-a em uma era primevera. Em ambos, “a realidade psíquica (...) coincidiu no princípio com a realidade concreta” (*ibid.*, p.190).

Veja-se outro paralelismo da sua construção teórica. É importante que se observe que, a partir da castração advinda do complexo de Édipo, o indivíduo é obrigado a diminuir o seu narcisismo, por entender que outros objetos, de igual importância amorosa que ele, existem. No âmbito grupal, os irmãos compreendem inconscientemente esta castração, pois começam a atuar em grupo. A onipotência cede um pouco da sua força a favor de acordo coletivo. Este acordo se presentifica nas regras totêmicas. De agora em diante nem tudo pode ser feito, caso contrário voltará ao estágio anterior. No que diz respeito ao âmbito familiar, a criança percebe que o seu amor pela mãe tem que ser compartilhado entre o pai e entre os demais membros.

Castrada pelo pai, a criança entrará num estágio de latência. Neste, ela lançará afeto a outras atividades que a ajudarão a resolver este complexo de maneira construtiva. O grupo lhe fornecerá outras possibilidades de prazer. E, então, o indivíduo é convidado a aceitar o Ideal do Grupo.

2.4 Psicologia das Massas (1921)

Inicia-se agora para o seu segundo texto social “Psicologia da Massa e Análise do Ego” (1921). Nele conceitos importantes serão trabalhados como o Ideal de Ego e a Identificação. A religião vai ser mencionada mais uma vez como sendo uma neurose universal, e a sua função enquanto comunidade social será destacada. O texto se preocupa em fazer uma ligação entre psicologia das massas e psicologia individual, mostrando que fenômenos que ocorrem nas massas na psicologia individual também são produzidos. A importância do Outro é valorizada tanto no contexto social como no individual. O Outro é tão valioso para o seu semelhante que

lhe cabe a função de despertá-lo para a vida. É a partir de o” fato do outro nos amar, nos falar e nos olhar que nós existimos enquanto sujeito humano” (Enriquez 1991, p.52).

O Outro é de destaque para Freud, e nele focalizará a sua atenção, para explicar os fenômenos psicológicos, que ocorrem em nível individual, que possibilitarão a existência e a coesão do grupo. O Outro, é quem sustenta o seu semelhante, e satisfaz as suas pulsões individuais. O Outro como observa Mezan (1985) aparece em quatro posições: ”ou é o objeto da pulsão, ou um meio de obter este objeto, ou um obstáculo que se interpõe entre este e o sujeito ou, finalmente, um “modelo” para o sujeito” (Mezan,1985, p.455). Deve-se destacar que o “modelo” é do registro da identificação que significa por sua vez desejar ser como o objeto. É com a noção de modelo que vai Freud trabalhar neste texto, para explicar os fenômenos de massa.

Todas as vezes que ocorre uma identificação, o Ego se enriquece e é a partir dela que o indivíduo se constitui como pessoa. Além do mais, as identificações permitem ao indivíduo se abrir para o exterior, pois, apesar de ele ser um ser pulsional e a pulsão ter fonte endógena, não é possível que se negue a realidade. Desta forma, a satisfação da pulsão sempre está ligada a algo exterior da psique, e é por isso que Freud afirma que a “psicologia individual é, desde o início, psicologia social (Freud, 1921 p.991). Daí, a importância que ele dá à alteridade. Mezan (1985) observa, no entanto, que para Freud, o todo é mais do que a soma das partes; com isto ele quer dizer que”o conjunto dos “outros”, isto é, a sociedade como um todo, pode engendrar características que transcendem a somatória das individualidades.” (Mezan 1985 p.456). Isto não quer dizer, entretanto, que a psicologia social, não

seja um conjunto *ab ovo* da psicologia individual, apesar da insistência freudiana de afirmar que a psicologia individual é, desde o início, psicologia social.

O indivíduo para saciar suas necessidades vitais se associa ao Outro. Este Outro ao mesmo tempo que o ajuda é também um limite à sua satisfação, isto é, do seu apetite pulsional, que nunca cessa. Sendo assim, a vida em comum é uma fonte de prazer e de desprazer, ao mesmo tempo. Mas apesar de ela ser a possibilitadora dos bens necessários à sobrevivência, por meio de Eros e Ananké, que se juntam garantindo a sua existência, há uma pergunta a ser feita: Por que apesar desta combinação entre Eros e Ananké, não promove a sociedade a felicidade aos seus membros? Freud irá mostrar que Eros tem funções nem sempre unificadoras, já que os casais tendem a se separar do grupo, "quanto mais enamorados se encontram, mais completamente se bastam um ao outro. Sua rejeição da influência do grupo se expressa sob a forma de um sentimento de vergonha" (Freud, 1921, p.176). Por sua vez, as famílias unidas em torno delas mesmas, tendem a se afastar das demais. Desta forma, vai-se ampliando sucessivamente, a organização de grupos que vêem no outro grupo um rival. Assim, deduz ele que, somente a partir da inibição da pulsão quanto à finalidade sexual, é possível haver a formação de grupos. Esta necessidade da redução das pulsões quanto à sua finalidade sexual já ocorrera inicialmente no totemismo, com a criação da exogamia. Daí para a frente a cultura se inicia e se sustenta na contenção das finalidades pulsionais sexuais. Estas contenções da libido sexual, quanto ao fim, leva à sublimação. A cultura se constrói em parte graças a ela. "Estes instintos sexuais inibidos em seus objetivos possuem uma grande vantagem funcional sobre os desinibidos. Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptos a criar vínculos permanentes" (Freud, 1921, p.174). Mas explicar a permanência da cultura através

da sublimação não explica tudo. Onde então entra a importância do Outro, como modelo e sustentador da coesão grupal? Do início da história da construção do social e da religião, frutos do mito científico, é que se acha a resposta. Daí a necessidade de se estabelecer um paralelo entre a filogênese e a ontogenese.

Quando Freud fala do parricídio paterno, diz que o pai, ao ser morto pelos filhos revoltados, dá nascimento à consciência da culpabilidade nestes filhos. O ódio, uma vez saciado pelo crime, deixa, então, vir a tona o amor que também estava presente. É a ambivalência emocional que é própria de movimentos pulsionais inconscientes que a isto se deve. Sendo assim é na culpabilidade que Freud busca a “necessidade de submissão”, que está “intimamente entrelaçada com a gênese do poder e com a sua formidável capacidade de se extrair obediência daqueles sobre quem se exerce. Em outras palavras, a culpabilidade interiorizada representa a garantia mais perfeita da submissão”, afirma Mezan (1985, p.493). Só isto basta, para que se favoreça o poder entre aquele que é o mais forte e condutor do grupo e entre aquele que é mais fraco, e é conduzido. “O líder do grupo ainda é o temido pai primevero; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extremada pela autoridade” (Freud, 1921, p.161).

É a respeito disto que Freud irá debater neste texto, ou seja, a relação de poder que ocorre em qualquer grupo. O poder institucionalizado pela culpa e o poder graças à existência Ideal de Ego. Destaca Freud, então, dois grupos formalmente constituídos: Igreja e Exército. Por meio deles, explica o porquê da coesão interna que mantém os seus membros irmanados entre eles. É a identificação, instância psíquica, que é a responsável pela “cola” que se estabelece com o líder. Mas por que só o fato da presença da identificação com o líder, bastaria para se explicar esta força de união? Neste momento, volta Freud para a sua filogênese, para explicar a

força das identificações atuais. Cada líder é a repetição, a reverberação na alma coletiva de cada ser individual, do drama do ato inaugural. O pai primevero se repete indefinidamente na psique do homem moderno. Para Freud, não há o instinto gregário como afirma Mc Dougall, outro pesquisador da época quanto a fenômenos da massa. Para ele, não só o fenômeno da identificação, que acontece quando há investimentos libidinais em um “modelo”, é o suficiente para que se ele a força grupal. A diminuição das aquisições individuais, quando a libido é lançada em outro objeto de valor, é outro prodígio a ser observado, afirma Freud.

”O indivíduo abandona seu ideal do ego e o substitui pelo ideal de ego do grupo, tal como é corporificado no líder. E temos de acrescentar, a título de correção, que o prodígio não é igualmente grande em todos os casos. Em muitos indivíduos, a separação entre o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente”. (Freud 1921, p.163)

Freud, comenta que para se esclarecer a estrutura libidinal dos grupos, é indispensável que se faça distinção entre Ego e Ideal de Ego, que favorecem a dupla espécie de vínculo: a identificação e a colocação do objeto no lugar do Ideal do Ego.

O Ideal do Ego, instância psíquica, filha do superego, é primitivamente calcada sobre o modelo do pai primevero. O pai biológico, tal como o pai da horda, exerce fascínio sobre a criança. Ele será o seu “modelo”, conforme Mezan já afirmou. Ao estudar a força do hipnotizador, explicará Freud que a sua força vem da relação direta do poder do pai, em relação ao filho. Poder este que se transfere do pai da horda ao pai biológico e assim sucessivamente, para todos os seus representantes.

"O hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica que também o tornara submisso aos genitores e experimenta uma reanimação individual em sua relação com o pai; o que é assim despertado é a idéia de uma personalidade predominante e perigosa, para com quem só é possível ter uma atitude passivo-masoquista". (Freud, 1921, p. 161).

Como ficariam os representantes da igreja e do exército, grupos que Freud se ocupou em estudá-los. A transferência do poder do pai da horda continuaria a acontecer? Agora estaria ela localizada no líder religioso e no comandante em chefe? Freud responde:

"Numa Igreja (...), bem como num Exército, por mais diferentes que ambos possam ser em outros aspectos, prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça- na Igreja Católica, Cristo; num exército, o comandante-chefe, que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual". (Freud, 1921, p.120)

Por entender que o nascimento de um grupo é devido a um ato de amor, começaremos a analisar a origem do Ideal do Ego, já mencionado acima, devido à sua importância na construção de qualquer grupo.

Freud já havia mostrado que pela capacidade dinâmica da libido, pode ela se instalar em outros objetos. Isto permitirá a diminuição do Narcisismo e, conseqüentemente a possibilidade de se criarem laços afetivos. No entanto, tanto o Ideal do Eu, nascido das exigências parentais e sociais, quanto o Ideal do Grupo (de base social) são perturbados pelo narcisismo, que se conserva no indivíduo, para sempre, dificultando levar em conta a Alteridade. Sempre o indivíduo quer recuperar, pelo menos em parte, a sua onipotência infantil. "Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos que as

outras-isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade” (Freud, 1914, p.118).

Conforme foi dito acima, o despertar para a vida bem como a consciência social nascem do desejo de ser amado, o que facilita a introjeção das normas parentais e sociais podendo, então, os membros de uma sociedade estabelecerem laços de respeito mútuo. A consciência, corresponde ao Ideal de Ego, que se opõe ao Eu Ideal de natureza narcísica. O Ideal de Ego, por sua vez, corresponde à primeira fase do desenvolvimento libidinal. O indivíduo, durante o seu desenvolvimento emocional, irá ampliando a sua relação com o mundo e com ele começará a fazer trocas. Conforme vai avançando a sua obra, Freud deduzirá que, para haver grupo, uma condição indispensável terá que ser respeitada: a diminuição do imponente narcisismo. Isto só ocorre quando o indivíduo abandona o seu ideal do ego e o substitui pelo Ideal do grupo, que é corporificado no líder, mas, mesmo assim, apesar da valorização do Outro no Ideal do grupo, sempre há a auto-realização através dele.

”Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de “ideal de ego” e, a título de funções, atribuímo-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de igual maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com o seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de ego que se diferenciou do ego”. (Freud, *ibid.*, p.138)

Como se vê, o indivíduo tenta sempre preservar a sua onipotência infantil. Quando, pelo desenvolvimento do raciocínio, observa que não pode conservá-la, irá buscar um substituto da sua antiga perfeição narcísica, com a única diferença que este é imaginado como norma ou modelo ao qual o Ego procura se conformar. Desta forma, há uma substituição deste primitivo narcisismo perdido da infância, no qual o indivíduo era ele mesmo seu ideal pelo objeto modelo atual. O ideal é imposto pelo exterior, sendo principalmente constituído pelo pai, em cima do qual foi projetada a onipotência infantil. Por isso, pode-se dizer que a representação inicial do pai o situa como “pai idealizado”. Há de se lembrar, no entanto, que um momento chegará, no qual a criança vai passar pela castração, e, neste ínterim, o pai real vai ser dissociado do pai idealizado inicial, ocorrendo a identificação parcial com este pai biológico. A castração imaginária, que não deixa, por sua vez, de ser real, irá limitar o desejo infantil. Este movimento é decisivo na vida da criança, pois, como comenta Mezan (1985), haverá um tríplice movimento. A criança abandona: “o esquema da onipotência infantil como *único*, reconhece a diferença entre o real e o ideal, e identifica este com a pessoa até então suporte da onipotência projetada: é por isto que o ideal do ego vai ser situado no pai, e o amor por ele vai determinar ao mesmo tempo identificação secundária (uma parte dele = ideal para mim = parte do meu próprio ego)” (Mezan, 1985, p.374).

É importante que se observe, que de agora em diante, uma vez feita a identificação secundária com o pai, “e há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o ideal do ego” (Freud 1921 p.166), vai a criança, com o julgamento mais apurado, perceber que o pai biológico é também castrado, tal como ela, pelo social e como ela já atravessou o fantasma da castração, em relação ao

seu próprio pai. A sua lei é limitada e imperfeita. Este momento dará nascimento a uma nova categoria: a do Pai Morto. De agora em diante “a fonte desta lei é situada no pai Morto, que, precisamente por ser morto, recua para o tempo mítico das origens, dado que, até onde pode alcançar a memória, os pais se sucedem uns aos outros e nenhum deles pode ser tido por grau zero da linhagem” (Mezan,1985, p.374). Desta forma, pode-se perceber a relação entre o Ego Ideal e a categoria do Pai Morto. Voltando à filogênese, o pai idealizado corresponderia ao chefe da horda, enquanto o pai Morto à sua representação após a sua morte. “O pai primevero é o ideal do grupo ,que dirige o Ego no lugar do Ideal do Ego” (Freud, 1921,p.161). Na igreja, os vínculos amorosos com Cristo, estão ligados à idéia do Pai Morto. Cristo não passou pela castração que os humanos passam. Ele representa a lei máxima e é o representante de leis imutáveis e perfeitas.

Para Freud, somente os deslocamentos libidinais é que permitirão a ocorrência de um grupo e do apaixonar-se e, nestes casos, somente “uma quantidade considerável de libido narcísica transborda para o objeto” (*ibid.*, p.143). Desta forma, pode-se dizer que a estrutura libidinal de um grupo está relacionada com um tipo de “gradação diferenciada do Ego”.Ego e o Ideal de Ego e a “dupla espécie de vínculo” que se estabelece promoveriam uma seqüência de fatos tais, como” a identificação e colocação do objeto no lugar do Ideal do Ego”(*ibid.*, p.164).

Caminhando com outros pesquisadores da psicologia social, que estudaram, tal como Freud, os fenômenos da massa, podem-se conhecer outras visões.

LeBom como McDougall estudaram o fenômeno grupal e o entendem como fruto de processos inconscientes, sendo a presença do líder indispensável, dada a sua força da sugestão e personalidade marcante, causando alterações na psique dos indivíduos. A sugestão pode ser mais bem compreendida quando a vemos como

uma manifestação parcial do estado de hipnose e quanto à capacidade do ser humano de entrar em estado de hipnose, nada mais é do que uma predisposição que persiste no inconsciente desde a época da família primordial. "O hipnotizador desperta no sujeito uma parte da sua herança arcaica" (*ibid.*, p.161), como já foi dito acima.

Entre estes dois pensadores pouca diferença há. Por sua vez, o que há em comum entre eles e Freud é o fato de serem unânimes quanto à presença, em qualquer processo grupal, do inconsciente. Freud, não se contenta com a explicação oferecida por eles, que se resume na força da sugestão, e quer saber de onde vem esta força, que leva ao prestígio do líder provocar a homogeneidade no grupo. De agora em diante, segue ele sozinho sua elaboração teórica. LeBom e McDougall, não alcançando maiores vãos, deixarão caminho livre para Freud desenvolver a sua teoria.

Freud passa a afirmar neste texto que os processos que ocorrem na hipnose são idênticos aos que ocorrem em um grupo, daí afirma que em ambos há a força da libido (energia das pulsões) que atua como agente unificador e de coesão. Começa ele explicando que seria impossível haver a união entre os membros de um grupo e entre eles e o grande líder se não houvesse a libido sexual amorosa inibida em seu objetivo sexual. "Um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?" (*ibid.*, p.117). Segundo sua *Metapsicologia* todas as tendências afetuosas vêm das pulsões. "É mesmo possível descrever um caso de estar amando como um estado em que o ego introjetou o objeto em si mesmo" (*ibid.*, p.144). Entende ele que tanto na hipnose quanto no estar amando há processos semelhantes: sujeição ao objeto amado e ao mesmo

tempo debilitamento da iniciativa individual. Ao afirmar ser a hipnose um grupo a dois, confirma haver mecanismos semelhantes tanto num quanto em outro.

Quando fala das pulsões sexuais tendo origem, relação e objetivo com o amor sexual, mostra que o Eros de Platão se estende a algo muito mais amplo, que pode ser compreendido pelo tipo de amor descrito pelo apóstolo Paulo, na sua epístola aos Coríntos, ou seja, ao amor *caritas* (amor caridoso), mas, apesar disto, mesmo o amor *fratias*, isto é, entre irmãos, para a psicanálise, tem sua origem no amor sexual como objetivo. Para o indivíduo comum, aceitar a relação do amor *fratias* (amor entre irmãos), com o amor sexual é difícil, pois normalmente tem-se vergonha do sexo, conclui ele.

Freud tenta explicar a essência da mente grupal, na suposição de que há relações amorosas que se escondem atrás da sugestão apregoada pelos estudiosos da mente grupal. A partir de então, fala da força de Eros, indo desaguar nos mecanismos que favorecem o aparecimento da religião.

Somente por meio de Eros, que tem força de coesão, pode um grupo manter-se unido. Além do mais, a docilidade com que cada indivíduo se deixa levar pela sugestão grupal, tem mais relação com a consideração entre eles do que com qualquer outro fator aleatório. "Se o indivíduo de um grupo permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles (...) afinal de contas, talvez o faça por⁵ "*ihnen zu Liebe*" (*ibid.*, p.118). Nos grupos não importa de que tipo sejam os indivíduos, o importante é que o chefe inspire amor e respeito aos seus discípulos. O tema da Ilusão, começará de agora em diante ser explorado por Freud.

Tanto na igreja quanto no exército, sempre há a ilusão de que há um chefe que tem amor igual para com todos, e quanto à teoria da libido, pode-se afirmar que neles, a pulsão está inibida em sua finalidade, havendo a diminuição do Ego a favor do ideal do ego, mas Freud "acrescenta a identificação com outros indivíduos, o que foi talvez, originalmente, tornado possível por terem a mesma relação com o objeto" (*ibid* p.178). Esta crença, do amor mútuo, ajuda a manter a coesão grupal, a ponto de os membros de um grupo se chamarem de irmãos. Na igreja, os fiéis vêem Cristo como um irmão mais velho ou um pai substituto e são amorosamente tratados entre eles. No exército, os soldados vêem no comandante - chefe a figura de um pai. que ama a todos e os chama de camaradas. Esse amor equinâmico foi expressamente enunciado por Cristo ao falar que aquilo que fizerem ao menor dos meus irmãos a mim o farás. "Ele coloca-se, para cada membro do grupo de crentes, na relação de um bondoso irmão mais velho; é o seu pai substituto" (*ibid.*, p.120).

Reforçando a idéia de que a essência da união do grupo está na presença dos laços libidinais, explica Freud que o pânico só ocorre em uma batalha quando a ordem do líder, não sendo mais ouvida, provoca a dispersão, e, desta forma, cada um age por si. A dispersão ocorre não pelo medo. A quebra da coesão foi favorecida pela perda dos laços mútuos de amizade. "Os laços mútuos deixaram de existir e libera-se um medo gigantesco e insensato" (*ibid.*, p.122).

Zilboorg (1969) irá comentar que, a despeito de Freud não ter se preocupado nem com a ética e nem com a religião, conclui ele, no entanto, que só o amor criativo pode conduzir a vida de um homem. Por meio dele pode o homem dominar a sua parte lobo que corresponde à sua agressividade. No lugar do ódio e dos impulsos cegos, poderá, então, substituí-los pelo amor e razão. Desta forma

sem que ele perceba ou não, seu estudo tem tudo a ver com os ensinamentos cristãos, que são qualificados como uma ilusão por ele.

Continuando a sua explicação de Freud, veja-se os processos identificatórios.

Para Freud, a Identificação é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (*ibid.*, p.133). Pode-se com isto entender que ela se inicia na mais tenra idade. A identificação, na sua fase mais regredida, assemelha-se ao comportamento do canibal, que come a carne do outro esperando adquirir a sua força. No mito do Pai, isto ocorre quando da refeição totêmica, comem o pai, por serem canibais, almejando absolver as suas qualidades. Desta forma, na identificação, simbolicamente, há um esforço “para moldar o próprio Ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (*ibid.*, p.135).

Freud trabalhou a partir de (1914) na sua obra “O Narcisismo”, com formação da identidade que se organiza lentamente, desde a mais tenra idade. Inicialmente, não se pode falar em identidade sem se falar em identificação.

Agora, em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921), afirmará que a identificação que organiza uma nova instância no indivíduo, se distinguirá do “como se” da imitação para “um colocar no lugar de”. Desta forma, qualquer objeto pode ser colocado neste lugar. Nos movimentos de massa quem é escolhido para ocupar este espaço são os grandes líderes que com eles as pessoas se identificam justamente através deste processo de “colocar no lugar de”, ficando com ele parecido. O valor das identificações na massa é reconhecido por Freud, pois elas modulam comportamento, objetivo de toda religião.

O mais interessante nos processos identificatórios é o fato de que se pode identificar-se com uma figura mitológica, com alguém imediato ou não. As

identificações podem ser totais, parciais, ou com uma qualidade comum entre os membros de um grupo. "O laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum" (*ibid.*, p.136). Quando há identificação entre os membros de um grupo e estes com o seu líder, pode-se dizer que se estabelece uma empatia entre todos. Na religião as pessoas se nomeiam como irmãos e no exército como camaradas.

Sabe-se que as identificações são sempre marcadas pelos seus protótipos primitivos, mas a socialização exige que o sujeito se ajuste às normas sociais. As identificações se dão com o Ideal do Ego, que são os preceitos exigidos pelo social, vindo a ser ele uma instância moral organizadora do indivíduo."O Ego se desenvolve em instancias assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele". (*ibid* p.138), conforme dito acima.

Enriquez (1990), comentando o texto, afirma que,por ele pode-se perceber que o grupo neste momento é compreendido como sendo fruto de um ato de amor,enquanto que em "Totem e Tabu" era ele fruto da recusa do amor do chefe.Este ato de amor tem características específicas que podem ser entendidas como o surgimento da democracia entre os grupos, podendo também ser apresentado por um indivíduo encarnado ou por uma imagem transcendente e ser também fundado por uma ilusão.

Pode haver grupo sem chefe,desde que as idéias abstratas sejam amparadas por um grande líder."Grupos podem existir sem um chefe anterior (chefe real), com a condição de que possam inventar um objeto transcendente" (Enriquez 1990, p.75). Isto leva a pensar tratar-se de um caso de uma auto-castração.

É interessante notar que um novo paralelismo se estabelece diante disto tudo. A partir do momento em que se confirma que só há grupo quando há processos amorosos, graças à libidinização objetal e à identificação, pode-se dizer que, “do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo, a horda primevera pode, mais uma vez, surgir de qualquer reunião fortuita” (*ibid.*, p. 156). Disto conclui-se que, de um momento para outro, qualquer grupo pode ser transformado em uma horda, desde que tais processos se desfaçam e a agressividade ocupe o lugar vazio. Desta forma, pode-se afirmar: “a psicologia dos grupos é a mais antiga psicologia individual” (*ibid.* p.156). Por outro lado deduz-se também que foi justamente a onipotência narcísica do Pai da horda que, por forçar seus filhos à abstinência sexual, deflagrou a instauração de uma psicologia grupal. “Seu ciúmes e intolerância sexual tornaram-se, em última análise, as causas da psicologia de grupo.” (*ibid.*, p.157).

Freud tece agora idéias que serão mais ampliadas em “Futuro de uma Ilusão”, quando afirma que há um ardil nas religiões como no totemismo que se explica pelo fato de os homens serem sedentos de amparo. A partir da morte do pai, há uma remodelagem social. Do pai egoísta e insensato surge um pai totêmico que dá origem à família patriarcal, que, ilusoriamente, protege os filhos de maneira igual. No exército e nas igrejas, isto se repete na figura do líder. O ser humano, sedento de amor, desta ilusão ele se embebe.

As características coercitivas de um grupo podem ser explicadas por intermédio do jogo duplo que Enriquez (1990) comentou acima. Necessidade de ser dominado por um chefe e prazer dele em fazer este papel. O pai da horda nos grupos continua presente na forma do Ideal dos grupos primários (igreja e exército). “Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que

colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu Ego” (*ibid.*, p.147).

O objetivo de qualquer religião é ampliar o Ideal do Ego em detrimento do narcisismo latente. Enriquez (1990) nos fala da importância do complexo de Édipo como constituinte da nossa personalidade. Na família o pai será de agora em diante uma referencia para o filho, diferentemente do Pai da horda que recusa o amor. Na igreja o grande pai é Cristo. A identificação torna-se um aspecto fundamental tanto para a constituição psíquica do sujeito, quanto para a sustentação de vínculos. “Todo cristão ama Cristo como seu ideal e sente-se unido a todos os outros cristãos pelo vínculo de identificação” (*ibid.*, p.169). A religião cristã faz um convite constante para que a identificação seja dupla: total com a figura de Cristo e ampliada entre os irmãos de fé. Mostra ela, assim, ser mais ética que outros grupos, por ampliar os instintos amorosos a um maior número de pessoas. “Há de se acrescentar a identificação ali onde a escolha objetal já se realizou, e o amor objetal onde há identificação” (Freud, *ibid.*, p.170).

Droguett (2000), comentando sobre o fato da lei e do transcendente estarem sempre juntos a partir do crime, destaca ele a presença da subjetividade psíquica, e comenta a dificuldade que se tem ao estudar o fenômeno religioso, pois quanto a lei e quanto ao sobrenatural, nunca se sabe quem gerou quem. Do ponto de vista puramente conceitual é relativamente fácil destacar um conceito do outro, mas quando se passa para o campo da experiência ética e religiosa, as experiências são únicas e idênticas.

”Efetivamente, se analisarmos os movimentos fundadores da experiência religiosa, descobriremos neles um componente ético, e vice-verça. Enfim, toda lei faz referência a um Ser Supremo que a fundamenta e toda relação com esse Ser Supremo postula leis

que a regem. Esta bipolaridade de toda experiência ético-religiosa fica, do ponto de vista da psicologia profunda, conceitualmente explicada e implicada com a inclusão, no psiquismo, da instância superegoíca". (Droguett 2000 p.21)

Para Freud isto fica claro: ambos os fenômenos -ético e religioso- nascem simultaneamente de um mesmo fato, que possui um verdadeiro caráter funcional: o fato religioso.

Quanto aos comentários sobre a neurose obsessiva e a religião, veja-se às últimas conseqüências deste texto.

O conceito de pulsão é importante para que se entendam os processos religiosos, como sendo uma neurose coletiva. A força da libido (energia da pulsão) quer sempre se manifestar não importa como. A relação da neurose com religião é esclarecida quando se entende que, em uma neurose o indivíduo não consegue abdicar dos seus instintos sexuais infantis. Sendo assim apenas o faz manifestar de maneira travestida que não choque tanto o social, conservando para si um prazer, a despeito da forma de sua manifestação. Por sua vez, a religião baseia-se igualmente na supressão dos instintos. Na religião eles não são exclusivamente sexuais como no caso da neurose, "são instintos egoístas, socialmente perigosos, embora abriguem um componente sexual. Afinal, o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a ansiedade expectante sob a forma de temor de punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião que no da neurose" (Freud, 1907, p.129). As recaídas do indivíduo piedoso o obrigam a fazer penitências cheias de rituais, tão freqüentes como aquelas do neurótico. Ambos têm em comum, o fato de não terem consciência dos motivos que os levam a tais cerimoniais, por serem eles inconscientes, bem como o fato de usarem do cerimonial

como medida de proteção contra a ansiedade e o perigo que ela provoca. “O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo, apenas miseráveis pecadores; e as práticas devotas (tais como orações, invocações, etc.) com que tais indivíduos precedem cada ato cotidiano, especialmente os empreendimentos não habituais, parecem ter valor de medidas protetoras ou de defesa” (Freud, 1907, p.127).

A civilização “repousa sobre a renúncia instinto”, diz Freud. Para ele isto é trágico, pois, na civilização como na religião, o indivíduo será integrado a um grupo que lhe exige abandono das pulsões sexuais em prol das pulsões afetuosas (instintos inibidos em seu objeto), porém aquelas nunca são abandonadas. A psicanálise afirma como inteiramente certo que “essa corrente ainda se encontra lá, como forma e possibilidade, podendo sempre ser catexiada e novamente colocada em atividade por meio da regressão (Freud, 1921, p.173). Desta forma, num grupo excessivamente constrangedor, o indivíduo viverá tensão conflituosa entre o seu Ego e o Ideal de Ego grupal. Sentimentos de culpa surgirão abrindo a porta para a neurose, já que nem todos conseguem sublimar os instintos na mesma proporção. Uma guerra se instalará entre desejo de submissão e vontade de transgressão. As religiões sempre são exigentes quanto às condutas e modos de agir de seus membros. Exigências que se multiplicam uma vez instaladas, aumentando a culpa e a angústia dos seguidores.

Neste jogo de pensamento, mostra Freud uma das suas idéias fortes a respeito do que seja a religião: uma neurose coletiva. Mas, para que se entenda melhor este vínculo, neurose-religião, é preciso que, antes de tudo, compreenda-se uma especificidade do movimento neurótico. É próprio de todo movimento neurótico, estar fixado a um momento histórico-pessoal, no qual um trauma ocorreu. Por

trauma, entende-se ser toda experiência ocorrida tanto em nível corporal, quanto em nível de percepções sensoriais, especialmente de algo visto ou ouvido, isto é, experiências ou impressões. A neurose, independentemente do seu aspecto positivo ou negativo, tem fixações. Com uma única diferença; que no tipo positivo, há uma tentativa de se recordar a experiência traumatizante à qual se ficou presa. A experiência que, cronologicamente, situa-se no passado, agora, no presente, é revivida graças à característica própria da pulsão, que é sempre compulsiva. Por sua vez, a neurose negativa diz respeito ao seu oposto. Nada do trauma ocorrido deve ser lembrado, tanto que reações defensivas serão criadas para que o olvidado realmente assim permaneça. Daí, surgem as “evitações”, podendo mesmo ser ampliadas em inibições e fobias. Os tabus dos povos primitivos são evitações que correspondem às evitações tão comuns da vida do neurótico. Suas proibições não estão distantes das do homem atual, por conterem elementos psíquicos semelhantes em ambos, tais como: ambivalência, que se manifesta no querer praticar o ato e ao mesmo tempo não querer; deslocamentos, quando se faz um ato tentando mascarar outro de teor emocional contrário; e a presença de processos inconscientes, vindos dos desejos reprimidos do Id, que se manifestam independentemente do querer do Ego, por meio das evitações-sintomas que são por esta instância incompreensíveis para quem as possui.

Como se vê, apesar de os tabus serem regras sociais, têm eles com a vida psíquica dos neuróticos processos inconscientes comuns. A analogia entre fenômenos da psicologia das massas e psicologia individual fica mais uma vez estabelecida. Mas qual o lugar da religião com tudo o totemismo? O totemismo sendo a primeira forma sob a qual a religião se manifestou, dando origem também às primeiras leis sociais, provoca tanto em nível coletivo quanto individual alterações

significativas na vida dos primitivos, tanto quanto as leis religiosas provocam alterações em nível individual e social nas comunidades posteriores. Relíquias das eras primeveras se mantêm ainda hoje. A psicanálise nos mostra o quanto é preservado dos movimentos psíquicos das eras. Haja vista a Eucaristia, que nada mais é do que um recordar da refeição totêmica. A vida psíquica das crianças com fobias animais, que nada mais é do que o medo do Pai primevero, repercutindo no medo do pai biológico, tendo como pano de fundo o medo de ser comido e castrado por ele. As lendas, mitos também guardam recordações das eras. Fixações na antiga família e por outro lado retorno a ela são movimentos freqüentes. Este eterno retorno se materializa tanto nos rituais neuróticos individuais e coletivos (religião), como na forma da elaboração mental. A sobrevivência daquilo que um dia foi “esquecido” manifestando-se após longo espaço de esquecimento, é um postulado para a psicanálise, que consegue, desta forma, unir as duas pontas, a do passado ao presente, amarrando-as com suas explicações metapsíquicas. O pai totêmico é o substituto do pai patriarcal e do grande pai da religião cristã: Cristo. Esta transposição vem acompanhada por ambivalência e proibições. Nos tempos primeveros, em caso de transgressão, os indivíduos eram punidos com a morte, enquanto que, nas igrejas católicas, punidos são com o eterno fogo do inferno. “A vingança é minha diz o senhor” (Freud, 1907, p.130).

Mas o lado positivo da religião está no fato de que “o neurótico é obrigado a substituir por suas próprias formações de sintoma as grandes formações de grupo de que se acha excluído” (Freud, 1921, p.178). O indivíduo, até então, entregue à sua neurose particular asocial, se torna social, em prol de uma neurose coletiva que é a religião. Tornando-se social, sai do seu mundo fechado entrozando-se em um grupo maior. “Os vínculos que ligam as pessoas a seitas e comunidades místico-

religiosas ou filosófico-religiosas são expressões de cura distorcidas de todas os tipos de neurose” (*ibid.*, p.178). Esta vem a ser a diferença entre o religioso e o neurótico: caráter social em um, associal em outro, acrescentada a qualidade do instinto: naquele os instintos são egoístas, nestes são puramente sexuais.

2.5 Futuro de uma Ilusão (1927)

Veja-se o texto seguinte: “Futuro de uma Ilusão” (1927).

Este texto, além de conservar as idéias já lançadas em “Psicologia das Massas e Análise do Ego”, aprofundará o inventário que faz da psique humana, mostrando ser a religião uma ilusão, e que vale a pena substituí-la por processos mentais mais evoluídos, que ofertarão à humanidade respostas mais sensatas. O tema do texto está no antagonismo entre civilização e vida instintual, provocando sofrimento para o homem contemporâneo. No entanto, o maior valor do texto está não no fato de mostrar ser a religião uma ilusão, mas na gama de elementos que utiliza para sustentar esta idéia.

Iniciaremos com o conceito de ilusão por ele apresentado.”Ilusão não é a mesma coisa de erro; tampouco é necessariamente um erro” (Freud, 1927,p.43). Pode-se afirmar ser a religião uma crença ilusória, visto que as explicações que oferece são incompatíveis com o bom senso,sua fundamentação é débil, além de se sustentar na emoção, no desejo de ser amado e na necessidade de amor, não estando sujeita à verificação e à crítica. Enfim, a religião não se acha na posse da verdade. É interessante observar que, mesmo pessoas sensíveis à realidade, crêem na religião a despeito de ela não corroborar com nenhuma prova empírica. Palmer

(2001) comenta que Freud, ao declarar as idéias religiosas ilusões, confirma ser a origem das idéias religiosas psíquicas, “fundada na força dos desejos que contêm, desejos tão urgentes e intensos que são capazes de obliterar todas as outras considerações” (Palmer, 2001, p.53). Ao que parece, é próprio da psique humana ter desejos, ligados a três exigências básicas, as quais a religião, por sua vez, responde: amparo diante da natureza agressiva, amparo diante da natureza interna (instintos), amparo diante da fragilidade humana, que clama pela figura de um Pai. Está aí a força da crença religiosa; no fato de “derivarem dos desejos humanos” (Freud, 1927, p.44) Agora, pode-se entender, como apenas a força dada pela palavra dos profetas, que por si só não é comprovação de validade, tem tanto poder diante da realidade que a contradiz.

”Dir-nos emos que seria muito bom se existissem um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja”. (*ibid.*, p.46)

A natureza, que, por sua fúria, amedronta o ser humano, faz com que ele, na sua fragilidade, personifique-a, criando daí deuses com os quais podem-se permutar favores, obtendo de alguma forma controle sobre eles. Assim, sente-se o homem, mais seguro, por acreditar que tem com eles, algum tipo de intimidade que lhe permite estar a salvo da iniquidade. Filoramo (1999) comenta que o objeto peculiar da crítica analítica freudiana é a “decifração da trama de relações ocultas entre crença e desejo, trama cuja estratégia está escondida na urdidura das práticas religiosas (Filoramo, 1999, p.175). Esta é a contribuição realmente analítica para se entender a religião. A partir do momento que, para Freud, a raiz da religião não é racional, procura ele a ponta do novelo. É justamente aí que Freud acerta dando a

sua contribuição. Apesar da forte presença da razão, em uma época eminentemente iluminista, não é com ela que Freud pode contar para explicar o fenômeno da fé, mas justamente com o desejo humano, que tem maior força do que ela. A razão que deveria ajudar a explicar a natureza ilusória da religião fica esmaecida e impotente ante a religião que é “a satisfação dos desejos ancestrais, tão arraigados que justificariam sua força e persistência e também a sua capacidade de escapar às cobranças da ciência” (Filoramo, 1999, p.175).

Apesar de Freud ser um racionalista, respeita a força da ilusão, pois sabe o quanto é real a realidade psíquica com a qual trabalha como terapeuta. A realidade psíquica se sustenta na ilusão dos desejos individuais e coletivos. Daí que, Freud, diferentemente de Descarte (filósofo renascentista), que aconselha a desprezar a ilusão por se confundir com fraude, respeita a ilusão religiosa, por ser uma crença que se sustenta na ilusão de ser amado. A despeito disto, não a valoriza como fonte de felicidade. “Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação” (*ibid.*, p.44). Freud mostra a falácia da religião quando observa que, de a despeito da civilização sustentar-se nas doutrinas religiosas, como fonte de orientação e ameaça ao mesmo tempo, a religião apesar da sua existência desde eras, pouco tem feito pela moral e felicidade humana. O que ela promete, não cumpre.

O desejo de ser amado, que deflagrou o assassinato, continua no homem atual. Exército e igreja são duas instituições típicas que sustentam esta necessidade. Freud afirma de maneira contundente nesta obra que “o desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses” (Freud, 1927, p.29). Estes buscam recompensá-los pelos sofrimentos e privações, sendo este sentimento o sustentáculo básico das idéias religiosas. Enriquez (1990)

comenta que esta necessidade de amor se manifesta no desejo de amor pelo onipotente, pelo pai que cada um sente nostalgia, amor por um ideal criado para preencher a própria vida e dar sustentação existencial, amor pronto para fixar em qualquer figura substituta (mestre, educador, terapeuta). Enfim, sempre há um movimento que se repete desde as eras: colocar nossa vida nas mãos do outro. Tal como criancinhas carentes à espera de afeto do pai, o adulto se mantém na mesma posição quando entrega à sua vida ao mestre espiritual em que confia. Este é o grande drama da vida humana, precisa o homem sempre de alguém que o estruture e que o console.

A crença é ponto de partida para se chegar ao dogma. Observe-se a crença do mito de Adão e Eva e suas conseqüências na vida das mulheres. Partindo deste mito, boa parte dos teólogos e moralistas nele se apoiam, para confirmar a idéia de serem as mulheres as causadoras da danação. Desta forma, eram consideradas como infiéis, fúteis, inconstantes, tentadoras e presas fáceis do demônio. Um monge numa obra poética do século XII enumera uma série de vícios femininos:

Toda mulher se alegra ao pensar no pecado e ao praticá-lo.
Nenhuma é boa, se alguém assim acha.
Porque a mulher boa é coisa ruim
E quase nada de bom existe nela. (Macedo, 1992,p.44)

A sensualidade esteve no centro das reprovações. Daí, haver tanta repressão e tanto controle da sexualidade. Para os pensadores, por serem as mulheres fracas, dificilmente resistiam à tentação. Perto de uma mulher sempre haveria necessidade de haver um homem, para protegê-la das emboscadas do demônio. Era pelo sexo que os demônios com elas se envolviam, elas, por sua vez, infestadas do vírus demoníaco, passavam-no ao homem.

O perigo da crença religiosa está em não permitir que o indivíduo satisfaça as suas curiosidades sexuais, sendo assim inibe o intelecto impedindo-o de florescer conforme o esperado. Freud levanta a hipótese de terem as mulheres uma inteligência menor do que os homens, "por viverem sob o rigor de uma proibição precoce que as impede de voltarem seus pensamentos para o que mais lhes interessaria, isto é, os problemas da vida sexual" (Freud, 1927, p.62). De fato, continua seu raciocínio, justamente quando a mente desperta para os questionamentos de existência, lá está a religião a castrar o indivíduo naquilo que ele tem de mais caro: seu fortalecimento intelectual. Além de inibir o intelecto desta forma, inibe também a religião os impulsos sexuais do homem, tendo no casamento a única chance de realizá-lo, e, mesmo assim, tendo lá suas observações. Tal procedimento é questionável, pelo fato de o instinto sexual se dirigir mais para a satisfação agradável do que para a reprodução, o que torna quase impossível cumprir esta exigência, resultando daí o recalque e a neurose em grande escala. A sublimação sexual, sendo para poucos, torna o convívio social mais sofrido para aqueles que têm maior apetite sexual.

A crença tem suas vantagens, pois dispensa o pensar, para quem, intelectualmente, acomodado é. Aceita-se a idéia pronta, oferecida por alguém com o qual tem-se uma afeição. Nas crenças idealiza-se o objeto amoroso e com ele se torna parecido graças ao poder da identificação. Desta forma torna-se fácil a sua adesão.

Rosalato in Enriquez (1990) comenta que o "objeto amoroso é o que garante nossa normalidade, nossa bondade, nossas certezas. Ele é o portador do inacreditável ("a reconciliação dos homens", a sociedade sem classes") e é devido a isto que é possível acreditar nele" (Enriquez, 1991, p.87).

Apesar de reconhecer que a “religião, é claro desempenhou grandes serviços para a civilização humana, contribuiu muito para domar os instintos sociais” (Freud, 1927, p.50), Freud não a valoriza por considerá-la além de ser uma ilusão, ter ela “acompanhamentos mágicos de cerimônias e orações que reputou necessário rejeitar, porque achava que tudo era infantil e ilusório” comenta (Zilboorg, 1967, p. 43). Até um certo nível, pode-se dizer que o ser humano é grato à religião, por impor limites à sua agressividade inata que pode ser resumida nos três maiores desejos do ser humano que foram recalcados durante as eras: incesto, canibalismo, e sede de matar. Por causa deles, diante dos entraves impostos pela civilização e religião, há um paradoxo na vida cultural, pois a religião cria uma medida de sofrimento naqueles que busca proteger.

Pontalis in Enriquez (1991) faz um comentário interessante, mostrando o paralelismo entre a ilusão religiosa e processos do inconsciente. Em ambos o trajeto do desejo é igual. Há sempre objetos parciais onde se fixa, fantasia, construção delirante e processo de transferência. O que torna a religião desacreditada por Freud é justamente pelo fato de ela oferecer uma simbólica preestabelecida que é comum a todos e por todos aceita como garantia de verdade e de felicidade.

A insegurança da vida, fruto das nossas pulsões agressivas (assunto que desenvolverá no texto seguinte) faz com que o próprio homem, para bem viver em grupo, elabore leis que impeçam o homicídio e outros crimes. Desta forma, a desordem da horda não mais se repetirá. Freud mostra que esta explicação racional, a respeito da necessidade de organização, advinda dos embates sociais travados ao longo das eras, e da necessidade de defesa contra uma natureza ameaçadora, será transplantada para uma divindade.

”Comportando-nos dessa maneira, revestimos a proibição cultural de uma solenidade muito especial, mas, ao mesmo tempo, nos arriscamos a tornar sua observância dependente da graça de Deus. Se voltarmos a trás, ou seja, se não mais atribuímos a Deus o que é nossa própria vontade, e nos contentarmos em fornecer a razão social, então, é verdade, teremos renunciado à transfiguração da proibição cultural, mas também termos evitado seu risco”. (Freud, 1927, p.55)

Freud faz um convite a todos. No lugar da ilusão religiosa, aceitem, outro tipo de explicação para os fatos da vida. A ciência é, então, apresentada, como sendo a primazia do intelecto que se estabelecerá em um futuro não muito longe. Para aceitá-la, só indivíduos acostumados com o princípio da realidade não terão dificuldade. A “longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais”. (*ibid.*, p.68).

Freud defende o seu mito, mostrando que, a despeito da primazia do princípio da realidade, a realidade histórica da religião não precisa ser desacreditada. Realmente, o Pai primevero é a imagem da religião, modelo original a partir do qual o homem deu forma à figura de Deus. O Pai primevero realmente foi o agente impulsionador da virada histórica, não havendo, naquele momento, nenhuma presença de *insight* da necessidade social. O que houve foi o deslocamento da vontade de Deus para os homens, pois os homens sabiam realmente “que tinham se livrado do Pai pela violência, e, em sua reação a este ímpeto, resolveram respeitar doravante sua vontade” (*ibid.*, p.56). Há de se atentar que, embora a realidade histórica seja válida, ela não pode de modo algum validar a afirmação da religião de que existe um Deus. A psicanálise nada mais faz, do que abrir o livro onde se encontram todos os processos psíquicos que a religião utiliza, quando explica o mundo conforme o seu interesse.

Mais uma vez, faz uma analogia. Ao confirmar a religião como uma neurose coletiva universal, reconhece-a passageira, por vê-la como um processo de crescimento da humanidade como um todo, tal como aquele que ocorre nas crianças e, depois da fase da latência tende a desaparecer normalmente. Repressão histórica e repressão em nível de psicologia particular são conjugadas mais uma vez, mostrando a interferência de um tipo de psicologia sobre o outro. Se a psicanálise com sua teoria conseguiu esclarecer o valor das emoções que sustentam a ilusão religiosa, *tant pis* para a religião, brinca Freud. O fato é que, o feito da ciência sobre a crença religiosa é uma realidade que substituirá a base afetiva da obediência, por uma base racional. É preciso que o homem, ao longo do seu caminhar evolutivo, ultrapasse o quanto puder do processo primário para o secundário.

2.6 Mal estar na Civilização

A partir do momento que Freud, articulando os seus conceitos, reflete sobre o eterno retorno das modalidades psíquicas, que se repetem desde eras longínquas, coloca-nos ele em contato com um dos seus conceitos metapsicológicos mais importantes do texto “Mal Estar na Civilização” (1930), que é o da pulsão de morte.

A construção deste conceito não se deu de pronto. Inicialmente pensa ele na sexualidade como força única tendo como modalidade de intensidade a libido. Com o correr da sua observação clínica, descobre que há uma outra força também constante, mas desmembrada da pulsão sexual (de Vida), que é de natureza orgânica, inata que visa à destruição e a chamou de Pulsão de Morte. Ela, como a

pulsão de vida tem algo em comum, que é o fato de se repetir compulsivamente, pois é característico da pulsão o pulsar constante, a repetição.

Ter coragem de dar-lhe um lugar à parte da Pulsão de Vida, como força destruidora, algo que desfaz, desune, precisou de um longo caminhar na sua obra. Neste texto, chega ele ao momento máximo, quando confirma esta hipótese. Ela trará conseqüências tanto em nível particular, como em nível social.

Esta obra se situa na tragédia, por preconizar o fim da espécie devido a força destruidora da pulsão de morte. E, justamente por dar-lhe um lugar à parte, mostra a gravidade da sua presença no homem. É para “domá-la” que existe a religião, já que a sociedade, até o momento, mostra-se incapaz de fazê-lo. Daí ser uma das principais funções da religião, defender o homem de si mesmo. Cabe à religião, como diz Palmer (2001), transmutar os desejos libidinais e agressivos advindos do Id em consciência ética, valorizando aqueles que a possuem. Para Freud, esta transmutação é perigosa, visto que tudo que é construído em cima de recalque é perigoso, pois o recalcado sempre tende a voltar.

Enriquez (1990) nos lembra que o ponto de partida é o recalque. Por ele se construíram a moral, a religião, a exogamia, o complexo de Édipo. Partindo do crime do pai, que é o momento deflagrador da civilização, assistimos ao nascimento da civilização. Mas, se pensarmos bem, a civilização é contra o amor, pois exige regras para que se concretize o amor sexual. É o caso da exogamia, que recalca o primeiro grande amor.

Voltando à pulsão de Morte, observa-se que socialmente ela se manifesta por meio de fatos triviais. Toda violência dela faz parte, por isso, reconhecendo haver no homem um lobo escondido, a igreja insiste em amordaçar esta pulsão destrutiva inata em nós. Em todo grupo, há um jogo duplo entre pulsão de vida e de

morte que caminham juntas. Veja-se: ao mesmo tempo em que há a união entre os membros, favorecida pela pulsão de vida, que une, há também a de morte que se manifesta quando outro grupo é visto como o inimigo, brotando daí a agressividade contra ele. Este processo é presente também em todo grupo religioso, apesar de pregarem o contrário. A existência de um bode expiatório, tanto em nível familiar quanto em nível coletivo, é prova da sua presença. No entanto, nada marca mais sua presença quanto as guerras e revoluções.

Quando se fala em pulsão de morte, deve-se falar em Narcisismo comenta Enriquez (1990). O que mais atrai no narcísico é o desejo de anular a alteridade. Ser o centro das atenções, é o desejo máximo de todos aqueles que não conseguiram ainda sublimar parte das suas pulsões. Repetindo o desejo da onipotência infantil (estágio da pulsão), o narcísico renega a condição de ser mais um como os outros. A megalomania é a condição máxima do narcisismo; nele o desejo máximo de destruição do outro se apresenta. O herói narcísico diz: sou Deus.

A civilização estabelece o superego, para conter parte desta força destrutiva. A instalação do superego gera angústia. Na criança, quando da instalação do complexo de Édipo, da sua resolução, surge o temor de desobedecer ao pai daí; ser mais fácil a ele se identificar do que enfrentá-lo. De agora em diante, sua lei (superego) estará com ela presente. Na horda, o superego se organiza quando há a identificação dos filhos pelo pai, quando presentificam-no no totem. "Criou o superego pela identificação com o pai; deu a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato de agressão que haviam cometido contra ele, e criou as restrições destinadas a impedir uma repetição do ato" (Freud, 1930, p.156). Em nível familiar, o superego, se organiza em relação ao pai biológico, mas este, por sua vez, é recoberto pela sombra do Pai primevero. Antropologia se conjuga com atualidade,

pois persiste até hoje esta movimentação psíquica. Além do mais, esta instância psíquica, estende-se ao social que circunda o indivíduo. As leis sociais (Ideal do Ego) são também internalizadas reforçando, mais uma vez, o superego paterno. Assim, destacam-se no superego dois tipos de medo: medo do pai e do superego social que surge posteriormente. "A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo que faz isso, exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego" (*ibid.*, p.151). Mas, a despeito da renúncia, irá persistir o sentimento de culpa. Isto nos faz pensar em algo que funciona em nível circular. A renúncia não produzindo mais efeito libertador, planara ela como uma permanente ameaça interna, que impede a felicidade. Assim é que a pulsão de morte por sua compulsividade se manifesta. Por isso, a psicologia social não leva em consideração o indivíduo, quer ampliar o seu superego, enquanto a psicologia individual, buscando para si o prazer, tenta driblar o superego instalado.

Quanto ao superego religioso é ele tão severo, a ponto de exigir "amar a seu próximo como a ti mesmo". Tal exigência não leva em consideração as individualidades pulsionais. Nem todos sublimam igualmente. A civilização nada disto quer saber, apenas adverte que quanto maior é o sacrifício, maior é o mérito. Palmer observa o caráter compulsivo da figura do Deus Pai. Para ele, a imagem do Pai é a realização de um desejo, e a

"realização de um desejo traz satisfação; mas a potência peculiar da satisfação obtida pela crença religiosa consiste no fato de que ela alimenta os desejos e fantasias da mente infantil derivados de seus instintos libidinais e agressivos recalcados em relação ao pai". (Palmer, 2001, p.58)

É fato sabido que ao complexo de Édipo familiar é acrescentado o complexo de Édipo histórico, daí duplicar as neurose infantil, juntamente com a ambivalência que lhe segue.

Freud, ao falar da instalação do superego no homem, irá explicar a sua implantação partindo do pressuposto de que habita em nós uma agressividade inata, que quer atuar no mundo. A civilização tem de contê-la para que não floresça. Daí para que torne o desejo de agressão inofensivo, algo acontece, como num jogo pendular. "Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada da volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio Ego" (Freud, 1930, p.146). Entre o superego e o ego, a tensão entre ambos é denominada de sentimento de culpa. Ela se expressa por sua vez na necessidade de punição, tão bem utilizada pelas religiões, visando a render o indivíduo às suas orientações. O medo do pai, vindo das eras e do pai biológico nos adultos "permanece, vigilante, sustentado pelo medo do poder superior do Destino" (Freud, p.90). O destino corresponde a um substituto do agente parental; tal como para o homem primitivo, o seu totem correspondia ao pai. Diante de um infortúnio, dava-lhe uma surra, pela imprecação. E os humanos, o que fazem diante da força do destino impiedoso? Castigos e penitências e elevação do nível da consciência ocorrerão. Os profetas, do antigo testamento, pedem mais sacrifícios e criam mais leis.

O superego cultural que mais marca a civilização é do herói morto. Ele nasce dos heróis ultrajados como Cristo e Moisés. Eles estabelecem exigências as quais coincidem com as sociais, que são denominadas de Ética.

O emparelhamento da pulsão de vida com a de morte pode ser explicado tal como num jogo de esconde-esconde. A pulsão de morte se insinua sutilmente na de vida e só podemos conhecê-la nas suas manifestações. Quando o homem,

utilizando dos processos intelectuais domina, a natureza, esta mesma conquista poderá ser usada para a sua auto-destruição. Como se vê, Eros que ajudou na dominação da natureza, pode ser traído por Tanatos.

Freud, ao falar das similitudes que estabelece no seu pensamento teórico, explica este procedimento pelo fato de que "tanto o processo da civilização humana quanto o do desenvolvimento do indivíduo são também processos vitais - o que equivale a dizer que devem partilhar a mesma característica mais geral da vida" (Freud p.164). Daí, falar-se em superego racial e individual. Aquele proveniente da mente coletiva, graças a presença do inconsciente. O sentimento de culpa, produzido pela civilização, aparece sob a forma de um "mal estar na civilização", uma insatisfação para a qual os indivíduos buscam outras motivações. As religiões buscam em vão eliminar este sentimento de culpa. "Elas alegam redimir a humanidade desse sentimento de culpa, a que chamamos de pecado" (*ibid.*, p.160). O cristianismo oferece Cristo como aquele que redimiu os pecados. Agora, por que não se satisfaz, o cristão, com o seu perdão? Por que não se sente liberto, então? O ego devido a sua parte sádica, tem também a sua parte masoquista que insiste em não se calar. Daí a culpa ser para sempre e impagável

Freud irá falar do sentimento oceânico, advindo de uma fase primitiva do sentimento do Ego e se questiona quanto a colocá-lo como uma das origens da religião. No entanto, conclui: nada melhor que a explicação dos primórdios da religião no desamparo infantil, pois não há "uma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai." (*ibid.*, p.90). Quanto ao sentimento oceânico, crê ele na vinculação deste sentimento à religião posteriormente. "A unidade com o universo, que constitui seu conteúdo ideacional, soa como uma primeira tentativa de

consolação religiosa, como se configurasse uma outra maneira de rejeitar o perigo que o ego reconhece a ameaçá-lo a partir do mundo externo (*ibid.*, p.90).

A pulsão de morte no Ego, corresponde à resistência à cura, ao desejo de sofrimento e compulsão à repetição que se manifesta de várias formas, sendo uma delas o sintoma neurótico. Enfim, encontramos na pulsão de morte características como: tendência à homogeneização, massificação do indivíduo, repetição à destruição. Em nível social, está ela presente em qualquer elemento desagregador como as guerras. Até quando ela terá força? Freud acha que ela vencerá no final, apesar de a pulsão de Vida tudo fazer para ser a conquistadora.

Acompanhando Freud em suas obras, chega-se ao último de seus textos sociais, que é "Moisés e o Monoteísmo" (1939).

2.7 Moisés e o Monoteísmo (1939)

Parte deste texto, Freud faz um retorno ao texto de 1921. (Psicologia das Massas) O desejo da massa de ter um grande líder que a conduza e o desejo por parte do grande líder de ser condutor está presente em ambos. O líder, no caso, Moisés, tende a influenciar o seu povo pela sedução, pois estabelece um vínculo erótico com eles, construindo a arca da aliança. Proteção e obediência selarão este acordo. Moisés de uma certa forma revive o Pai primevero de maneira invertida. Aquele foi escolhido pelo filho, este (Moisés) é quem escolhe os filhos, no caso, o povo de Israel. Uma lei será criada e o povo de Israel será conhecido como o povo do livro. "Moisés, egípcio, dá a uma parte do povo (...) a idéia de uma divindade única a abranger o mundo inteiro" (Freud, 1939, p.67). Este Moisés que escolhe um povo escravo para ser seu libertador, terá que morrer. Ingratidão deste povo?

Não se trata disto. Pode-se explicar este fato na revivescência de um passado. Moisés tal como Cristo devem ser mortos, continuando o destino do Pai primevero. Todo grande líder de um povo deverá morrer, para que suas idéias após um período de latência, voltem renascidas e comecem a atuar no social. Quando Mezan (1998) afirma que o pai morto traz transformações estruturais definitivas em nível de psique, ficando ele mais atuante de quando vivo, devemos nos ater a respeito da idéia de "Pai Simbólico". Moisés, mesmo sendo o contrário do pai primevero, deve ser morto, pois ele é a sua encarnação e como tal deve morrer, para que o povo viva. Este é o destino dos grandes líderes. A morte os faz mais atuantes do que em vida. A sua ausência o faz mais presente. "Chegou um tempo em que o povo começou a lamentar o assassinato de Moises" (*ibid.*, p.65).

A idéia de Pai simbólico nos leva a Cohen (1978), que em seus estudos sobre símbolos nos mostra o quanto eles são não só representações de um passado histórico mas também de poder.

Cohen, nos fala que a antropologia social considera a importância de duas variáveis na construção de um novo saber social: a ação simbólica e as relações de poder. Há de se considerar que as instituições sociais não podem ser explicadas somente por meio dos fatos passados ou de sua origem. Economia, política, parentesco e ritual fazem parte do conhecimento de um povo. No entanto política e economia podem ser reduzidas a uma só variável que é o poder enquanto que parentesco e ritual podem ser reduzidos ao símbolo.

O interesse da antropologia social no estudo dos símbolos, concentra-se na análise de sua participação nas relações de poder. Cohen (1978, P.39) afirma que "os símbolos são objetos, atos, conceitos, ou formas lingüísticas que acumulam

ambiguamente vários significados diferentes e que simultaneamente evocam emoções e sentimentos, impelindo os homens a ação.”

Moisés é um símbolo de poder, pois salva o seu povo eleito da escravidão do Egito e ao mesmo tempo é um representante da castração. “Moisés deu aos judeus não apenas uma nova religião, como também o mandamento da circuncisão” (Freud, 1939, p.42), sinal que os mantinha separados do povo estrangeiro e semelhante ao povo opressor. Enriquez (1991) comenta ser o pai simbólico uma necessidade de crescimento e cabe ao filho dele livrar-se simbolicamente, para, então, adquirir autonomia.

Freud ao fazer a analogia entre, latência e fenômenos religiosos, chega a conclusões interessantes. Quando se fala em latência, deve-se ater a um período cronológico que se instala após o declínio da sexualidade infantil, por volta dos 5, 6 anos em média. Este período de pausa, na evolução da sexualidade, tem uma peculiaridade específica. Marca uma dessexualização quanto aos objetos. A intelectualidade é aumentada e sentimentos tais como: pudor e nojo, vergonha começam a serem implantados. Freud, fazendo uma analogia com os fenômenos religiosos, utilizando da idéia da evolução extraída de Darwin, deduz, com a ajuda da antropologia, ter a raça humana uma história, que por um longo tempo, fica como que submersa no “esquecimento”, vindo, após deste longo repouso, aparecer à luz do dia, mas de maneira diferente daquela que fora um dia. Tal como a criança que na fase da latência deixa adormecer antigas organizações sexuais, na história da civilização há também um período de adormecimento-latência que é seguido de outro revival. O mito do Pai primevero conserva-se ainda nos dias atuais, após ter sido esquecido, é ele reatualizado. A lembrança do fato apagou-se, mas continua o sentimento do fato em si, pelo sentimento difuso de culpa. No entanto, partes

travestidas são bastante preservadas deste mito, sendo a Eucaristia uma delas. O fiel vivencia Deus, em corpo e sangue, tal como o primata canibal o fez há milênios. Relíquias são preservadas também através do tempo, por contos de fadas, lendas populares e na relação do filho com o pai, revivida nos deslocamentos das fobias animais. A maneira alógica, através do “acredito porque é absurdo” dos dogmas religiosos é outra prova da revivescência da história pregressa. Daí, tem-se de reconhecer a presença de verdade histórica nos dogmas da religião. A morte do Pai, por ter sido um acontecimento real e matizado de fortes sentimentos de culpa e arrependimento, condições estas indispensáveis para a sua perpetuação no tempo, entrou para a herança arcaica. “No caso o assassinato de Moisés constituiu uma repetição desse tipo e, posteriormente, o suposto assassinato judicial de Cristo, de maneira que esses acontecimentos vêm para o primeiro plano como causas” (*ibid.*, p.122). Este estado de coisas uma vez reprimido, depois de longo tempo, volta a ser atuante. “Ele deve ter experimentado a sorte de ser reprimido, o estado de demorar-se no inconsciente, antes de ser capaz de apresentar efeitos tão poderosos quando do seu retorno” (*ibid.*, p.123). O período de latência fica aqui bem evidenciado na fala de Freud. Este período, tal como águas tranqüilas de um lago sereno, esconde em si revoluções transformadoras, que um dia quebrarão a aparente normalidade. O valor da tradição, como agente transmissor de idéias, tem peso para ele, mas a tradição da qual fala ele, é a tradição herdada e não aquela transmitida pela comunicação. No findar da latência, volta a tradição herdada do seu sono, gloriosa e resplandecente, pronta a recordar o “esquecido.”

A latência pode também explicar o porquê de a religião ter se desenvolvido monoteisticamente. Palmer (2001) nos lembra que Moisés era monoteísta, crença herdada do rei Akenaton no século XIV a.C. Após ser morto pelos seus filhos

adotivos, há um período de “esquecimento” das suas orientações, voltando a adoração dos bezerros de ouro. Quando um século mais tarde aparece um segundo Moisés, genro do medianita Jetro, esse líder foi fundido ao seu predecessor e recebeu o mesmo nome daquele. Graças a este segundo Moisés que o monoteísmo original transformou-se no culto do deus vulcânico lahweh, sendo aos poucos substituído, com a ajuda dos profetas, pelo monoteísmo original do primeiro Moisés, vindo junto todo o sentimento de culpa “adormecido” nas eras. O trauma original do Pai primevero volta agora depois de um período de latência, repetido na lembrança da morte de Moisés e com ele “a idéia monoteísta voltou como um bumerangue à terra de origem” (Palmer,2001, p.63). Houve, assim, um vínculo entre o assassinato primitivo recalcado e o surgimento do monoteísmo. Posteriormente a culpa vai contribuir para o desejo do Messias. “Cristo se torna um Moisés ressuscitado, o filho cujo sacrifício redime o conjunto de irmãos do pecado primitivo original” (Palmer, 2001, p.66).

A importância do retorno do realçado, tal como acontece nas neuroses, na vida dos cristãos trouxe sérias conseqüências. De acordo com a pré-história da humanidade, um crime realmente ocorreu e sua emoção reverbera até hoje. Este crime só é recordado na fantasia de sua expiação e, “por esta razão, essa fantasia podia ser saudada como uma mensagem de redenção (*evangelium*). Um filho de Deus se permitiria ser morto sem culpa, tomando sobre si próprio a culpa de todos os homens. Tinha que ser um filho, visto que fora o assassinato de um pai” (*ibid.*, p.106). Esta impressão de um sentimento já vivido vem através dos milênios. A explicação para este reflorescer está nas disposições inatas, idéias que já foram apresentadas nas obras anteriores. Segundo ela, não só herdamos tendências específicas quanto ao agir diante estímulos, como também traços de memória de

gerações anteriores” Dessa maneira, tanto a extensão, quanto a importância da herança arcaica seriam significativamente ampliadas” (*ibid.*, p.120). Enriquez comenta que toda mudança social forte, que provoca recalque de certos hábitos e maneira de se pensar, é inicialmente considerada incongruente, mas após um período de esquecimento, volta a atuar, quando ocorre um vazio na história devido a fatores diversos. Então, surge como o guardião da novidade. Esta sua observação coincide com o retorno do recalco freudiano, período posterior à latência. O que se deduz disto tudo é que todo movimento transgressor que inaugura uma nova era vai despertar fantasias inconscientes, individuais e coletivas que orientarão condutas futuras. Mesmo caladas, elas continuarão a impregnar a mente dos indivíduos. Como se vê, tem a fantasia, tal como a realidade, peso, nas conseqüências da ação humana. Daí se deduzir que todo mito não passa de uma interpretação da realidade. A religiosidade em um mito, deve-se à impregnação de um mundo transfigurado; há uma reiteração e não uma comemoração. O sagrado em um mito está no fato de que ele é a vontade do Pai das eras. ”Daí provém a força de seu tom emocional e a impossibilidade de descobrir uma base intelectual (...). Aquilo que era sagrado originalmente nada mais era do que o prolongamento da vontade do Pai primevero” (p.144).

Na história do cristianismo, o retorno do recalco é visto quando um crescente sentimento de culpa apodera-se, cada vez mais, do povo judeu. Este sentimento será canalizado na figura de Cristo, um judeu, que assume para si esta culpa, desligando-se de agora em diante do judaísmo, dando nascimento ao Cristianismo. Foi Paulo, um dos seus apóstolos, quem nomeou este sentimento de culpa de “pecado original” e o explicou como sendo um pecado contra Deus, sendo pago somente com a morte do seu filho Cristo. “Na verdade, esse crime merecedor

de morte fora o assassinato do pai primevero posteriormente deificado” (*ibid.*, p,106). Na mente religiosa do apóstolo, a verdade do passado se expressa quando nomeia e explica este sentimento de culpa pela desobediência e apresenta o herói da façanha na figura de Cristo.

Quanto à religião judaica, passou ela, também, por um período de latência. Moisés escolhe o povo judeu para ser seu mentor espiritual e moral. Após sua morte um período de latência ocorre. As idéias de Moisés adormecem, sua fala permanece obscurecida, esmaecida nos poucos sacerdotes fiéis que restaram, mediante antigos registros. ”Houve (...) um longo período durante o qual não se detectou sinal algum da idéia monoteísta, do desprezo pelo cerimonial, ou da grande ênfase dada à ética (*ibid.*, p.86). Os antigos filhos eleitos por ele, na terra de Canaã, voltam aos antigos hábitos religiosos, que tanto Moisés detestava, como o de adorar imagens. A religião de Javé, pouco diferia da adoração de outros deuses locais.

”O povo judeu abandonou a religião de Aten que lhes foi dada por Moisés e voltou para a adoração de outro deus que pouco diferia de Baalim (...) dos povos locais. Mas a religião mosaica não se desvaneceu sem deixar traço: “algum tipo de lembrança dela manteve-se viva: uma tradição possivelmente obscurecida” (*ibid.*, p.88). Posteriormente, volta a religião de Moisés a declarar que o deus Javé, que se estabelecera neste período de latência, não é o Deus de Moisés. Redesperta a vida para a religião de Moisés que de abandonada volta triunfante. Freud compara o período de latência com um negativo, que pode ser revelado após um intervalo de tempo, sendo, então, transformado em retrato. Pode-se questionar: como um fato que foi olvidado exerce poderosa influência na vida dos povos? Freud procura outra analogia em campos diferentes. Na Grécia, século IX ou VIII, houve um período de reflorescimento cultural que se materializa nas obras do Homero e de outros grandes

dramaturgos. A pergunta a se fazer, quando se possui o conhecimento psicológico que se tem atualmente seria: Onde adquiriram eles tamanho material legendário? A resposta está no fato de este povo “experimentara em sua pré-história um período de brilhantismo externo e eflorescência cultural perecido em uma catástrofe histórica, do qual uma obscura tradição sobreviveria nessas lendas”(ibid., p.88). As pesquisas atuais confirmam que o período da civilização minóico-micêniana, que chegou ao fim da Grécia continental, antes de 1250 a.C., é o período desta pré-história. Neste entretempo, um período de repouso ocorreu, estourando após nas grandes obras gregas. Para o artista, as falhas da memória são preenchidas pela imaginação, e, desta forma, podemos entender como é importante a tradição para a imaginação. Quanto à religião, o contrário ocorreu, foi o estímulo da tradição que favoreceu a fidelidade de reprodução. A tradição favorece a passagem da psicologia de grupo para a psicologia individual mais uma vez. O particular, por sua vez, reflete-se no coletivo, gerando sentimentos universais.

O particular, ampliando-se para um grande todo, pode ser visto quando no mito científico, Freud dele destaca a presença do herói místico. Após a morte do pai, os heróis vitoriosos, responsáveis pela morte do pai primevero, foram substituídos por um só herói, que agora, estando só, torna-se o representante do Ideal da comunidade. Desta forma, o indivíduo se desembaraça do grupo e torna-se indivíduo. Na religião judaica temos Moisés, e, na Cristã, tem-se Cristo, que é o herói dos cristãos. Moisés foi "o Pai", Cristo foi o filho que se torna Pai. Eles são os ideais da comunidade, cujas idéias marcaram época. Mas, anterior a estas duas grandes religiões, o primeiro representante do ideal do grupo é o mito do herói, segundo Freud.

Este herói que pela imaginação libertou-se do grupo, conta aos outros membros, que se identificam com ele e ao mesmo tempo colaboram para a sua deificação. Este indivíduo assume o papel do pai. Quem conseguiu isso, foi o primeiro poeta épico e o progresso foi obtido pela sua imaginação. “Esse poeta disfarçou a verdade com mentiras consoante o seu anseio: inventou o mito heróico.” (Freud,1921,p.171). Desta forma, o pai primevero nunca foi esquecido, bem como o fato de que o herói tomou para si uma façanha que só com a ajuda dos irmãos poderia ser realizada. Cristo é este herói que toma para si esta façanha, daí morrer para realizá-la. “Cristo é o herdeiro de uma fantasia de desejo que permaneceu irrealizada; se houve, então ele foi seu sucessor e sua reencarnação” (Freud,1939, p.107). Cristo realiza o que todos os irmãos gostariam de ter feito: tomar o lugar do pai. Quando Paulo apresenta Cristo como aquele que lava os pecados do mundo, libera os judeus de serem os únicos eleitos pelo Pai. De agora em diante, todos são eleitos por ele, pois o crime pago redime todos igualmente por este grande ato de amor e coragem. Desta forma, o cristianismo recorda o crime primordial, a ponto de pagá-lo, enquanto o judaísmo, negando-o, usa de *acting-out*, na figura de Moisés. A morte de Moisés, pelo seu povo, retrata este *acting-out* e sua dificuldade em rememorá-la. “O destino trouxera o grande feito e o malfeito dos dias primeveros, a morte do pai, para mais perto do povo judeu, fazendo-o repetir na pessoa de Moisés, uma destacada figura paterna. Tratou-se de um caso de atuação ao invés de recordação’ (*ibid.*, p.109). Nada garante que foi justamente esta dificuldade do povo judeu em rememorá-la que redesperta na figura de Cristo esta fantasia de desejo de redimir o seu povo.”É plausível conjecturar que o remorso pelo assassinato de Moisés forneceu o estímulo para a fantasia de desejo do Messias, que deveria conduzir seu povo à redenção e ao prometido domínio mundial (*ibid* p.110). Os judeus, pagam

caro o fato de terem matado o Deus dos cristãos, mas o que deveria ser lido nas entrelinhas desta acusação seria: "Vocês não admitem que mataram Deus (...) Fizemos a mesma coisa, é verdade, mas o admitimos, e, desde então, fomos absolvidos" (*ibid.*, p.110).

CAPÍTULO III

3.1 Importância do Mito

O mito tem importância em toda a cultura, inclusive na nossa que é secularizada. Por sociedade secularizada se entende ser aquela na qual processos empíricos são mais valorizados. Nas sociedades primitivas, o mito tudo explica, inclusive a cosmovisão. Já nas sociedades contemporâneas, busca-se esta explicação na história e na ciência. No entanto, a despeito das variações históricas, tem o mito, ainda hoje, força de verdade. É ele ainda presente de forma ora discreta, ora não em nossas consciências. Poder-se-ia aqui invocar Durkheim a respeito da “consciência coletiva.” Tal como na consciência coletiva, se é governado por algo superior a nós. O Mito nos abarca e, de uma certa forma, deixa-nos alienados; aí está a sua força e não podemos negar. Examinar-se-a, agora, mais de perto a importância do mito, vista por outros autores.

Malinowski (1988,p.101) não considera ser o mito uma mera crônica, pois isto, iria reduzir o seu valor. Ele é sagrado por ser fala dos deuses, e associado a esta característica, é ele um colaborador para o “patrimônio cultural nas sociedades

primitivas”.Vê o autor, no mito, um conto sagrado, um verdadeiro registro histórico do passado. Há romances que contam histórias de grandes amores, mas os mitos, embora sejam narrativas, não são ficção, não sendo apenas uma história contada, mas uma realidade. A respeito deste fato entende-se que o mito representa para o selvagem o mesmo que para um cristão plenamente crente. Assim como o cristão acredita na história bíblica da criação, da queda, da redenção pelo sacrifício de Cristo na cruz, o selvagem acredita no seu mito. Ele é quem lhe dá sustentação e força tal como a história bíblica dá ao cristão. “Assim como a nossa história sagrada vive no nosso ritual, na nossa moralidade, assim como orienta a nossa fé e controla a nossa conduta, o mesmo se passa com o mito para o selvagem” (Malinoswki, 1988,p.103).

Estudar os mitos eliminando o “poder da fé” e vendo-os apenas como simples representantes do conhecimento das origens é alijar o que há neles de mais essencial.

O mito das almas gêmeas que se complementam, de duas partes perdidas que se buscam, embora inverossímil, tem ele “boa fé”, pois, como todo mito, visa a explicar o porquê da forte atração entre dois indivíduos, atração esta desconcertante para eles mesmos. Esta idéia abstrata é explicada por meio de algo concreto, ou seja, da divisão em dois corpos que, desde então, buscam - se para se completarem.

Mas não só de explicação vive o mito, é ele, antes de tudo, um “ato de fé”. Para quem nele acredita, tanto o homem primitivo quanto o moderno, nada é vago no mito, tudo tem existência real, portanto, verdadeira.

Não se precisa explicar a morte e/ou o amor para ninguém, eles apenas existem. Para os nativos, os mitos governam as suas leis e moral. Reforçando a idéia

do sagrado no mito, temos (Eliade, 1972, p.11) a nos dizer: “o mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio (...). É sempre, portanto, a narrativa de uma criação.”

O homem primitivo reatualiza os mitos, ou seja, repete o que os deuses fizeram em escala cênica, já o homem atual, festeja os acontecimentos. Para Eliade (*ibid*, p.11) “o mito fala apenas do que *realmente* aconteceu, do que se manifestou plenamente. Os personagens do mito são entes sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos primórdios”

O mito, ao dar explicações para acontecimentos que dizem respeito às vidas humanas, constrói um mundo com significado para que nele melhor possamos nos orientar.

Berger (1985, p. 24), ao afirmar que a sociedade é experimentada como “um lá fora” estranho à consciência subjetiva e não controlável por esta, “mostra como a sociedade é marcada pela objetividade fundamental que se impõe ao indivíduo, independente do seu querer, como força real”.

O mundo construído pelo homem se esforça para ser considerado óbvio, e esta objetividade ajuda no processo de interiorização feito por ele mesmo.

Enriquez (1990), ao falar sobre mito, afirma que todo mito trans- histórico está de qualquer forma vinculado ao real. Ele está sempre anunciando um tempo de paz e de certezas, o que acalenta e acalma o homem. Neste ponto, Moisés preenche estes requisitos, pois, além do compromisso com o seu povo de encaminhá-los à uma terra acolhedora, ele os eleva acima dos demais povos. O judeu, povo escravo, passa a se um povo completo, inatacável, pois tem uma ética que os

outros povos não têm, oferecida pelo seu mito, e, além disso, vivenciam um narcisismo social sem igual, por serem um povo escolhido entre os demais.

Berger (1985), criador do conceito de “nomos” como uma ordem significativa que é apropriada pelo indivíduo, vê no mito um patrimônio cultural, repleto de nomos, tendo força de orientador de comportamento e doador de crenças.

Para Freud os mitos são de suma importância, pois acredita, tal como Malinowski que, embora sejam uma ficção criada para esclarecer a origem do mundo, dos fatos, não deixam, entretanto, de ser reais e atuantes no nosso dia-a-dia. Além de narrarem a origem de tudo, como também de todos os acontecimentos primordiais, em que os homens se converteram em quem são hoje, continuam eles atuantes. Haja vista o mito de Édipo Rei de Sófocles. O complexo de Édipo repete-se em cada indivíduo, não havendo uma invariância entre a tragédia do rei Édipo e a tragédia pessoal de cada um de nós, ou seja, a castração simbólica.

Heck (1999) comenta ser o húmus da psicanálise o inconsciente, sendo nele o lugar que podemos encontrar a explicação do acervo cultural. Desta forma, haverá, uma inversão da ordem usualmente aceita ditada pelo deus logo, já que “ a criança torna-se o ancestral do adulto, o Eu troca de papel em sua casa e o desejo é o pai do pensamento” (Heck, 1999, p.18). Freud sempre se preocupou com a origem dos homens e se utiliza da mitologia para dar conta das explicações que se fazem necessárias. Não é com o logos que irá trabalhar, embora seja um racionalista; é com a força dos mitos que procura diagnosticar não só o indivíduo como também a humanidade. Quando cria a sua teoria das pulsões, afirma ser ela sua mitologia, e nela inverte toda a ordem estabelecida pela razão. Heck (1999) comenta que a metapsicologia tem estirpe epistemológica e repõe radicalmente a questão do conhecimento: “o Id é destituído, o Ego é carente e o superego é deficitário dele. O

tesouro dos filhos do homem não está escondido sob o fato da razão, nos confins da ética, mas sim continua guardado a sete chaves pela esfinge imemorial nos desertos da vida” (Heck 1999 p.19). A conhecida fórmula “do mito para o logos” ,que pertence a Aristóteles, mostra a troca do lugar da ordem esperada. Freud, com sua teoria das pulsões, mostra que anterior ao começo que determina tudo o que segue, há o que a “filosofia tematiza o Nada, o crente presente a existência de Deus, e Freud fala do Id” (Heck1999, p.22). Neste lugar, onde a consciência não encontra o que explicar, é aí que se encontra o berço do logos, que são os mitos, e Freud constrói a sua ficção que é o seu mito das pulsões.

Relendo Freud, Garcia (1996) comenta “tratar-se a pulsão de uma ficção que Freud criou para explicar a realidade e não para descrevê-la pelo próprio caráter da pulsão, já que não se trata de fatos” (Garcia, 1996, p.80). As pulsões sendo forças internas que movem o homem de maneira constante para atingir um alvo, que é a busca da felicidade, não seguem a lei da realidade, mas a do prazer, uma constante ameaça para o princípio da realidade. Freud vai tecendo a idéia de que é no passado da sua mitologia particular que o homem sai do caos e começa a nomear o mundo. O mito tem o seu lugar no passado e é por ele que podemos entender as coisas e nomeá-las. Quando se nomeiam as coisas, deixa-se o caos, e encontra-se, dentro do aparato psíquico, lugar das pulsões, lugar da fala. Há o início da ordem do nomos, conforme nomeia Berger.

Mas, não são só os mitos que fornecem nomos reguladores e organizadores das atividades humanas, a religião também exerce este papel de doadora de nomos, pois regula tanto quanto os mitos, por também estar associada à idéia de divino. Isto lhe fornece um lugar à parte, junto aos humanos que, por sua

vez, consideram-se pobres criaturas, completamente dependentes da boa vontade do altíssimo.

A experiência primordial está nas fronteiras da natureza e da cultura, demarcando a constituição do sujeito, da sociedade e da história. Para Freud a teoria da horda primevera, fundada por Darwin e modificada por Atkinson, corresponde à forma primordial dos agrupamentos humanos; daí a importância deste mito criado por ele.

Apesar de Freud descortinar todos os movimentos psíquicos que ocorrem na religião, reduzindo-a à ilusão e a um processo de regressão infantil, pode-se perguntar se era ele realmente avesso à religião.

3.2 Freud em relação à religião

De um modo geral, era Freud uma personalidade bastante controvertida em sua época. Haja vista as suas afirmações sobre a sexualidade infantil que muito enfureceram estudiosos da época. As teses de Freud contra a religião, só aumentaram as críticas contra ele. O comentário feito por ele que acirrou a animosidade em relação à sua pessoa foi o fato de afirmar ser a religião uma neurose obsessiva coletiva, tal como uma neurose obsessiva individual, com apenas uma diferença de que naquela há o aspecto social, enquanto que nesta é o aspecto associal que a caracteriza. Este foi o momento crucial para aqueles que se mostravam reticentes aos seus trabalhos, quer por timidez, quer por precaução manifestarem-se agora, arduamente contra suas conclusões.

O que mais irrita Freud a respeito da religião é o fato de que pela transposição de um Pai, que ama a todos igualmente, para o metafísico, não conta a religião toda a verdade. As leis que ela prega como suas, nada mais são do que o resultado da convivência entre os homens, desde épocas remotas. Além disso, nem tudo o que promete ela cumpre. Desta forma, mantém o indivíduo enganado e regredido, tal como a criança carente e confiante ante o pai. Desta forma, o pai biológico castra, mas não mente e nada promete, enquanto o Pai da religião castra mentindo, pois promete uma vida melhor, no além, para aqueles que obedecem a ele.

A respeito da religião judaica, valoriza-a quando fala da sua importância na colaboração do crescimento da intelectualidade. Uma vez que ela oferece um pai sem rosto, pois uma das suas grandes proibições é a “não” construção de imagens, eleva a intelectualidade do povo, pois a desmaterialização da figura de Deus obriga o crente a desvincular-se das sensações imediatistas. Este fato faz com que as pessoas percebam que mais importante do que a visão são as forças intelectuais, isto é aquelas que não podem ser apreendidas pelos sentidos. São elas as fundamentais para desenvolvimento da humanidade. A origem da palavra intelectualidade (*geistigkeit*) está ligada ao conceito de *animus, spiritus*. Isto, por sua vez conduz a ligação deste conceito com a descoberta da mente como o princípio intelectual (*geistigkeit*) nos indivíduos. Esta alma que descobrem em cada indivíduo é ampliada à natureza.”Esse desenvolvimento característico da natureza judaica foi introduzido pela proibição mosaica contra adorar Deus numa forma visível” (*ibid* p. 138). Todo desenvolvimento intelectual que ajuda o homem a se postar a favor do princípio da realidade, ajuda-o a sair do princípio do prazer que naturalmente pertence ao Id. A intolerância, o narcisismo e violência desenfreados são

amenizados toda vez que o sol da razão resplandece com vigor. Desta forma, a religião judaica com sua lei os Dez Mandamentos, freia aquilo que todo homem gostaria de fazer: dominar e ser o rei. Esta lei, entretanto tem bastante autoridade para restringi-lo, já que ela foi revelação de um pai maior. Desta forma, a proibição mosaica ajudou o homem a valorizar uma alternativa digna. Entre a brutalidade ficou ele com a intelectualidade. Este avanço lhe possibilita, por sua vez, a sentir-se engrandecido na sua auto-estima. "A desmaterialização de Deus trouxe uma nova e valiosa contribuição para o secreto tesouro do povo. Do infortúnio político da nação ensinou-o a apreciar em seu justo valor a única possessão que lhe restou- sua literatura."(*ibid.*, p.137).Povo judeu, povo do Livro, mais do que os outros povos participa da renúncia, e reencontra no livro o lugar simbólico do seu orgulho. A renúncia da satisfação imediata que o coloca em contato com o princípio da realidade, o coloca distantes da sensualidade e dos instintos, evitando a volta das imagens que o torna igual a qualquer outro povo sem lei.

Toda intelectualidade está ligada ao desenvolvimento da ética, ao desenvolvimento do Ego, que, por sua vez, está vinculado ao princípio da realidade. Os profetas sempre incentivaram a importância do abandono das emoções em favor de uma "conduta justa e virtuosa". Embora a ética não esteja na origem da religião, não se pode proceder à sua desvinculação. O totemismo que é a primeira forma de religião, já prenuncia elementos éticos na forma da exogamia, do não comer ou maltratar o animal-totem, direitos iguais entre os irmãos. Voltando à história da humanidade, observamos terem as leis éticas tanto peso não só por estarem mergulhadas na razão, mas especialmente por estarem elas vinculadas à vontade do Pai totêmico, que uma vez morto tem seu poder aumentado. O termo *sacer* é por si só ambivalente-indica tanto aquilo que é sagrado como o que é detestável. A

vontade do pai era, ao mesmo tempo, aquilo que deve ser respeitado e temido. A ética é, ao mesmo tempo, respeitada e deve ser temida, pois está vinculada à vontade do pai. Este é o seu aspecto místico. A ética religiosa dos judeus é uma das que foram mais bem sistematizadas, pois são elas condensadas em um livro. Enriquez (1990) comenta que não basta apenas a ética estar ligada à história da civilização, é preciso que o povo tenha aceito, além da paternidade heróica, a adesão amorosa ao mito que este pai oferece. O pai, no caso Moisés, deve ser o símbolo de idéias que “movam montanhas”, que o ultrapasse ajudando seus filhos adotivos a passarem ao ato. Toda religião tem por objetivo dominar os instintos, mas a religião judaica se esmera na severidade dos seus princípios éticos, que não acompanham o renovar social mundano, mas se atêm a uma lei do Pai que é sempre a mesma, imutável. Como povo escolhido, coloca a espiritualidade acima de todos os bens, única condição da sua aliança com Deus.

Zilboorg (1969) comenta que o desacordo freudiano quanto à religião diz respeito ao aspecto lógico e psicológico com o qual discute a religião. Como humanista e verdadeiro cristão, só se preocupava com valores que realmente pudessem ajudar o homem. Para ele estes valores estavam muito mais nas forças criadoras do próprio homem do que no além. Como observador da espécie humana, preocupava-se com a agressividade inata nos homens e queria ajudar este homem mostrando as ilusões que o rodeavam, tal como o sistema religioso. A respeito dele, via-o como algo que ameaça a autonomia humana, e, ao mesmo tempo, impede o desabrochar da sexualidade, o que provoca conseqüências em outro campo. Embora afirme em continuo, nos seus textos sociais, ser a religião uma expressão da natureza humana, visto ser o homem um animal de horda e gostar de um líder para o qual deva obediência, ao mesmo tempo ele afirma ser a religião algo imposto

pela nossa cultura, algo infantil, tendo os mesmos mecanismos neuróticos. Desta forma desmerece a religião, sem se dar conta de que os mesmos mecanismos são encontrados nas artes em geral, não as desvalorizando por isto.

Quanto às afirmações freudianas, observa-se que, a partir do momento em que ele afirma que a sexualidade infantil, tornando-se fixada em algum momento do seu desenvolvimento, acarretará problemas psíquicos para o indivíduo, podendo mesmo levá-lo à loucura, conforme for a intensidade desta fixação, o mesmo é dito em outras palavras por S. Tomás, quando afirma que o hedonismo e a sensualidade infantis, quando persistem no homem, são frutos da desgraça no mundo. Paralelismo semelhante ocorre quando Freud afirma ser impossível a criança amar tal como um adulto, por ser ela incapaz de deslocar a sua libido dela mesma, o que o adulto amadurecido consegue fazer e desta forma alcança a paternidade e maternidade psicológicas. O termo aristotélico “amor próprio”, neste momento confunde-se com o termo “narcisismo” freudiano. Freud, apesar de ter se preocupado em dessecar todos os movimentos psicológicos da religião, não lhe dando maiores créditos, chega-se à conclusão daquilo que ele considera importante para que haja harmonia entre os homens, tal como pensadores não psicanalíticos ou seja: o domínio da agressividade pó meio de uma criatividade sadia que ocorre quando o homem é capaz de lançar sua libido ao mundo utilizando-a para fins sociais. O amor é incentivado em detrimento de uma agressividade narcísica que torna o mundo pequeno, pois só quem nele cabe é o próprio indivíduo. Quando afirma isto, nada mais faz do que repetir aquilo que teólogos e todas as religiões pregam: amor ao próximo como fonte de paz e de harmonia. Freud, como bom cientista, quis apenas mostrar as formas do raciocínio religioso e deixar os problemas éticos a cargo de quem é de direito, ou seja, os teólogos. Longe de prejudicar a religião, ajuda-a, pois

favorece, por meio da sua metapsicologia, a possibilidade de ampliar a vontade e o nível racional dos humanos que têm os pés atados no Id. Desta forma, caminha Freud lado a lado da religião, a despeito da polêmica sobre o livre arbítrio, que a igreja insiste em preservar. Não é questão de se confrontar determinismo psicológico com livre arbítrio, mas de se estabelecer uma trégua entre ambos, vindo a psicanálise ao encontro do livre arbítrio, oferecendo-lhe uma lupa para que este se amplie ainda mais.

A firme convicção de Freud de que somente por meio do amor, do “enamoramento do objeto” pode o homem descortinar novos horizontes, a firmeza em pregar que só a maturidade, amor e razão livres podem em unidade transformar o mundo, mostra a sua fé no homem tal qual a religião a tem. Desta forma responde-se à pergunta: era Freud avesso a religião? Não. Ele apenas decompõe todos os seus movimentos psicológicos, mas, a despeito de ser um religioso ou não, não nega os valores religiosos, pois não nega o valor do amor dessexualizado formador de vínculos duradouros.

3.3 Críticas a Freud

A afirmativa de que o homem transpõe para um mundo metafísico aquilo que gostaria de ser e ter, tem nos contos de fada, o seu mais primitivo berço. Outros pensadores, anteriores a Freud, já afirmavam ser a religião proveniente de processos de deslocamento. Hume, em “História Natural da Religião” (1757) comenta ser a religião fruto não de especulações sofisticadas, mas da sede de felicidade, medo da morte e da miséria. Ludwig Feuerbach, em “Essência do Cristianismo” (1841), já afirmava idéia semelhante à de Freud. A religião nada mais

seria do que uma alienação do homem ante a si mesmo, pelo fato de ele projetar na figura de um deus, o melhor de si mesmo. Os atributos deste deus seriam atributos humanos purificados.

As críticas mais contundentes contra Freud estão centradas justamente sobre o texto “Totem e Tabu” por causa da sua afirmação de ver no totemismo, a forma mais primitiva de religião. Quanto à afirmativa de ser o totemismo universal Evans- Pritchard, em seu livro “História do pensamento Antropológico”, faz uma crítica a Durkheim e diretamente atinge Freud. Durkheim, partindo de estudos oferecidos por etnólogos da época, sobre a tribo dos Arunda, na Austrália, afirma ser a religião uma produção social, e, desta forma, a sociedade vem a ser o próprio deus. Não aceita Pritchard o fato de, partindo-se da análise de uma só tribo, generalizar qualquer conclusão em nível universal, como fizeram os dois estudiosos. Há de se lembrar que há também barreiras lingüísticas bastante fortes entre o povo observado e os etnógrafos. Os vazios lingüísticos são preenchidos pelas próprias concepções dos cientistas a cerca do que acham ser um fato ou outro. Isto desmerece a credibilidade das afirmativas. Esta observação é confirmada por um grande conhecedor da língua dos arunda, Sr.Strehlow Filho, segundo o autor. Os informantes trazem da tribo informações apenas suficientes para que, em cima das mesmas, se construa um cabedal de idéias que nem sempre são comprováveis. Muitas das afirmações não passam de hipóteses, sem nenhum valor empírico. Outra observação a ser feita, tanto para Freud quanto para Durkheim, diz respeito ao fato de que ambos não se dão conta, ou se dão não o valorizam, de serem os totens sagrados apenas para alguns povos e não para outros da mesma comunidade. Além do mais, como evolucionistas sustentam ser o aborígenes australianos o povo menos desenvolvido do mundo e sua religião a mais primitiva do mundo. E o que

dizer de povos ainda mais primitivos do que estes, mas que não são totêmicos, pergunta Evans? Há tribos como as dos australianos centrais, os Bosquímanes, os Vedá, os Andamaneses, as tribos do centro do Brasil, os esquimós, por exemplo que não são totêmicas. Atualmente sabe-se que há povos mais antigos que não são totêmicos. Sendo, assim, o totemismo é um estágio pelo qual nem todos os povos passaram, não havendo razão, portanto, em se afirmar ser ele universal. Palmer (2001) comenta que as três grandes raças- a indo-européia, os hamito-semitas e os ural-altaicos- não tinham originalmente totemismo, adquirindo-o junto a outros povos em suas andanças.

Tanto para Freud, quanto para Durkheim, o princípio totêmico é a base de todas as religiões. Deve-se perguntar: "se o totemismo é a origem da religião, que dizer dos povos que não são totêmicos, mas possuem crenças e práticas religiosas?" (Pritchard, 1985, p. 215). Pode-se questionar como fazem outros pensadores: de onde viria, então, a religião destes povos? Freud, partindo do totemismo, explica a religião pela sua metapsicologia, comparando-a com processos semelhantes aqueles que ocorrem na sua clínica. Não vê a religião como algo transcendente, mas como algo imanente e neste ponto se aproxima de Durkheim. Ambos a explicam apoiados na antropologia, mas, enquanto este confirma ser a religião um fenômeno social que surge da efervescência emocional das massas, afastando qualquer interferência de processos psicológicos, em Freud são justamente processos psicológicos que fazem o totemismo ser o representante simbólico do Pai morto.

Quanto à sua teoria biogenética que explicaria a manutenção de experiências adquiridas nas gerações seguintes, apoia-se na teoria, já não mais

aceita de Lamarck, que é severamente criticada por outros estudiosos, especialmente Ernest Jones.

No que diz respeito à universalidade do complexo de Édipo, poucos são os antropólogos que assinam esta afirmativa, pois para nela acreditar é preciso que se dê ao complexo a capacidade de unir o passado ao presente, através de uma uniformidade de experiência. Capacidade negada a ele, por muitos estudiosos.

3.3.1 O ponto de vista de Malinowski

Bronislaw Malinowski (1884-1942), antropólogo inglês, opôs-se a qualquer tentativa de se escrever a história de um povo, tendo em vista a tradição oral. Para ele a observação direta de qualquer cultura, tem muito mais a dizer, pois se evita que, a partir de um traço específico, se construa toda uma suposição a partir dele. O importante não é examiná-lo como um caso, mas, a partir dele, observar quais são as funções que ele pode determinar no conjunto geral da cultura. Cria o método etnográfico de “observação participante”, que exige a dedicação do pesquisador ao ambiente pesquisado. Do seu trabalho etnológico de campo, nas ilhas Trobriand, no nordeste da Nova Guiné, rendeu-lhe o livro “Sex and Repression in Savage Society” (1927). Embora considere a idéia freudiana válida, não a considera ser universal, pois, conforme as suas observações realizadas nesta ilha, uma sociedade matriarcal, não se observa este complexo. Sendo assim para que validasse a universalidade do pensamento de Freud, precisaria da sua ocorrência em todo tipo de sociedade. Nesta sociedade, além de o pai não ser o provedor e não ter qualquer tipo de direito sexual em relação à mulher, tendo que pagar para tanto, não existe nenhum vínculo sexual da mãe com o filho, devido à redução do vínculo sexual entre

marido e mulher. Malinowski conclui, caso seja possível falar em complexo em relação ao pai, na ilha deve ser ele endereçado à irmã, pois o tabu do incesto, está direcionado à irmã e não à mãe. "Quem deve ser assassinado não é o pai, mas o tio materno; nem o desejo é de casar com a mãe, mas com a irmã" (Palmer, 2001, p.91).

Malinowski, daí, amplia a sua dúvida. Partindo do legado edipiano universal, ataca a autenticidade do próprio mito científico. Darwin e Freud, por serem evolucionistas, não levaram em conta o fato de que para ele, como etnólogo, é de essencial valor a observação *in loco*. Além disto, partem da suposição de um crime, transpondo a vida patriarcal do momento atual, com toda a sua idiosincrasia, para uma comunidade primitiva pré-cultural, na selva pré-histórica. Malinowski observa que, nas condições animais, o vínculo familiar só é dissolvido quando a cria não mais precisa dos pais, fato este que ocorre de maneira natural. Tanto menino e meninas se desgarram do grupo, como também o mais idoso, deixando lugar ao mais novo, sendo a família dissolvida naturalmente. A expulsão não tem sentido numa família em que os instintos, uma vez resolvidos, não são fonte de renovação de laços familiares. Portanto, a afirmação da expulsão paterna não faz sentido, como também os jovens para saciar os seus instintos sexuais não precisariam de matar o pai possessivo. Bastaria esperar pelo seu afastamento, para realizar os seus desejos. Acrescentando, não se pode ainda falar em remorso, quando ainda não há a presença da consciência instalada. Para que se confirme isto, é preciso que se acredite que as coisas aconteçam de um só fôlego, ou seja, que tradição, fala, invenções, e, etc, tenham ocorrido sem transição. "Toda cultura é fruto de um processo muito laborioso e bem lento, realizado de maneira cumulativa, mediante etapas infinitamente pequenas que se estenderam por enormes intervalos culturais"

(Palmer 2001 p.92). O autor não desmente Freud, quanto à existência do complexo de Édipo, mas prefere creditá-lo como sendo construção cultural da sociedade patriarcal. Sendo assim, conclui:

"A unidade familiar é o único tipo de agrupamento que os seres humanos incorporam a partir dos animais: também aí encontramos os vínculos instintivos entre pais e filhos (...) Mas nos seres humanos, esses instintos reguladores passam por uma gradual transformação, ocorrida, além disso, sob as condições da cultura (...) As tendências sexuais com que somos dotados são, por conseguinte, moldadas por regulamentos que variam de uma sociedade para outra". (Palmer, 2001, p.93)

Embora comunguem a idéia do complexo de Édipo, não se afinam quanto a causa geradora. Malinowski, por acreditar no peso cultural, e Freud, por acreditar na força do instinto, se distanciam. "Malinowski não contesta a existência do complexo, mas substitui de fato suas origens por origens culturais" (Palmer, 2001, p.93).

Quanto à ambivalência, na relação pai-filho, decorre ela do próprio contexto familiar. O pai da pequena infância não é o mesmo pai que exige o respeito aos preceitos sociais mais tarde. Assim, o pai da criancinha de tenra idade, torna-se mais exigente à medida que ela cresce. Desta maneira é a tensão entre os dois papéis que cria a ambivalência. Não há necessidade de que se construa o complexo de Édipo, a própria tensão se incumbe de explicá-la.

Quanto à afirmativa freudiana de ter o filho não só pulsão amorosa como também sexual para com a mãe, Malinowski disto discorda, pois tais sentimentos iriam desencadear o desejo de fazer a corte de acasalamento, prejudicando por sua vez, a existência de outros sentimentos como a submissão e reverência.

Sendo assim a sua proibição é muito mais cultural, pois a existência dos impulsos sexuais iriam contra a harmonia social, pois no lugar de um pai protetor haveria um pai agressivo e ciumento em relação ao próprio filho.

Quanto à origem da religião, as argumentações do autor desarmam o raciocínio freudiano, pois, a partir do momento que já não mais se crê no parricídio paterno, no crime organizado pelos irmãos, dando nascimento ao complexo universal passado através da filogênese, não há razão para que se creia no mito. Além do mais, a culpa religiosa deixa de ser um “legado comum”.

”Por que deveríamos creditar a culpa religiosa a uma história comum, definindo-a assim como um legado arcaico advindo de um parricídio original? Por que deveríamos supor que nossa culpa se transmite por meio de alguma espécie de mente coletiva e que a culpa gerada por esse crime inicial se repete e é reforçada constantemente em nossas próprias relações com nossos pais?
(Palmer, 2001, p.95)

As observações de Malinowski, demonstradas por Palmer, não destroem a psicanálise, mas sugerem que nem toda culpa religiosa advém do complexo de Édipo, podendo ter suas razões particulares. Sendo assim nem o ato religioso é um retorno do recaiado, portanto, de natureza compulsiva. Diante da relação pai-filho, o autor faz a leitura de ser apenas um requisito cultural criativo e revitalizador, necessário para a sua entrada no social da criança em formação.

3.3.2 O ponto de vista de Carl Gustav Jung

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, em Constança, Suíça, vindo de um ambiente acadêmico e religioso. Inicialmente era anglicano, vindo posteriormente cultivar apenas a religiosidade. Forma-se em medicina, dedicando-se à psiquiatria. Trabalha com Bleuler e com Pierre Janet, ambos também conhecidos de Freud. Quando lança o livro “A Psicologia da Demência” (1907) é convidado por Freud para visitá-lo em Viena. Dizem que a primeira conversa entre ambos durou cerca de treze horas.

Inicialmente Jung e Freud fazem uma grande parceria e Freud o escolhe como seu sucessor natural, tamanho era o entrosamento acadêmico de ambos e a confiança mútua. Em 1908, Jung trabalha na primeira revista de psicanálise como editor chefe. Em 1909, viajam juntos para os Estados Unidos, onde ambos recebem grau honorário da Clark University. Em 1910, torna-se o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional. Em 1911 publica a primeira parte da psicologia do inconsciente no qual deixou claro que não concordava com as concepções de Freud sobre a sexualidade e o complexo de Édipo. Já em 1912, vai novamente aos Estados Unidos e critica Freud, naquilo que ele mais preservava: a valorização da sexualidade em qualquer distúrbio nervoso. Em 1921 publica “Tipos Psicológicos”, sua principal contribuição à teoria do inconsciente, mostrando haver duas atitudes diante da vida: introvertida e extrovertida. Este estudo do inconsciente, leva ao conhecimento de outras atividades do inconsciente, como o inconsciente coletivo, os arquétipos, o processo de individuação. Aparecem, daí, outros pontos de estudo, como a mitologia, a gnose, a cabala, e a alquimia. Quanto aos problemas

teológicos, estes o fascinam. Escreve dois livros sobre o assunto: “Psicologia e Religião” e “Resposta a Jó”.

A história da amizade entre Freud e Jung é interessante de se conhecer, pois embora tenha nascido do respeito mútuo, chegando à intimidade entre ambos ser tão intensa, a ponto de trocarem a análise de seus sonhos, mesmo assim, a ruptura aconteceu, por questões teóricas e devido a projeções, cedo percebidas por ambos. Quanto a Freud, ficou-lhe clara a presença do complexo de Édipo de Jung em relação a ele, enquanto que Jung sentia-se tolhido intelectualmente em relação a Freud, tal como um filho em relação a um pai que determina o melhor para ele. O golpe mortal de Jung em relação ao “pai” ocorreu quando percebe que há duas áreas que são de extremo zelo para Freud, e negá-las é cometer um sacrilégio e desrespeito às suas orientações intelectuais. São as áreas da sexualidade e da religião. Segundo a observação de Jung, os sentimentos religiosos latentes de Freud foram projetados na sua teoria da sexualidade. Torna-se, ela assim, na visão do colega, a substituta do deus no qual ele não acredita. Sendo assim, por fazer uma leitura, da cultura e da religião, só com os olhos postos na teoria da sexualidade, torna-se a um dogma. Desta forma, o censo crítico se esvai e Freud chega a pedir-lhe que nunca abandone a sua teoria sexual, fazendo dela um dogma, um baluarte poderoso que jamais seja maculado, contra toda sorte de ocultismo. Entende-se ocultismo, neste caso, todo conhecimento parapsicológico, filosófico e religião. Esta atitude estranha para Jung foi o que abalou a amizade entre ambos. Jung comenta :

“a lealdade a Freud não implica, no entanto, ao contrário do que muitos temem, a submissão irrestrita a um dogma; pode-se muito bem sustentar um juízo independente. Se eu, por exemplo, reconheço os complexos mecanismos dos sonhos e da histeria,

isso não quer dizer que atribuo ao trauma sexual infantil a importância exclusiva que Freud, ao que parece, atribui” (Palmer, 2001, p.124)

O equívoco de Freud foi não só compreender a religião com olhos da sua metapsicologia, mas, sobretudo, por, uma vez mais, nela amparado, ir além dos dados disponíveis, ignorando as evidências que contradizem os seus dados teóricos. Sendo assim, parte, a despeito das evidências, para novas deduções, sempre ajeitando ou algum fato discordante, no intuito de sempre reforçar a sua teoria. Por ser um positivista e um determinista, centra as suas observações na biologia, vendo em toda neurose causa de origem sexual, levando a uma redução dos fenômenos religiosos, por serem eles um tipo de neurose. Para Jung, há mais coisas no universo que o materialismo científico não pode admitir, uma delas é a realidade psíquica (entendida aqui como arquétipos), que não é um subproduto,

”mas um aspecto *sui generis*; e que, nesses termos, tem-se de atribuir a idéias tão antigas e persistentes quanto a de Deus, um grau de “verdade psicológica” como *realidade psíquica empiricamente evidente*, em vez de descartá-la como aberrante porque redutíveis a um complexo paterno”. (Palmer, 2001, p.121)

Ambos, acreditam que o conhecimento do inconsciente ajuda o indivíduo a curar a si mesmo, mas, enquanto Freud entende este conhecimento do inconsciente ser o agente eliminador da religião no indivíduo amadurecido, Jung, ao contrário, o vê com um processo que levará a uma “reorientação da consciência” para a religião, em direção a processos genéricos da espécie humana. A atividade mais profunda da psique tem vários caminhos para ser reconhecida, sendo um deles a religião. Para ele é justamente a ausência da religião que é sintoma de neurose. Esta é uma das

grandes diferenças que separam os dois pensadores, diferença que causará conseqüências na maneira de lidar com os pacientes na clínica e quanto aos conteúdos conceptuais de ambos.

Para Jung, foi a segunda parte do seu livro “Símbolos da Transformação” que vai determinar uma separação definitiva entre ambos. Nesta, ele declara formalmente a sua não aceitação total da teoria da libido freudiana. Não a considera ser de natureza sexual, sendo uma energia psíquica maior. Este seu livro, por sua vez, irá trazer um novo conhecimento sobre a mente inconsciente. A ampliação do inconsciente freudiano faz a diferença. Para ele não há somente recalque, idéias censuradas na mente pela mente consciente, há outros fatores psicológicos independentes da experiência individual que são adquiridos graças à hereditariedade. Além das experiências individuais, há uma camada mais profunda no inconsciente comum a humanidade, que diz respeito a imagens primordiais e universais comuns. Assim, há um outro desacordo entre os dois. Para Freud tudo o que entra no inconsciente um dia passou pela consciência. Sendo assim, o inconsciente vem da consciência, enquanto que para Jung a consciência vem do inconsciente e este a precede.

Diferenças fundamentais quanto à religião entre Freud e Jung

O primeiro choque entre os dois situa-se quando Freud afirma ser a religião uma neurose. Como já foi dito, chega a esta conclusão, por examinar os fatos religiosos com o olhar da sua metapsicologia, deduzindo, então, que os mesmos processos que a criança sofre na sua ontogênese sofreu ela também na sua

filogênese. A religião tem processos similares à neurose obsessiva por conter processos semelhantes em ambas: recalque, conflito, ambivalência e processos inconscientes de origem sexual. Jung discorda do fato de a religião ser uma neurose de fundo sexual, pelo fato de nem mesmo considerar ser toda neurose de natureza sexual. A partir do momento em que ele despe a libido de sua conotação sexual, entendendo-a como uma energia psíquica, desconsidera a generalização de Freud de que toda neurose é de fundo sexual. Para ele, Freud não se enganou quando afirma ser a sexualidade causa das neuroses, mas erra ao vê-la como origem de todas as neuroses. Mezan (1985) comenta que no momento em que Jung afirma não ser a libido exclusivamente sexual, sua maneira de ver incesto, que é um ponto vital para a psicanálise, altera-se. A questão do incesto em paralelo com o complexo de Édipo é fundamental para a constituição psíquica e para o social na teórica freudiana. Para Jung, o incesto se tornou tabu, não por ser desejado, mas para consolidar a família ou a estrutura social. A libido não sendo mais necessariamente sexual, o amor pela mãe tampouco, é de natureza sexual. Sendo assim seu modo de pensar leva ao abandono do desejo incestuoso, como elemento primordial de constituição do sujeito e com isto Freud não pôde concordar.

O segundo ponto de divergência aponta Palmer (2001) para o fato da rejeição, quanto à explicação do mecanismo religioso. Freud irá afirmar que os rituais obsessivos dos religiosos estão impregnados de culpa e remorso pela morte do pai. Neles a culpa edipiana sempre está presente e sempre há um desejo de apaziguá-la. Jung não descarta a possibilidade de a religião e outras disposições humanas, terem implicação com distúrbio de natureza sexual e serem carregadas de sentimento de culpa, mas o que determina um distúrbio não é o fato de a libido ter conotação sexual, mas o fato de haver um desequilíbrio energético provocando a

interrupção do fluxo de energia, não integrando, então, dimensões conscientes e inconscientes da personalidade. Caso não haja essa ruptura, qualquer disposição humana, inclusive a religiosa, será fonte de equilíbrio. Segundo esta visão não se pode falar em sublimação religiosa ou recalque, mas a religião passa a ser vista como “um processo terapêutico no qual o indivíduo busca o auto conhecimento, a auto-regulação e a auto-realização” (Palmer, p.143).

O terceiro ponto está no fato de Jung desconsiderar a visão negativa que Freud tem da religião. Os conflitos neuróticos são devido à recusa do indivíduo em admitir os seus impulsos infantis e edipianos que, alimentando obsessões, atuam como uma separação conflituosa, afirma Freud. Jung não concorda com o relato freudiano exclusivamente retrospectivo da religião como neurose de natureza infantil. Jung, além de não aceitar ser toda neurose de origem sexual, considera ele ser o sistema psíquico relativamente fechado, podendo a todo momento estar susceptível de aceitar influências externas. Na infância a sexualidade não teria tanta força assim, pois a psique está voltada para outros estímulos como canalização das funções biológicas da nutrição e do crescimento, sendo muito mais provável que seja ocasionada por uma falta de equilíbrio devido a uma gama de influências, bem como a atitude do indivíduo diante dessas influências. Aqui a percepção do que está acontecendo e do que vai acontecer é de real importância, muito mais do que o acontecido.

Descartar a religião, por ser ela infantil, significa “ignorar o caráter presente e prospectivo, e não ver que ela também pode exprimir uma tentativa de integrar os aspectos conscientes e inconscientes da psique sob as condições em mudança de vida” (Palmer, 2001, p.144). Fica claro, então, o quanto Jung se afasta de Freud. Embora não descarte todas as suas afirmativas, pelo contrário muitas delas ele as

conserva em sua teoria, no entanto considera a religião não uma neurose carregada de peso negativo, mas como um processo constante em evolução no desenvolvimento da personalidade psíquica. Para Jung, não se pode dizer que a neurose, inclusive a religiosa, é negativa. Se se pensar no inconsciente como lugar de imagens coletivas, primordiais e arquetípicas da humanidade, o processo de regressão a que uma neurose leva, pode favorecer o desvelamento do nível mais profundo e criativo da mente inconsciente, isto é o inconsciente coletivo. A denúncia da religião como fator negativo, ao invés de ajudar a promover a maturidade a bloqueia. Localizar a neurose em um ambiente pessoal, impede que se ampliem novas experiências do indivíduo diante de si e do universo muito maior do que ele próprio.

Que se passe a conhecer melhor a teoria de Jung sobre os arquétipos, habitantes do inconsciente coletivo, para que se possa compreender melhor a distância entre os dois pensadores.

Os Arquétipos: Habitantes do inconsciente coletivo

O inconsciente coletivo é idêntico a todos os humanos, por ser independente da história pessoal, portanto suprapessoal, rico em “imagens primordiais” da vida ancestral comum a todos. Para Jung, há um paralelismo quase universal de imagens que se manifestam, por exemplo, no sonho, nas crenças, nas fantasias neuróticas, nas visões esquizofrênicas, nas mitologias de culturas primitivas, graças à presença do inconsciente coletivo. Os conteúdos do inconsciente são denominados de arquétipos. “Os arquétipos são formas preexistentes ou tipos primordiais cuja existência se pode fazer remontar às mais remotas épocas da humanidade” (Palmer,

2001, p.150). Jung discorda de Freud, quando este afirma que toda fantasia inconsciente é fruto de recalque. Há um substrato universal que opera de maneira dinâmica, não sendo manifestações de natureza neurótica. Sendo assim, nem toda constelação de imagens e fantasias são patológicas. Para ele o arquétipo é um elemento universal e constante, não importa o quanto o indivíduo tenha o seu inconsciente desenvolvido; logo, todos os indivíduos são arcaicos. Esta constância é percebida quando nas mitologias das mais variadas raças ele se repete. O arquétipo pode ser estudado quanto à sua forma e quanto ao seu conteúdo.

Os arquétipos são determinados quanto à sua forma e, mesmo assim, de maneira limitada. Já, quanto ao conteúdo, é ele determinado pela cultura, ou seja, pela experiência consciente. Daí, deduz-se que, quanto à forma, é ele vazio e como tal herdado, sendo preenchido pelo seu conteúdo. Como se vê, herda-se apenas a “possibilidade” de se criarem imagens as quais são preenchidas pelos conteúdos pessoais e culturais. É por intermédio destes que se pode reconhecer o arquétipo como forma, já que a forma em si jamais é representável.

Teoricamente são inúmeros os arquétipos. Veja-se ao arquétipo-Deus que é do interesse de estudo em questão.

Quando se afirma que Deus é um arquétipo, afirma-se também ser ele uma manifestação do nível mais profundo da mente inconsciente, o inconsciente coletivo. Daí, deve ser tomado como forma-arquétipa e como conteúdo- arquétipo. Quando se afirma ser Deus um arquétipo, está se afirmando ser ele uma “disposição que começa a funcionar num dado momento da mente humana e organiza o material da consciência em padrões definitivos” (Palmer 2001 p.160). Desta forma, deduz-se que todas as concepções de Deus, por mais primitivas ou sofisticadas, vêm de uma modalidade inerente. Além do mais, Deus como forma arquétipa, como todos os

outros arquétipos, deve ser considerado uma “realidade psíquica”, algo intrínseco ao indivíduo. Esta atividade intrínseca da mente se manifesta nos fenômenos religiosos.

Jung discorda de Freud, quando este afirma ser a religião nada mais do que uma transposição, cuja forma Deus–Pai, deve-se à própria fragilidade do ser humano e às relações edipianas. Jung considera o conceito de Deus-pai um arquétipo, que nada tem a ver com questões edipianas, sendo esta representação anterior ao conceito pai-biológico. Deus pai-arquétipo não é, pois, o substituto do pai físico, e, sim, este que o é.

A teoria sobre a religião se completa quando ele fala de Deus como conteúdo-arquétipo. O conteúdo, por sua vez, está ligado a todas as imagens de Deus mundo afora. É ele um fenômeno empírico e como tal é o único que oferece a possibilidade que se tem em demonstrar a experiência psíquica de Deus. Sendo, nessa medida, o único fator possibilitador de investigação psicológica. O conteúdo pode manifestar além da representação do próprio Deus, por meio dos demônios, dos anjos, dos espíritos.

O conteúdo Deus, vindo de um *a priori* incognoscível, só pode adotar uma forma de expressão que é o símbolo. O símbolo é, em outras palavras, a forma particular de expressão que os conteúdos-Deus requerem para representar a forma-Deus. “A linguagem simbólica torna-se assim a linguagem da religião, a única linguagem apropriada à expressão da experiência imediata e absolutamente certa de Deus dentro de si por que passa o indivíduo (Palmer,2001, p.167)”.

Para que se entenda, mais uma vez, o desencontro de Freud e Jung, é preciso que se faça a distinção entre símbolo e signo.

O signo designa algo que é conhecido, já o símbolo representa algo que é relativamente desconhecido. Quando se fala em signos, fala-se em linguagem, fala-se em comunicação, sua finalidade última. É preciso que entre os membros de uma comunidade se estabeleça um “contrato social” no qual certos conjuntos de sons, que se dirigem a certas situações, sejam da concordância comum dos membros de uma comunidade. Daí, dizer-se que a linguagem é formada de signos e como tal é convencional.

Lopes (1975) irá nos dizer que há dois tipos de signos: o artificial e o natural. Os artificiais são aqueles que, por serem um código convencional, têm um significado claro para todos os participantes da comunidade. É o caso de uma tabuleta rodoviária em uma estrada, indicando interdição à frente. Qualquer motorista irá ter a mesma reação ao vê-la. A sua leitura será idêntica ao próprio obstáculo. Já o signo natural ocorre sem a intenção de comunicar a alguém alguma coisa. Não há intervenção da mente humana na sua criação. Quando se avista uma queimada pensa-se em fogo, naturalmente, mas isto não estabelece uma comunicação no sentido estrito. Há a falta de uma convenção, de um contrato social. Este é o ponto suficiente da distinção entre signo artificial e natural.

Lopes (1975) faz um paralelo entre signos artificiais e os símbolos. Pode-se falar que os símbolos denotam uma parte de um grande todo, são eles sempre objetos materiais de algo abstrato. Os símbolos se relacionam sempre com algo abstrato. Veja-se: a cruz é apenas um recorte das representações do cristianismo, não o abarcando todo. Pode-se pensar junto a Cohen (1978) sobre a essência de todo processo simbólico. Comenta ele, que por ser o símbolo flexível e multissignificativo, proporciona uma multiplicidade de funções que fará que ele seja ambíguo em todo o seu processo funcional. Quanto maior for o leque de funções

maior será a ambigüidade. O símbolo, por representar a vontade do social, pode, por certo, ser alterado tal qual os signos artificiais, e isto os torna semelhantes, embora o símbolo seja uma representação “sempre deficiente ou inadequada parcialmente em relação ao conjunto das noções simbolizadas, porque o símbolo é uma parte do todo que é o conteúdo abstrato com o qual ele se relaciona” (Reznikov,1972, p.166 *apud* Lopes 1975).

A respeito daquilo que o símbolo representa para Freud e para Jung, as diferenças são grandes, pois o que Freud toma como símbolo, Jung toma como signo. Passemos ao desenrolar do raciocínio.

Para Freud, o sintoma é a manifestação de um símbolo, que, por sua vez, deve ser decodificado, por ser um representante estático deste sintoma. Os símbolos religiosos são passíveis de ter uma explicação racional, a qual se localiza no contexto de nossos desejos infantis e edipianos. Assim, os rituais religiosos representam outra coisa, ou seja, nada mais são do que um engodo. Os verdadeiros sentimentos ali estão mascarados, sendo o inverso deles o verdadeiro, pois envolvem a renúncia das coisas que se desejam. Jung questiona os símbolos religiosos fazendo a pergunta: são eles sintomáticos ou simbólicos? É um disfarce de um impulso ou é um símbolo de uma outra coisa operante num nível além do desejo pessoal? Jung considera que as imagens religiosas são “símbolos” que representam não um conflito recalcado, mas, antes, o movimento energético da libido na direção da camada mais profunda da psique, na qual residem as imagens universais. Assim, são eles “revelados como forma de experiência regressiva, ou, para dizer de outra maneira, como manifestações de conteúdos coletivos” (Pamer,2001,p.144). Desta maneira ,não se consegue entender racionalmente os símbolos, mas a sua importância está no fato de, sendo primordiais, darem acesso a

um nível psíquico de extremo valor para o desenvolvimento presente e futuro da psique humana.

Os símbolos, para Jung, por mais pessoais que sejam, são sempre manifestações autônomas, uma manifestação irrefletida de imagens irreduzíveis, intemporais. São criações proeminentes do pensamento, em termos de fantasia, tendo identidade com sonhos esquizofrênicos, rituais de uma religião e mitos das mais antigas e primitivas culturas. O símbolo, por representar algo desconhecido, é diferente do signo que sempre representa sempre algo conhecido entre o falante e o remetente. O sintoma neurótico, para ele, é um símbolo e como tal de natureza muito mais ampla e regressiva, enquanto para Freud é um signo de natureza literal. Veja-se:

Freud interpreta os conteúdos-Deus como sendo um sintoma, uma forma de pensamento em termos de realidade, o que não condiz com a representação conteúdo-Deus. Há de se convir que, embora o conteúdo-Deus possa ser pessoal, o seu núcleo arquétipo refere-se à forma-Deus e esta permanece inacessível. "Portanto, supor que a crença religiosa não passa da codificação de certas atitudes emocionais- no caso, atitudes neuróticas – é supor uma identidade ilegítima entre o "arquétipo como tal", não perceptível, e sua manifestação perceptível, dentre sua forma irrepresentável e seus conteúdos representacionais"(Palmer,2001, p.168).Quando Freud faz isto toma o símbolo por um signo, naquilo que o signo tem de convencional. Os símbolos são convencionais, em termos, já que são multissignificativos, amplos demais para conterem em si um só significado, cabendo ao indivíduo, conforme o contexto, ampliar o seu significado. Assim, Freud entende que os sintomas religiosos nada mais são que signos, contendo em si tão somente certos aspectos emocionais. Jung com não concorda com o raciocínio de Freud, pois

reduz o valor do arquétipo Deus-conteúdo, que é infinitamente amplo e atravessa as eras, portanto, é ele um símbolo e não signo. Seria signo se tivesse relação direta com as manifestações percebíveis.

Para concluir, podemos dizer que, se Freud sexualizou a religião, ao afirmar ser toda libido de natureza sexual, Jung discorda desta concepção, pois para ele esta redução empobrece o relato humano, uma vez que localiza libido apenas em processos biológicos. Na verdade, ela é também governada pela necessidade de vivenciar aspectos mais universais, intemporais e coletivos da mente inconsciente. A religião pode ser entendida como a expressão dessa experiência. Assim, ao marginalizar a religião, Freud nega um aspecto de fundamental importância para o autor que é a existência do inconsciente coletivo, de suprema importância, pois somente por seu intermédio pode o ser humano alcançar o significado último da vida.

3.3.3 Ponto de vista de Gregory Zilboorg

Zilboorg fez-se conhecido como psicanalista e como estudioso da religião, nasceu na Rússia, em 1890. Mas foi em Nova York, onde cursou novamente medicina, que exerceu sua profissão como médico, como psiquiatra e psicanalista. Localiza o autor o erro de Freud, ao analisar a dinâmica religiosa dentro de um aspecto sócioindividual. Partindo da distinção entre conhecimento religioso e científico, afirma que não se pode conhecer a religião, pela ciência, pois ambos não têm o mesmo denominador metodológico. A ciência não tem resposta diante da fé e esta não é esclarecida por meio da argumentação científica. Freud, segundo Zilboorg, confundiu a falsa crença da neurose com a crença religiosa e quis explicá-

la por meio do seu conhecimento científico, conhecimento antagônico ao da fé, difícil de ser conjugado com esta. Se, no lugar de afirmar a religião como neurose cultural, anti-científica, tivesse apenas centrado sua pesquisa na sua função psicossocial, que é um dos aspectos mais importantes da vida humana, teria se saído melhor. Observemos como a religião não pode ser tomada por aspectos científicos e vice-versa. Quando Freud afirma ser a religião uma neurose infantil, algum crítico poderia também inverter a situação, afirmando ser a ciência perigosa por estar ligada a uma curiosidade infantil, e ter aspectos narcísicos por confiar em demasia no poder do intelecto. Sendo assim poder-se-ia escutar: "A ciência é uma adaptação infantil e neurótica que leva à destruição da vida quando afirma que desejamos conseguir o contrário". (Zilboorg, 1969, p.39). Este argumento contra a ciência é tão fraco, quanto aquele que Freud sustenta contra a religião. Fato é que ninguém tem coragem de contradizer um cientista, pois está-se acostumado a calar diante de tudo aquilo que leva o nome de ciência, respeitando-a ao máximo. O fato também de Freud considerar a religião nociva, por impor limites extremamente limitadores à libido, deve ser revisto, pois muito antes do monoteísmo, limitações sexuais já existiam. Não foi a religião que provocou crises; a história da humanidade está cheia de passagens que envolveram a religião, provocando fases conflituosas. Exemplos podem ser citados, como a história do reino de Israel e do império romano. Além do mais, Zilboorg nega em Freud qualquer brilho como teólogo (embora reconheça que um bom cientista não precisa sê-lo), acusando-o de usar do seu conhecimento científico para negar aquilo que não conhece.

Quanto ao uso que certos indivíduos fazem da religião, deve-se apenas às suas fraquezas, fraquezas estas próprias do ser humano, relacionadas com o próprio dinamismo da vida, não estando a religião diretamente ligada a elas. Freud

desconsidera esta observação, vendo na religião apenas um fator de regressão infantil, alimentadora da dependência infantil. Talvez pelo fato de ter vivido em Viena e só ter conhecido o catolicismo católico, não tendo a oportunidade de conhecer o liberal, seja tão severo contra a igreja católica, deixando mesmo de considerar outras forças culturais que desfavorecem o individualismo humano, fator de extrema valorização para Freud. Sendo assim, esquece de valorizar o quanto o capitalismo industrial torna o homem alienado de si mesmo, concentrando a sua crítica somente na religião. Outro erro cometido por Freud foi o fato de que ao criar o aparato psíquico (consciente, pré-consciente, inconsciente) por dedução, confunde-o com a "alma." Muitas pessoas, chegam mesmo a entender a psicologia, como sendo o estudo da alma. A igreja, ciosa do seu campo, não aceita tal intromissão. Deve-se, portanto, clarear que aparato psíquico não é a alma," e que o instrumento da alma na mesma proporção que o sistema neuromuscular é um instrumento do sistema moto-sensorial. Não é uma entidade anatômica isolada; é um instrumento funcional carregado de energia, que opera, reage e dirige seus atos respondendo a estímulos" (Zilboorg, 2001, p.55).

Zilboor observa que, embora Freud seja ateu, quando diz que o homem alcança a sua maturidade psíquica somente quando abandona as suas fixações infantis conseguindo libidinizar outros objetos, que não sejam ele mesmo, alcança a ética pregada pela psicanálise e pela religião. Isto quer dizer que o indivíduo alcançou o verdadeiro amor, ou seja, a maturidade psicológica, através da maternidade ou paternidade doadoras, próprias de um adulto criativo e, abandonando parte do seu narcisismo, consegue "o domínio da sua agressividade, na harmonização do animal que nele mora, com a sua benevolência e no permanente viver a sua vida na base do amor" (Zilboorg, 2001, p.51). Assim,

constata-se que Freud, a despeito de não ser religioso, é profundamente ético e está em sintonia com aquilo que todas as religiões pregam, ou seja, o valor do amor. Outro correlato da psicanálise com a religião, está no fato de que Freud, ao perceber o sentimento de culpa difuso e as angústias dos seus pacientes, que também estão presentes em toda raça humana, de certa forma fala do pecado original. Assim, a religião contra a qual ele se opõe e a “doutrina da mesma ficam mais confirmadas do que negadas pelas descobertas psicológicas” (Zilboorg, 2001, p.57).

A psicanálise não se preocupa com a moralidade, isto é certo, no entanto, a despeito de ela estudar as formas do raciocínio religioso, apresentando as suas idéias sem sentimento religioso, isto é útil como crítica construtiva para a religião. Deve-se entender que ciência não se choca com a religião. Pode-se aceitar uma sem desmerecer a outra. Do ponto de vista psicanalítico, o inconsciente tem o seu modo de fantasiar próprio, rico em deslocamentos. Freud, por entender ser a religião uma linguagem do inconsciente, permanecendo ligada ao parricídio e incesto, não é de se estranhar que esta linguagem religiosa seja primitiva, irracional e infantil. No entanto, esqueceu-se ele de que, embora a linguagem seja primitiva, conforme assim o crê, isto não afeta a sua qualidade, como também não afeta o conteúdo de um livro em língua inglesa, ser traduzido para a francesa.

Quanto ao determinismo psicológico que os crentes não o aceitam por ir contra aquilo que mais prezam, o livre arbítrio, é preciso que se esclareça que este determinismo está localizado no aparato psíquico, construção freudiana, não havendo nenhuma contradição.

CONCLUSÃO

Quando Freud construiu a sua metapsicologia, graças à sua clínica, jamais paralisou nas suas primeiras observações. Ao longo da sua obra, esteve sempre revendo as suas anteriores observações, sempre sendo fiel ao seu espírito científico. No entanto, em relação à sua visão religiosa, jamais alterou as suas primeiras observações.

Freud, como homem cosmopolita e interessado em tudo que dizia respeito ao homem, envolve-se na pesquisa sobre a origem da religião, tema com o qual vários estudiosos estavam também, envolvidos na sua época. A antropologia e a etologia já estavam suficientemente desenvolvidas, para ajudá-lo na elaboração da sua tese. Seria ela uma dentre outras? O que se pode perceber é que Freud utilizando-se da sua metapsicologia, dá orientação psicanalítica aos fenômenos religiosos, e sendo assim ganha um destaque ante os demais. O que apresentou ele de diferente foi o aspecto subjetivo que envolve todo fenômeno religioso, que só é possível ocorrer, pelo fato de ser o homem pulsional e, como tal, desejar o tempo todo. O desejo é sempre atualizado pela pulsão que pulsa sem parar. Para ele, a

religião está intrinsecamente ligada ao desejo pulsional. E qual seria este desejo que move o homem para a religião? Para Freud, o homem tem desejo de onipotência. No seu narcisismo grandioso, que nunca é abandonado, sempre quer dominar a realidade e transformá-la segundo a sua vontade. Mas, cedo, o homem percebe que nem sempre isto é viável. A realidade com a qual defronta, conta-lhe outra verdade. A natureza lhe é hostil, bem como os homens, seus irmãos, também o são. Daí, vai ele deslocar esta sede de onipotência para um pai todo poderoso. A criança o desloca inicialmente para o pai biológico, fazendo-o seu herói, enquanto que em termos sociais, há a criação coletiva de um Deus todo onisciente e poderoso, capaz de intervir em todos os momentos. Freud mostra o quanto este tipo de fé é infantil e, ao mesmo tempo, rica em deslocamento, movimento psíquico do reino do inconsciente.

Sendo assim, a religião para ele é profundamente marcada pela motivação e afeto, entendendo afeto aqui com tudo o que se relaciona com a angústia, medo, amor e ódio.

Freud sempre destaca o valor do imaginário tanto nas histéricas, como também em toda movimentação religiosa. Faz isto ao perceber que nem sempre vivemos em contato com a realidade. Dores nem sempre têm fonte biológica, e a imagem de Deus criada, pelo homem, também não condiz com a verdadeira realidade divina. Tanto o homem religioso quanto a histérica estão envolvidos com o seu imaginário. Parafraseando Freud, estão eles envolvidos com ilusões que não são propriamente um erro. A ilusão está correlacionada ao desejo. O desejo leva a criação de imagos, carregadas de afeto, que não correspondem à imagem verdadeira do real.

Quando o crente manifesta a sua fé, apresentando-a através de um Deus, que recebe aparência e atributos humanos, quando a histérica apresenta a sua doença através de um significante, suas somatizações, em ambos os casos, não há correspondência com a verdade do real, mas correspondência com uma fantasia, travestida de verdade. Por causa dos deslocamentos, das fantasias presentes tanto no neurótico, como também no homem religioso, Freud estabelece um paralelo entre ambos.

O ser humano, carente de amparo e segurança, desejoso de ser nutrido emocionalmente, e desperto quanto à sua impotência, tem em si próprio um terreno propício para que se estabeleça a identificação com pessoas e imagens que o social estabelece como essenciais. Daí, surgir a mitologia de cada povo, que antes de mais nada é a expressão de suas histórias concretas.

A religião, sensível à psique humana, capta este desejo de amparo com agudeza, e oferece ao crente alguém que pode saciá-lo emocionalmente. Assim como está o côncavo para o convexo, está também o crente para a religião. No entanto, Freud espera que esta fé no grande pai protetor seja passageira. Apoiado nas formulações comtianas, segundo as quais humanidade passaria por três idades de cultura: a mítica, a religiosa e a científica, entende que a idade religiosa estaria prestes a desaparecer, por ser ela representante de uma fase infantil, dando espaço à fase científica mais amadurecida. Segundo esta maneira de pensar, há incompatibilidade entre a fé e a ciência.

O crente, com a sua fé, declara que para ele sempre haverá um pai grandioso prestes a socorrê-lo em todas as suas necessidades. Urge que ele

alcance a idade adulta, para ter confiança em si, e assim sendo, seja responsável pela sua vida.

As críticas a Freud são muitas. Os dois mais contundentes críticos são Malinowski e de Jung.

Malinowski, antropólogo inglês, não valoriza o complexo de Édipo como sendo universal, por existirem tribos indígenas matriarcais em que o complexo não ocorre. No entanto, a sua maior crítica está no fato de Freud transferir para a noite dos tempos toda idiossincrasia da vida patriarcal dos últimos séculos. Também afirma o autor que na vida animal a expulsão do filho ocorre naturalmente, desde que tenha alcançado uma etapa adequada de amadurecimento do instinto. Estes, certamente, não precisariam matar o pai para ter as mulheres. Bastaria que este se afastasse, para saciarem livremente os seus desejos. Além disso, falar em remorso diante da morte do pai, que ocasionou o mito científico de Freud, é adiantar todo um processo cultural que é laboriosamente construído ao longo das eras. Desta forma, Malinowski desarma o mito científico de Freud, bem como a universalidade do complexo paterno, não o vendo na filogênese, mas como um processo cultural.

Para Jung, o fato de discordar, de que toda religiosidade tem fundo sexual estremeceu a amizade entre ambos, já que Freud o via como seu herdeiro mental. Para ele fazer uma relação estreita entre sexualidade e religião passaria a ser um dogma. Para Jung, há outras coisas além da metapsicologia freudiana que podem explicar a gênese da religião. Uma delas é a noção de arquétipo. Conhecer o inconsciente leva à religião e à cura, conseqüentemente, pois o crente aproxima das imagens primordiais, arquétipos, anteriores a toda experiência individual. A religião, contrariamente à idéia de Freud, que afirma ser ela uma neurose, é um processo terapêutico, pois por meio dela o indivíduo pode regularizar as suas energias que,

por algum motivo, sofreram paralisação no fluxo energético. Esta paralisação impede a integração das dimensões conscientes e inconscientes.

Jung crê na existência do inconsciente coletivo, que se manifesta por meio de um substrato universal, arquétipo, comum a todos nós. Um dos arquétipos é o arquétipo-Deus. Ele vem a ser uma modalidade de funcionamento mental inerente a todos os humanos, portanto, é uma realidade psíquica, algo intrínseco ao sujeito. Daí, se deduz, que estar em contacto com as energias arquetípicas é estar em união com o que há de mais verdadeiro da nossa realidade psíquica, e isto é curativo.

Apesar de todas as contendas contra a psicanálise, devem-se considerar suas concepções, e com isto se enriquecer. Basta que se reflita, de maneira desapassionada, a respeito de suas observações críticas.

Não obstante Freud ter suas reservas contra a religião, não se pode deixar de valorizar a sua fala, quanto à criação de imagens que os humanos tendem fazer à respeito da figura de Deus. Sabe-se que imagens são carregadas de sentimentos e experiências pessoais e da própria história de cada povo. Constatando, juntamente com Freud, que imagens são diferentes da realidade, percebe-se assim, que as imagens favorecem ao aparecimento da magia que muitas vezes se confunde com a religião, campo empapado de superstições que nada têm a ver com o seu sentido mais profundo. Todas as vezes que isto acontece, fica o crente mais afastado da verdadeira experiência religiosa, que transcende qualquer religião.

Para se crer em Deus, não é necessário estar-se envolvido com alguma religião institucionalizada, basta se ter a compreensão de que a verdadeira experiência religiosa não separa o sagrado de profano. Ela, ao contrário, reintegra em um só os dois campos, tradicionalmente separados. Desta maneira, somos

pequeninhas deuses quando atuamos na realidade, ajudando nossos companheiros, e tendo a coragem de admitir Deus menos onipotente em nossas vidas, para assim nos sentirmos mais fortes, já que o bem que nos acontece vem da cooperação entre todos. Foi ele quem nos criou, mas quer que cresçamos por nós mesmos. Ele nos fez, mas o acabamento é nosso. Ao se ter esta compreensão, despreza-se toda necessidade de se construírem igrejas, altares. Nós somos um grande altar, quando estamos dispostos a atuar dentro do princípio da realidade, e não mais dentro das leis do inconsciente com seus deslocamentos, projeções, introjeções e fantasias de onipotência.

A psicanálise vem, então, desconstruir toda uma crença que os grandes da igreja ajudaram a construir: somos fracos e pecadores, Deus está lá no céu e, para a ele se chegar, há a necessidade de que os seus ministros intervenham. Esta maneira de conduzir o homem o torna passivo, o aliena da sua responsabilidade e do seu poder, trazendo-o para junto da igreja temeroso e frágil. O Deus-onipotente está distante e precisa de sacrifícios e doações de várias espécies. "Ir para o céu" é uma façanha quase hercúlea, já que poucos preenchem todos os requisitos; daí a culpa e expiações infundáveis.

A psicanálise vem desmistificar tal crença, trazendo ao homem a possibilidade de ser livre dos seus medos e angústias. Chama-o ao princípio da realidade, ao autoconhecimento. Mostra que a palavra da bíblia é a história de um povo que se manteve unido, na crença de um Deus monoteísta, mas não é palavra direta e, sim, indireta, pois usa a linguagem própria de um povo e da sua história, para a ele se chegar.

Assim, apesar de Freud ser ateu convicto, está mais próximo da fé do verdadeiro crente, que crê sem ver. Sabe ouvir, nas entrelinhas, das palavras do seu

próximo, o pedido de ajuda. O seu Deus, que ele concebe, não tão onipotente, mas atuante no dia a dia, não habita no céu, mas está presente nas relações de trocas que os indivíduos estabelecem entre eles. Homem de fé renuncia ao imaginário religioso, já que evita definir, localizar ou coisificar Deus, que, mesmo com todo o nosso atual aparato intelectual, continua incognoscível.

Da mesma forma que Jesus nos apresenta uma Boa Nova, a psicanálise, ao decompor toda movimentação psíquica que leva o homem a se ajustar às idéias religiosas, oferecidas pelo social, nada mais faz do que destruir todos os elementos patológicos relacionados com a religião. A sua Boa Nova também está em mostrar como a educação é de fundamental importância na construção das personalidades. Estas se formam a partir das internalizações das figuras importantes. Sendo assim, são com os esquemas referenciais destes modelos que se constroem as novas personalidades. É no diálogo comunitário que elas se afirmam, e posteriormente nos grandes grupos. Reconquistar a autonomia do homem diante de si mesmo é o que a terapia oferece ao indivíduo, por desmistificar as internalizações que o Outro lhe insuflou. Sendo assim, a terapia irá ajudar ao homem a ser livre, mais saudável psicologicamente, independente de que tenha ele fé ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTER, Wilhelm. **Psicoterapia y Experiencia Religiosa**. Salamanca: Sigueme, 1967.

COHEN, Abner. **O homem bidimensional**. Trad. Sônia Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COHEN, Pierre. **O Homem Bidimensional**. Trad. Sônia Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus: Diálogo entre Psicanálise e Fé**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da vida Religiosa** Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____ **Da Divisão do Trabalho Social**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DWARD, Lopes. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1975.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**. Psicanálise do vínculo social. Trad. Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FILORAMO, Giovanni. **As Ciências das Religiões** Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus, 1999.

FREUD, Sigmund. **Atos Obsessivos e práticas religiosas** (1907). Rio de Janeiro, 1967 V. IX (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **Totem e Tabu** (1913) Rio de Janeiro, 1967 V. XXI (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **O Inconsciente** (1915) Rio de Janeiro, 1967 V. XIV (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **Psicologia de Grupo e Análise do Ego** (1921) Rio de Janeiro, 1967 V. XXI (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **Um Estudo Auto-Bibliográfico** (1925) Rio de Janeiro, 1967 V. Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **O Mal Estar da Civilização** (1930)) Rio de Janeiro, 1967 V. XXI (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

_____ **Moises e o Monoteísmo(1939)** Rio de Janeiro, 1967 V. XXIII (Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud).

GARCIA, Rosa e Luiz Alfredo. **Introdução a Metapsicologia Freudiana** 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1996

GREENSON, Ralph R. **A Técnica e Prática da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

HECK, José N. Metapsicologia e Mitos de Origem em Sigmund Freud *in* **Fragments de Cultura**. V. 1, N. 1(1991). Goiânia: IFITEG.

LAPLANCHE e Pontalis. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACEDO, Rose Marie. **Textos da Fogueira** .Brasília: Letrativa,2000.

MARTELLI, Stefano. **A religião na Sociedade Pós- moderna**. Trad. Euclides Martins Boloncin. São Paulo: Paulinas,1995.

MIRCEA, Eliade. **Mito e Realidade** .São Paulo:Perspectiva.1972.

MEZAN, Renato. **Freud, Pensador da Cultura** São Paulo: Brasilense,1985

_____ **Tempo de Muda: Ensaio de psicanálise** São Paulo: Companhia das Letras.1950.

NÁSIO, Juan David. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1993.

PALMER, Michel. **Freud e Jung sobre a Religião**. São Paulo:Loyola,2001.

PEIXOTO, Junior. A teoria freudiana do social *in* **Metamorfose entre o Sexual e o Social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1999.

PIMENTEL, Sidney Valadares; Janaína, Amado. José N. Heck *in* **Passando dos limites** / organizado por Sidney Valadares Pimentel e Janaína Amado.Goiânia:U F G.1995.

PRITCHARD-Evans. **História do Pensamento Antropológico**. Lisboa: Edição70.

1985.

SOETZEL, Jean. **Psicologia Social** Trad. Haidée Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991. 2^o edição.

ZILBOORG, Gregory. **Psicanálise e Religião**. Petrópolis: Vozes Limita, 1969.
